



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

KATHARINE MARQUES MUNIZ GUIMARÃES

**O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO
DE FILHOS ADOLESCENTES: UM ESTUDO EM FAMÍLIAS DE
CAMADA MÉDIA URBANA**

Salvador
2017

KATHARINE MARQUES MUNIZ GUIMARÃES

**O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO
DE FILHOS ADOLESCENTES: UM ESTUDO EM FAMÍLIAS DE
CAMADA MÉDIA URBANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial a obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dr^a Livia Alessandra
Fialho Costa.

Salvador
2017

UCSAL. Sistema de Bibliotecas.

G963 Guimarães, Katharine Marques Muniz.
O desenvolvimento da autonomia na educação de filhos
adolescentes: um estudo em famílias de camada média urbana /
Katharine Marques Muniz Guimarães. – Salvador, 2017.
172 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família
na Sociedade Contemporânea.

Orientação: Profa. Dra. Livia Alessandra Fialho Costa.

1 Práticas educativas parentais 2. Desenvolvimento da autonomia
3. Adolescência 4. Família – Educação dos filhos I. Título.

CDU 159.922.73:316.356.2

TERMO DE APROVAÇÃO

Katharine Marques Muniz Guimarães

**“O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO DE FILHOS
ADOLESCENTES: um estudo em famílias de camada média urbana”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 29 de março de 2017.

Banca Examinadora:


Prof.^a Dr.^a Livia Alessandra Fialho da Costa
Orientador(a) - (UCSAL)


Prof.^a Dr.^a Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos - (UCSAL)


Prof.^a Dr.^a Anamélia Lins e Silva Franco - (UFBA)

Dedico esta dissertação aos pais e mães participantes deste estudo, que se mostraram tão disponíveis e contribuíram de maneira singular para a pesquisa científica sobre este tema.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus, por me iluminar e guiar sempre meu caminho, pela força e perseverança para o cumprimento desta meta.

Agradeço aos meus pais, Eliana e Aristoteles, por todo amor incondicional e educação. Reconheço todos os incentivos e renúncias dos seus desejos para que eu pudesse realizar os meus. Dedico a vocês, com muito amor, essa minha conquista.

Ao meu esposo, Antônio Neto, pelo nosso amor, incentivo, aconchego para enfrentar os desafios vivenciados nessa longa e árdua jornada. Obrigada por compreender as razões do meu recolhimento para produzir esta Dissertação. Partilho a alegria desse momento.

À minha irmã, Katriana, amor incondicional. Sempre um porto.

Aos meus amados afilhados, Pedro e Maria, as minhas maiores preciosidades! Vocês trazem tanta luz e gosto para minha vida, um amor especial.

Aos meus saudosos avós. O meu Avô Jaime, maior exemplo de perseverança na busca do conhecimento e que apesar das dificuldades soube transmitir toda a sua sabedoria. À minha avó Lizette, exemplo de amor à família, dedicação, delicadeza e força feminina.

À minha orientadora, Dr^a Lívia Alessandro Fialho Costa, por ter acreditado em meu potencial e por todo aprendizado compartilhado. Agradeço pela delicadeza, compreensão e sensibilidade no compartilhamento deste meu aprendizado.

Às professoras Dr^a Ana Cecília Bastos e Dr^a Anamélia Lins e Siva Franco, por terem acolhido o meu trabalho e pelas preciosas contribuições.

Às minhas amigas pela compreensão, apoio incondicional e inúmeros diálogos imprescindíveis à finalização desta tarefa. Amo todas vocês! Cada uma de maneira especial contribuiu de forma primorosa. À Lore, que me estendeu fortemente as mãos, numa demonstração sincera de generosidade e amizade que nasceu dessa parceria. Tenho a plena convicção de que você foi guiada pelos anjos superiores e assim eu a reconheço. Serei eternamente grata por toda dedicação, paciência e inúmeros diálogos imprescindíveis à finalização desta tarefa. À Dani, agradeço com muito amor e carinho pelo constante incentivo, amizade, cuidado e paciência. À Karlinha, por todo amor, parceria, ricas trocas e entrega incondicional. À Thê, pela irmandade de sempre, amor e exemplos de força e determinação. À San, os meus mais profundos

agradecimentos por todo afeto, amizade, apoio e incentivo a prosseguir. À Nina, pela amizade, exemplo de força e competência profissional. O meu muito obrigada por todas as oportunidades e por acreditar em meu potencial.

À Priscila, Bia e Vanes, pelo carinho, trocas de experiências e sugestões feitas a esta dissertação.

À tia Tina, por todo amor, aprendizados e exemplos de resiliência.

A Alexandre Amaral, eterno professor. Quem me apresentou a Terapia Familiar Sistêmica e a quem devo gratidão. Só tenho a agradecer por todos os ensinamentos.

A toda família Humanitas que tenho o prazer de compartilhar ricos aprendizados humanos e profissionais. Agradeço pelos inúmeros diálogos estabelecidos.

Aos entrevistados, o meu eterno agradecimento por toda a disponibilidade e narrativas que possibilitaram a construção desse trabalho.

Agradeço a todos os pacientes que me escolhem para escutar e acolher suas histórias. É com muito carinho e dedicação que me comprometo na busca conjunta por histórias alternativas mais saudáveis.

À Dr^a Solange Rubim de Pinho e a Dr. Gilberto Lago (*in memoriam*), por todo acolhimento, oportunidades e exemplos de seres humanos e profissionais.

A todos os professores e funcionários do Programa de Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador - UCSA. Um agradecimento especial à Carlinha e Lú, por toda calorosa recepção e disponibilidade.

Ao grupo de pesquisa, Família, (auto) biografia e poética (UCSAL), em especial às professoras Dr^a Elaine Rabinovich e Dr^a Ana Cecília Bastos, pela honrosa oportunidade que me ofertaram de participar de um universo bastante incentivador.

Aos colegas profissionais que me permitiram acessar os participantes desta pesquisa.

Aos meus colegas do mestrado com quem dividi desafios, medos, aprendizados e conquistas.

À FAPESB pelo apoio financeiro por meio da concessão de bolsa de estudo.

GUIMARÃES, Katharine Marques Muniz. **O desenvolvimento da autonomia na educação de filhos adolescentes**: um estudo em famílias de camada média urbana. 172f. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador. Salvador, 2017

RESUMO

É crescente a necessidade de rediscutir e repensar compreensões cada vez mais ampliadas sobre as relações intrafamiliares e os padrões de interação entre pais e filhos, como aspectos que interferem na criação dos filhos e na constituição de pessoas autônomas e colaborativas em seus diversos contextos. Nesse viés, o contexto familiar e as práticas educativas adotadas por pais e mães são aspectos centrais para o desenvolvimento da autonomia de seus filhos. Diante do exposto, temos como objeto de pesquisa a participação de pais e mães de adolescentes por meio de suas dinâmicas de interações vivenciadas em suas práticas educativas desempenhadas no exercício da parentalidade. Temos como problema de pesquisa: Como as práticas educativas de pais e mães da camada média urbana de Salvador contribuem no processo de desenvolvimento da autonomia de seus filhos? Para respondê-la, levantamos como objetivo geral: i) analisar a compreensão de pais e mães acerca de suas práticas educativas relacionadas ao desenvolvimento da autonomia de seu(s) filho(s) adolescente(s) e como específicos: ii) investigar as concepções de autonomia para pais e mães de filhos adolescentes; iii) compreender as práticas educativas de pais e mães relacionadas ao desenvolvimento da autonomia dos seus filhos adolescentes; e iv) discutir o papel parental no desenvolvimento da autonomia de filhos adolescentes na contemporaneidade. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa (MINAYO, 2010) e exploratória (YIN, 2010), sendo um estudo de casos múltiplos. Foram realizadas entrevistas abertas com três pais e três mães, casados entre si, do modelo de família nuclear. Aplicamos uma questão disparadora para permitir que os entrevistados respondessem de forma livre. Para a obtenção de dados complementares foi utilizado um roteiro de identificação com dados relacionados a cada participante. Posteriormente, as entrevistas foram analisadas com base na construção de categorias de análise de conteúdo (MINAYO, 2010). Foi feito uso de aportes teóricos sistêmicos (BOWEN, 1991; MINUCHIN, 1982, 2003, 2008; BRONFENBRENNER, 1996, 2011), com o intuito de fundamentar a análise e compreensão dos dados. Obtivemos como resultado relevante que o desenvolvimento da autonomia dos adolescentes é um processo contínuo, complexo e relacional e acontece na relação do indivíduo com a família e a sociedade mais ampla. Observamos que cada uma das famílias em estudo apresenta especificidades em relação às suas crenças e valores que medeiam o processo de educação dos filhos, como uma experiência única.

Palavras-chave: Práticas Educativas Parentais. Desenvolvimento da Autonomia. Adolescência.

GUIMARÃES, Katharine Marques Muniz. **The development of autonomy in education of teenagers:** a study on urban middle-tier families in Salvador (Bahia, Brazil). 172pp. 2017. Master thesis-graduate program in Family in contemporary society, the Catholic University of Salvador, 2017

ABSTRACT

There is a growing need to rediscuit and rethink increasingly extended understandings about intrafamily relationships and patterns of parent-child interaction as aspects that interfere with parenting and the constitution of autonomous and collaborative people in their various contexts. In this bias, the family context and the educational practices adopted by fathers and mothers are central aspects for the development of the autonomy of their children. In view of the above, the present study has the objective of research the participation of parents and adolescents through their dynamics of interactions experienced in their educational practices performed in the exercise of parenting. We have as a research problem: How do the educational practices of urban middle-class parents contribute to the process of developing their children's autonomy? In order to answer this question, we have as a general objective: (i) to analyze the parents' understanding of their educational practices related to the development of the autonomy of their adolescent child (ren) and how specific: (ii) Conceptions of autonomy for fathers and mothers of adolescent children; lii) understand the educational practices of parents related to the development of the autonomy of their adolescent children; And iv) to discuss the parental role in the development of the autonomy of adolescent children in contemporary times. The methodology used was qualitative (MINAYO, 2010) and exploratory (YIN, 2010), being a multiple case study. Open interviews were conducted with three parents and three mothers, married to each other, of the nuclear family model. We applied a triggering question to allow respondents to respond freely. To obtain additional data an identification roadmap was used with data related to each participant. Subsequently, the interviews were analyzed based on the construction of categories of content analysis (MINAYO, 2010). It was made use of systemic theoretical contributions (BOWEN, 1991; MINUCHIN, 1982, 2003, 2008; BRONFENBRENNER, 1996, 2011), in order to base the analysis and understanding of the data. We obtained as a relevant result that the development of adolescents' autonomy is a continuous process, complex and relational and happens in the relationship of the individual with the family and the wider society. We observed that each of the families studied presents specifics regarding their beliefs and values that mediate the process of raising their children as a unique experience.

Key words: Parental Educational Practices. Autonomy Development. Adolescence.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CNS	Conselho Nacional de Saúde
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EPP	Escalas de Práticas Parentais
FAPESB	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
Index Psi	Index Psi Periódicos Técnico-Científicos
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
PePSIC	Periódicos Eletrônicos em Psicologia
QLP-A	Questionário de Ligação Parental - forma adolescente
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SPAI-C	Inventário de Ansiedade e Fobia Social para crianças

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Identificação das famílias participantes	59
Quadro 2	Os participantes e suas concepções de autonomia	126

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2	AUTONOMIA: UMA REVISÃO COM FOCO EM CUIDADO PARENTAL NA ADOLESCÊNCIA	20
2.1	FAMÍLIA E EDUCAÇÃO DOS FILHOS NA CONTEMPORANEIDADE.....	29
2.2	FAMÍLIAS COM FILHOS ADOLESCENTES: UM DESPERTAR PARA A REALIDADE EM CAMADAS MÉDIAS URBANAS	37
3	O PAPEL PARENTAL NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA: UM OLHAR CONTEXTUALIZADO	42
3.1	ESTILOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS	42
3.2	O ENFOQUE SISTÊMICO COMO INVESTIGAÇÃO DO CUIDADO PARENTAL..	45
4	METODOLOGIA	54
4.1	OBJETIVOS DA PESQUISA	54
4.2	DESENHO DO ESTUDO.....	54
4.3	PARTICIPANTES.....	55
4.4	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	56
4.5	TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS	57
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	60
5.1	FAMÍLIA SILVA	62
5.1.1	Breve história de vida do participante, de formação do casal e do(s) filho(s) adolescente(s)	62
5.1.2	Os participantes e suas concepções de autonomia frente às suas práticas educativas	67
5.1.3	Para além do contexto familiar: relato dos pais sobre outros contextos e interações do(s) filho(s) adolescente(s)	75
5.1.4	O participante frente à adolescência do(s) filho(s)	78
5.1.5	Discussão do caso: Família Silva	81
5.2	FAMÍLIA SANTOS.....	89
5.2.1	Breve história de vida do participante, de formação do casal e do filho(s) adolescente(s)	89
5.2.2	Os participantes e suas concepções de autonomia frente às suas práticas educativas	92
5.2.3	Para além do contexto familiar: relato dos pais sobre outros contextos e interações do(s) filho(s) adolescente(s)	98
5.2.4	O participante frente à adolescência do(s) filho(s)	100
5.2.5	Discussão do caso: Família Santos	102
5.3	FAMÍLIA SOUZA	109
5.3.1	Breve história de vida do participante, de formação do casal e do(s) filho(s) adolescente(s)	109
5.3.2	Os participantes e suas concepções de autonomia frente às suas práticas educativas	112
5.3.3	Para além do contexto familiar: relato dos pais sobre outros contextos e interações do(s) filho(s) adolescente(s)	117
5.3.4	O participante frente à adolescência do(s) filho(s)	120
5.3.5	Discussão do caso: Família Souza	122
5.4	DISCUSSÃO GERAL.....	127
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
	REFERÊNCIAS	160
	APÊNDICES	171

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Abordar o universo da família no contexto da contemporaneidade requer considerar as aceleradas transformações ocorridas na sociedade em diversos âmbitos, como: político, econômico, sociocultural. Tais mudanças vêm afetando o modo de vida e de relação entre os indivíduos e provocado mudanças substanciais nas organizações familiares, e, conseqüentemente no exercício da parentalidade. São exemplos de repercussões no âmbito familiar: a participação das mulheres no mercado de trabalho de maneira mais incisiva, a diminuição das famílias numerosas e o incremento das demandas de cada fase do ciclo vital.

No bojo dessa discussão, a temática da parentalidade tem sido amplamente explorada pelos psicólogos do desenvolvimento para avançar na compreensão sobre diversos processos de desenvolvimento. A abrangência e relevância podem ser dimensionadas pelos estudos que revelam os impactos subjetivos e comportamentais dos pais, mediante as suas crenças, valores e expectativas no exercício de suas funções e papéis de pais e mães (PICCININI; ALVARENGA, 2012).

Diante disso, é crescente a necessidade de rediscutir e repensar compreensões cada vez mais ampliadas sobre as relações intrafamiliares, os padrões de interação entre pais e filhos, os modelos de relacionamentos, a incorporação de novas formas de educação e negociações no cotidiano das famílias. Isso porque todos esses aspectos interferem na criação dos filhos e na constituição de pessoas autônomas e colaborativas em seus diversos contextos.

Desta maneira, em alguns casos, muitos pais e mães apresentam dificuldades na organização de suas famílias e na educação dos filhos na contemporaneidade ao tentarem estabelecer padrões que correspondam às suas próprias demandas, muitas vezes, num descompasso entre velhos e novos modelos no exercício da parentalidade. Assim, o processo de educar envolve importantes fatores: a história de vida e de educação dos progenitores e os seus diferentes contextos de desenvolvimento; a relação estabelecida entre eles e com as famílias de origem do(a) parceiro(a); bem como os ambientes de interação em que todos os membros da família estão inseridos.

Os desafios no exercício da educação de filhos adolescentes tendem a se intensificar devido a uma maior necessidade de diferenciação¹ dos jovens em relação ao seu grupo familiar, a fim dos filhos explorarem suas habilidades diante do mundo e de si mesmos. Enquanto tentam estabelecer a auto identidade, buscando maior autonomia e autoafirmação nos ambientes familiar e social, os adolescentes, muitas vezes, discordam dos pais em relação a ideias, crenças, valores e passam a questioná-los mais frequentemente (PRETO, 1995).

A autora supracitada, ao abordar essa etapa de vida da família, afirma que os adolescentes vivenciam um crescente interesse por mais atividades. Ainda segundo esta, as alianças fora de casa aumentam para se tornarem mais autoconfiantes e independentes; a influência dos iguais se torna mais forte, sendo um período marcado pela transição entre a obediência às regras impostas por seus pais. Regras que, por sinal, passam a ser questionadas criticamente, e outras criadas a partir de negociações feitas entre ambas às partes.

De acordo com Buchianeri (2012), este período não ocorre de maneira linear e é composto por vivências subjetivas complexas, havendo rupturas da dependência infantil, aumento dos conflitos familiares, confronto de valores e gerações, aumento do ritmo de vida do adolescente, novas ideias, valores e maior capacidade para adaptações afetivas, de hábitos e rotinas. Desta maneira, esta é uma fase em que os valores familiares costumam ser questionados mais intensamente pelos adolescentes, provocando-lhes rupturas das crenças infantis, bem como o aumento de tensões e conflitos no âmbito doméstico, em vista do crescimento do adolescente em direção à fase adulta.

Neste seguimento, ressaltamos a variabilidade de experiências vivenciadas pelos adolescentes em cada grupo social, inseridos em todos os seus contextos de interações sociais mais amplos, com acentuadas transformações biológicas, psicológicas e comportamentais, bem como as mudanças sentidas por suas famílias. Não obstante, destacamos a família por ser o primeiro núcleo de socialização dos

¹Conceito central para a compreensão sobre o sistema emocional humano, criado por Murray Bowen, um dos precursores da Terapia Familiar Intergeracional. A diferenciação do eu é uma força vital instintiva do ser humano, que impulsiona o desenvolvimento da criança ao crescimento, a fim de que possa se tornar uma pessoa emocionalmente independente, um indivíduo com capacidade de pensar, sentir e agir por si mesmo. Diferenciar diz respeito à singularidade do sujeito, aos aspectos específicos que cada membro familiar possui e pretende que seja respeitado pelos demais, o que o torna ímpar e diferente de qualquer outra pessoa, mesmo daquelas pertencentes à sua família de origem (BOWEN, 1991).

filhos e por exercer funções primordiais de garantia de proteção, socialização, exploração dos contextos e ganho de autonomia (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Deste modo, pais e filhos passam por uma fase de profundas transformações, as quais repercutem em toda a família, necessitando se reorganizarem para lidar com as novas demandas, tanto nos âmbitos pessoais quanto familiar. Nesta etapa do ciclo de vida, esta relação vivencia “um processo emocional de transição [...] procurando alterar alguns padrões de relacionamento”, para que sejam possíveis mudanças de velhos padrões, aumentando a flexibilidade das fronteiras familiares², de modo a garantir a autonomia dos filhos e, portanto, o crescimento destes dentro e fora da família (CERVENY, 2002, p. 91).

Neste cenário subjetivo, a adolescência é assinalada por um importante marcador desenvolvimental, a autonomia, sendo este um constructo complexo, balizado por variáveis contextuais e que influencia na maneira de *ser* e de *agir* em sociedade. Partindo do pressuposto do contexto familiar e do modelo dos pais em relação às suas formas de educar, levando-se em conta que as conexões próprias de cada família interferem em construções favoráveis ou desfavoráveis para o desenvolvimento da autonomia de seus filhos, o presente estudo tem como objeto de pesquisa a participação de pais e mães de adolescentes por meio de suas dinâmicas de interações vivenciadas em suas práticas educativas desempenhadas no exercício da parentalidade.

Não se trata, portanto, de uma investigação das práticas educativas de pais e mães categorizando-as em tipos ou modelos, mas analisar o discurso de mundo vivido por pais e mães de filhos adolescentes pertencentes à camada média urbana da cidade de Salvador. Buscamos acessar as suas compreensões e comportamentos que medeiam o processo de educação dos filhos, tornando possível um olhar mais sensível e que contemple o atendimento mais efetivo das demandas tanto da família quanto da sociedade na contemporaneidade.

² Minuchin (1982), em sua abordagem estrutural da família, postula a mesma a partir de três componentes essenciais: a estrutura, os subsistemas e as fronteiras, os quais serão abordados no decorrer desta dissertação. A estrutura da família envolve um conjunto de regras veladas que governam as transações da família. De acordo com Nichols; Schwartz (1998, p. 191), “os indivíduos, os subsistemas e as famílias, como um todo, são demarcados por fronteiras interpessoais, barreiras invisíveis que envolvem os indivíduos e os subsistemas, regulando a quantidade de contato com os outros. As fronteiras servem para proteger a autonomia das famílias e de seus subsistemas, lidando com a proximidade e a hierarquia”.

Assim, o presente estudo é norteado pelas seguintes questões de pesquisa: Qual a concepção que pais e mães de adolescentes de camada média urbana soteropolitana têm acerca da autonomia? Como as práticas educativas de pais e mães dessa camada média urbana contribuem no processo de desenvolvimento da autonomia de seus filhos? Como a parentalidade influencia no desenvolvimento da autonomia de filhos adolescentes nessa camada média urbana?

Para responder a estas questões, o presente estudo apresenta como objetivo geral: i) analisar a compreensão de pais e mães soteropolitanos acerca de suas práticas educativas voltadas ao desenvolvimento da autonomia de seu(s) filho(s) adolescente(s). Como objetivos específicos vislumbramos: ii) investigar as concepções de autonomia para pais e mães de filhos adolescentes; iii) compreender as práticas educativas de pais e mães relacionadas ao desenvolvimento da autonomia dos seus filhos adolescentes; e iv) discutir o papel parental no desenvolvimento da autonomia de filhos adolescentes na contemporaneidade.

Para a elaboração deste estudo, participaram três casais pertencentes a famílias de camada média urbana³, residentes na cidade de Salvador, Bahia, sendo três pais e três mães (total de seis participantes), casados entre si, sem a presença de filhos oriundos de união/conjugalidade anterior, pertencentes ao modelo de família nuclear composta por um homem, uma mulher e os filhos partilhando uma mesma habitação. Nestas famílias, os pais são os adultos responsáveis pela educação dos filhos desde o nascimento.

Também adotamos como critério metodológico para a seleção destas famílias o fato de possuírem pelo menos um filho adolescente do gênero masculino ou feminino, na faixa etária entre 14 e 16 anos, período, segundo Krauskopof (1999), que compreende a adolescência média, marcado por uma acentuada preocupação com a afirmação social, busca por autonomia, diferenciação do grupo familiar, luta pela perda da idealização em relação aos progenitores e interesse em novas atividades.

³ Antes de tudo, é necessário explicar que estas famílias foram consideradas, neste estudo, como pertencentes à camada média por indicadores como potencial de consumo de bens e serviços dos quais dispõem, de forma a não apenas suprir suas necessidades de sobrevivência, bem como a permitirem-se formas variadas de lazer e cultura, não tendo sido utilizado nenhum método de classificação econômica pré-estabelecido. O primeiro casal de pais do estudo foi indicado a partir do contato da pesquisadora com profissionais psicólogos de sua rede profissional que trabalham como psicoterapeutas clínicos no atendimento a famílias com filhos adolescentes, na cidade de Salvador, Bahia. Para a seleção dos demais participantes utilizamos a técnica bola de neve, em que os indivíduos primeiramente selecionados indicaram novos participantes de suas redes de contatos que consideravam aptos a contribuir com os objetivos da pesquisa, a partir dos critérios apresentados nesta e, assim, sucessivamente.

Optamos por estudar famílias de camada média urbana porque buscamos compreender as particularidades vivenciadas por este grupo social, que tem acesso aos bens de consumo e a maiores informações sobre a educação dos filhos no bojo das transformações da sociedade brasileira e que, ao mesmo tempo, devido a sua maior inserção social e econômica, vivencia sentimentos de medo e insegurança em relação à saída dos filhos do âmbito familiar e perda do controle dos pais. Da mesma maneira, consideramos a lacuna existente em pesquisas que se debruçam às realidades de famílias pertencentes às camadas médias urbanas da população, sobre as quais nem sempre o acesso do pesquisador é facilitado, pois a relação público/privado se dá de maneira mais restrita.

Diante do que foi exposto e trazendo também uma das minhas⁴ inquietações profissionais, cabe dizer que a escolha por estudar este público-alvo dentro desta temática resulta da minha trajetória como psicóloga clínica, na qual realizo atendimento e acompanhamento de famílias com filhos adolescentes. Durante o exercício de minha inserção profissional, percebo que são frequentes as dificuldades apresentadas por pais e mães em lidar com comportamentos de afirmação de seus filhos e em permitir que eles assumam seus novos papéis, tão importantes para uma transição efetiva à fase adulta, muitas vezes interpretados como uma ameaça à autoridade parental. Do mesmo modo, percebo que muitos adolescentes queixam-se que seus pais não respeitam a individualidade deles e que sentem dificuldades em expressarem seus posicionamentos, desejos e medos.

A relevância deste estudo está na sua tendência a gerar impactos nas produções atuais sobre o tema, podendo subsidiar novas pesquisas sobre o processo educativo de filhos adolescentes em famílias de camada média urbana, a fim de possibilitar reflexões acerca da parentalidade na contemporaneidade. Poderá, também, contribuir com o aprimoramento de conhecimentos que favoreçam aportes mais consistentes para profissionais que trabalham com famílias com adolescentes, favorecendo a ampliação de novas dimensões que envolvem a autonomia no processo de educar. Além disso, os aportes deste trabalho são de valia para pais em

⁴ Quando faço o uso da primeira pessoa do singular e me apresento no texto é para destacar e chamar atenção para o que me levou a pesquisar o tema abordado. No entanto, de modo geral, ao longo do texto, opto por escrevê-lo na primeira pessoa do plural, conforme exigência para escrita de textos acadêmicos e científicos. Com isso, ao mesmo tempo em que me implico com meu objeto/sujeito de estudo, mantenho o suposto nível de imparcialidade e rigor acadêmico desta dissertação.

seus processos educativos, para a formação de sujeitos autônomos e, portanto, na promoção da saúde nas relações familiares e compreensão de problemas sociais.

A presente pesquisa, vinculada ao curso de mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, adota a abordagem metodológica de natureza qualitativa (MINAYO, 2010) e exploratória, sendo um estudo de casos múltiplos (YIN, 2015). Esta é uma pesquisa qualitativa não apenas porque analisa o conteúdo dos relatos colhidos, como também utiliza de revisão da literatura especializada, tendo como base um acervo relevante sobre o tema que auxiliará na melhor compreensão crítica acerca do objeto **e sujeito(s)** de estudo (GIL, 2007) (grifo meu).

Foram realizadas entrevistas abertas, a partir de uma questão disparadora, tendo esta modalidade de entrevista surgido da necessidade de permitir aos participantes se expressarem de forma livre e espontânea, favorecendo que os seus cotidianos fossem narrados de maneira contextualizada à realidade de cada família, facilitando, assim, o acesso a conteúdos complexos e profundos. Posteriormente, as entrevistas foram analisadas com base na construção de categorias de análise de conteúdo, as quais consistem num conjunto de procedimentos de tabulação e organização de dados discursivos que possibilitam refletir a totalidade (MINAYO, 2010).

Assim, apresentaremos como revisão de literatura os estudos relacionados à: autonomia (OLIVA; PARRA, 2001), (NOOM; DEKOVIC; MEEUS, 2001), (REICHERT; WAGNER, 2007, 2011); estilos e práticas educativas parentais (BAUMRIND, 1966), (HOFFMAN; 1975), (MACCOBY; MARTIN, 1983), (DARLING; STEINBERG, 1993), família e parentalidade (CARTER; MCGOLDRICK, 1995), (CERVENY, 1997; 2002), (BOWEN, 1978; 1991), (MINUCHIN, 1982) (BRONFENBRENNER, 1979/1996; 2011) (SINGLY, 2000; 2010); SARTI (1994, 1999, 2004).

Esta dissertação está estruturada em quatro capítulos, incluindo a metodologia, além das considerações iniciais e finais.

Nas Considerações Iniciais justificamos o nosso interesse pelo tema, o problema investigado, a questão de pesquisa, o objeto/sujeitos do estudo, seguindo pela metodologia e por fim os teóricos utilizados.

No capítulo I, Autonomia: uma revisão com foco em cuidado parental na adolescência apresentamos o entendimento de alguns autores engajados neste tema enfatizando a sua diversidade de conceitos e variáveis. A autonomia, em seu sentido mais amplo, é considerada como uma habilidade desenvolvida durante toda a vida, a

qual sofre influências individuais, familiares e dos universos mais amplos de interações sociais e culturais que o indivíduo está inserido. Assim, apresentamos como revisão de literatura alguns estudos que contemplam a temática autonomia relacionada ao desenvolvimento do adolescente, dentro do processo que envolve as práticas e estilos educativos parentais extraídos de um levantamento realizado em três bancos de dados online (SciELO, PePSIC e BVS), publicados no período dos últimos dez anos, tendo sido selecionados apenas àqueles que mais se aproximam da presente proposta de pesquisa.

No subcapítulo II, Família e educação dos filhos na contemporaneidade, abordamos o sistema familiar como a matriz da socialização das pessoas e contexto básico de convivência e criação de filhos. Focalizamos a atenção para as experiências subjetivas do homem e da mulher ao assumirem o exercício da paternidade e da maternidade na contemporaneidade, por isso consideramos as acentuadas transformações correntes na sociedade e na família ocidental, a exemplo da inserção da mulher no mercado de trabalho e da participação dos homens na vida doméstica nos cuidados com os filhos. Ainda, também discutimos Família com filhos adolescentes: um despertar para a realidade em famílias de camada média urbana, onde chamamos atenção para as diferenças entre o “viver” e “ser” adolescente em cada grupo social específico, que variam no tempo histórico e entre sociedades, culminando em uma variabilidade de transformações biológicas, psicológicas, comportamentais sentidas também pelas suas famílias.

No segundo capítulo intitulado, O papel parental no desenvolvimento da autonomia: um olhar contextualizado, apresentamos inicialmente as práticas educativas e os estilos parentais a partir de conceitos centrais encontradas na literatura, como uma espécie de referência sobre a qual apoiará a análise e discussão dos dados. Para tanto, o subcapítulo, O enfoque sistêmico como investigação do cuidado parental, centramos na abordagem sistêmica com matriz teórica deste estudo, com contribuições de Bowen (1991); Minuchin (1982; 2003; 2008) e Bronfenbrenner (1996; 2011). Estes possibilitam uma compreensão mais profunda de aspectos relacionados ao desenvolvimento da autonomia na interação parental. Bowen contribui por seus trabalhos sobre os processos de pertencimento, diferenciação⁵ e transgeracionalidade. Minuchin por sua abordagem estrutural, que

⁵ A teoria boweniana considera que uma criança, ao nascer, encontra-se indiferenciada em relação à família e, ao longo da vida, o seu maior trabalho será aquele de diferenciar-se da mesma. O autor

analisa o processo das interações familiares, traçando as relações entre os seus membros. Bronfenbrenner nos auxilia a proporção que focalizamos na indissociabilidade entre a pessoa em desenvolvimento em todos os seus contextos de interação, sobretudo as interações sociais mais amplas, sendo estes muito importantes para a contribuição da autonomia.

Por uma questão meramente didática, a metodologia será um capítulo. Neste apresentamos os objetivos da pesquisa e a metodologia adotada, bem como a escolha e caracterização dos participantes, instrumentos e procedimentos utilizados para a coleta de dados, tratamento e análise dos dados, aspectos éticos, análises de risco e benefícios.

Por fim, no último capítulo, apresentamos os resultados e discussões aliados aos estudos da literatura corrente sobre o tema.

Nas Considerações Finais trouxemos à tona as reflexões feitas a partir dos dados encontrados nas entrevistas, como uma espécie de síntese dialógica decorrentes deste trabalho como um todo.

ênfatiza a união familiar e o empenho do indivíduo para libertar-se dessa união, alcançando certa diferenciação. Dentro do contexto familiar, os membros experimentam o sentido de pertencimento e diferenciação. Pertencer significa a garantia que o indivíduo tem de fazer parte de uma determinada família com crenças, valores, mitos, preconceitos e regras próprias, que formam sua identidade familiar. Quanto mais acolhido ele é pela sua família, maior liberdade terá para buscar sua individualidade. Diferenciar diz respeito à singularidade do sujeito, aos aspectos específicos que cada membro familiar possui e pretende que seja respeitado pelos demais, o que o torna ímpar e diferente de qualquer outra pessoa, mesmo daquelas pertencentes à sua família de origem (BOWEN, 1991).

2 AUTONOMIA: UMA REVISÃO COM FOCO EM CUIDADO PARENTAL NA ADOLESCÊNCIA

Investigar as concepções de autonomia para pais e mães – frente às suas práticas educativas junto aos seus filhos adolescentes – nos remete, a priori, para a necessidade de se debruçar no entendimento de alguns teóricos engajados nessa temática.

A complexidade do constructo autonomia, relacionada aos aspectos desenvolvimentais, multiplicidade de instrumentos e vertentes teóricas (BARBOSA; WAGNER, 2013), representa um dos maiores dificultadores apontados pelos teóricos para a compreensão do seu conceito, haja vista também a sua estreita relação com as questões que envolvem as singularidades pessoais e familiares dos indivíduos. Isto porque há na literatura uma diversidade de conceitos e variáveis envolvidas em relação à sua compreensão, as quais abarcam fatores nomeados como internos – contexto familiar e características de personalidade – e externos, com referências socioculturais diversas.

Fundamentalmente, o desenvolvimento da autonomia é um processo complexo, contínuo e relacional. Dizendo de outra forma, se inicia na infância e sofre interferências diversas, ocupando, na adolescência, uma posição de destaque, em virtude das necessidades e aumento dos desafios enfrentados pelos adolescentes nesta etapa de vida. Numa perspectiva psicossocial, a busca por autonomia é fortemente vivenciada durante o período da adolescência. Neste período, isto pode acontecer tanto no ambiente familiar quanto no social, com maior possibilidade de exploração das suas capacidades para se colocar diante do mundo e de si mesmo, buscando uma maior diferenciação do grupo familiar (KRAUSKOPOF, 1999).

Assim, para que possamos construir novos entendimentos acerca do desenvolvimento da autonomia em adolescentes e sua correlação com as práticas educativas adotadas por pais e mães, apresentamos, neste capítulo, alguns conceitos-chave acerca do constructo autonomia de modo a apoiar e formular as interpretações dos dados que serão discutidos nesta dissertação. Da mesma forma, serão mencionados, ainda que concisa e sucintamente, achados de estudos

realizados nos últimos dez anos no Brasil⁶, os quais se aproximam dos objetivos propostos nesse estudo.

Diante do exposto, trazemos Segre; Silva; Schramm (2005) os quais ressaltam a diversidade de reflexões que se abrem sobre a temática da autonomia que, pelo menos, desde o início do século XX, vem sofrendo constantes reformulações em sua compreensão. Estes autores questionam a possibilidade de definição, uma vez que a noção de autonomia envolve a ideia de sujeito, na qual “cada um tem a sua própria”, “de dentro para fora”, e é capaz de exercer algum tipo de autodeterminação. Assim, sinalizam ser uma competência essencialmente humana e nos chamam atenção para as influências genéticas - de personalidade - no desenvolvimento de comportamentos autônomos nos indivíduos.

No que concerne à formulação da ideia de autonomia, os autores supracitados trazem que, etimologicamente:

Autonomia vem do grego *autonomos*, palavra formada pelo adjetivo pronominal *autos* que significa ao mesmo tempo “o mesmo”, “ele mesmo” e “por si mesmo” e *nomos*, que significa “compartilhamento”, “lei do compartilhar”, “instituição”, “uso”, “lei”, “convenção”. Nesse sentido, autonomia significa propriamente a competência humana em “dar-se suas próprias leis”. Filosoficamente, autonomia indica a condição de uma pessoa ou de uma coletividade, capaz de determinar por ela mesma a lei à qual se submeter. Seu antônimo é heteronomia (*ibidem*).

Isto quer dizer, pois, que toda pessoa possui a capacidade para gerir as suas próprias regras de funcionamento, sendo uma habilidade inerente à condição humana. Contudo, vale advertir que, para uma possível elaboração da ideia de autonomia, os mesmos ainda mencionam, com igual importância, as diversas influências macroculturais sobre a maneira como o indivíduo desempenha a sua autonomia:

Inscrita na especificidade da tradição da cultura moderna, essencialmente tecnocientífica e humanístico-individualista, isto é, em aspectos que envolvem a modernidade, em relação à liberdade de pensamento, da hegemonia da razão frente aos dogmas religiosos e ao peso da tradição (SEGRE; SILVA; SCHRAMM, 2005, p. 2).

⁶Foram retirados de três bases de dados online – SCIELO, PePSIC e BVS – durante os meses de novembro e dezembro de 2015, os que mais se aproximam desta proposta de pesquisa, a partir das palavras-chave: práticas educativas parentais, estilos parentais e autonomia na adolescência. MACARINI *et al* (2010) afirmam que, nas produções acadêmicas brasileiras, as práticas dos pais de filhos adolescentes se associaram mais à “práticas educativas”, e “estilos parentais” como a segunda mais frequente. Nos estudos sobre práticas educativas, o termo “estilos parentais” se relacionou à preferência a pais de adolescentes ou adultos, demonstrando a relação direta entre os estilos parentais e as práticas educativas.

Desta maneira, observamos que há estreita relação entre o crescente desenvolvimento de comportamentos autônomos do indivíduo com as muitas influências de aspectos nomeadamente internos e externos. Portanto, podemos citar desde a personalidade do indivíduo, perpassando pela abrangência e relevância de aspectos subjetivos e comportamentais dos pais na educação dos filhos, à incidência da complexidade de múltiplos contextos diretos e indiretos de interação dos sujeitos.

Deste modo, Noom; Dekovic; Meeus (2001) abordam a temática da autonomia com maior amplitude. Eles apontam a autonomia como um conceito de fundo teórico muito diversificado e várias teorias psicológicas descrevem-na como sendo um processo de separação gradual das influências parentais. É uma habilidade para dirigir a própria vida, definir metas, sentimentos de competência e para regular as próprias ações (NOOM, 1999).

Os autores supracitados fizeram uma análise conceitual a partir de diferentes perspectivas teóricas e apontaram um modelo integrativo que vem sendo adotado por muitos estudiosos como referência. Este modelo, por sua vez, é composto por três dimensões de autonomia, a saber: atitudinal ou cognitiva; funcional ou condutual; e emocional. Autonomia atitudinal é referida como um processo cognitivo de escolher e de definir metas; a autonomia funcional como regulamentação de desenvolvimento de estratégia; e a autonomia emocional como um processo afetivo de sentir-se confiante sobre suas próprias escolhas e objetivos (NOOM; DEKOVIC; MEEUS, 2001).

De modo equivalente, Reichert; Wagner (2007) apontam que a autonomia pode ser entendida “como a capacidade de o sujeito decidir e agir por si mesmo, com o pressuposto de que o desenvolvimento e a aquisição desta habilidade sofrem a influência do contexto em que o jovem se desenvolve” (p. 49). Estas autoras, partindo desta perspectiva, ampliaram as categorizações propostas por Noom, Dekovic; Meeus (2001) e fazem a seguinte diferenciação em relação aos três níveis de autonomia:

1. Autonomia atitudinal ou cognitiva: refere-se à percepção de metas pelo exame das oportunidades e desejos, considerando os processos cognitivos para criar as possibilidades de fazer suas próprias escolhas. Ela se evidencia quando os jovens são hábeis para definir suas metas e pensar sobre seus atos.
2. Autonomia funcional ou condutual: diz respeito à percepção de estratégias pelo exame do autorrespeito e controle, capacidade de tomar decisões e tratar os próprios assuntos sem a ajuda dos pais. Consiste no processo

regulador do comportamento adolescente, no desenvolvimento de estratégias e habilidades para alcançar as suas próprias metas.

3. Autonomia emocional: concernem os delicados processos de independência emocional em relação aos pais e aos pares. Ela realmente ocorre quando o jovem sente confiança em definir suas metas, independente dos desejos dos pais ou dos pares.

Elas se diferenciam entre si, mas compõem o conceito geral de autonomia, que, apesar de se apresentarem separadas, estão relacionadas com pequenas diferenças de comportamento entre elas. Desta maneira, ocorre uma considerável sobreposição destas dimensões, que desenvolvem de acordo com os contextos de relação dos indivíduos.

No entanto, vale advertir que o entendimento sobre a autonomia, tanto no modelo apresentado por Noom; Dekovic; Meeus (2001) quanto nas ampliações sugeridas por Reichert; Wagner (2007), é fundamentado em três enfoques teóricos: psicodinâmico, cognitivo e eclético. A aproximação psicodinâmica estuda as mudanças nas relações entre pais e filhos. Na perspectiva cognitiva é estudada a importância da tomada de decisões, a percepção do controle e a própria responsabilidade neste processo. Já na perspectiva eclética são consideradas as integrações entre os aspectos relacionais e cognitivos (NOOM; DEKOVIC; MEEUS, 2001).

Assim, por se tratar de um processo de desenvolvimento complexo e gradual, a aquisição da autonomia engloba a articulação entre as dimensões descritas acima. Dentre todos os ambientes de interação dos indivíduos nos quais tal processo se constitui, podemos ressaltar as experiências vivenciadas no meio familiar como particularmente significativas, por ser o primeiro *locus* relacional e a instituição diretamente responsável pela educação de seus membros. A família proporciona, aos poucos, que a pessoa desenvolva maior conhecimento do mundo ao seu redor e se insira em contextos sociais mais amplos.

Deste modo, o sistema familiar⁷ tem um importante papel neste processo por ser o contexto primário de socialização do sujeito, considerado por Bowen (1979 *apud*

⁷Bertalanffy, em 1968, introduziu a noção de *sistema*, depois associada à família, que apresentava a ideia de interdependência e interseção entre os comportamentos de seus membros. A abordagem sistêmica tem a sua atenção aos fenômenos interpessoais e aos contextos nos quais estes se apresentam, propondo uma imagem de ser social cujo comportamento é compreendido à luz das organizações e do funcionamento do sistema de relações em que o indivíduo está inserido (GRANDESSO, 2000).

ADOLFI, 2002) como núcleo de maior fonte de segurança, afeto, bem-estar, proteção e apoio que o indivíduo necessita para um desenvolvimento saudável. É responsável por agregar, repassar valores e propiciar pertencimento. Além disso, é também gerador da necessidade de diferenciação⁸. Ou seja, o grupo familiar, dentre todos os possíveis sistemas de relacionamento dos indivíduos, é o principal responsável por incentivar os seus membros a buscarem autonomia de pensamento, sentimento e ação (BOWEN, 1991).

Sob este ponto de vista, autores como Piccinini; Alvarenga (2012) dizem que há na literatura especializada sobre o tema uma extensa produção de conhecimentos que indica consequências positivas e negativas de diferentes características da parentalidade sobre resultados desenvolvimentais específicos nos domínios emocional, cognitivo e social dos filhos.

Como exemplo de uma dessas produções, ressaltamos os estudos de Reichert; Wagner (2007; 2011) os quais chamam atenção para os fatores envolvidos no processo educativo dos pais como importantes para o desenvolvimento da autonomia em jovens adolescentes. Para tanto, acrescentam possíveis relações entre as variáveis nomeadas como internas – desenvolvimento emocional, psicológico e cognitivo – e externas – relacionadas a regulação do ambiente, ao contexto social que envolve mudanças nos modelos de educação e demandas trazidas pelas novas configurações familiares, amplificação dos recursos tecnológicos, mudança na comunicação e envolvimento entre pais e filhos.

Da mesma forma, ao ressaltar a importância dos contextos sobre o desenvolvimento da autonomia em jovens adolescentes, Oliva; Parra (2001) acrescentam que os contextos familiar e cultural se destacam como importantes mediadores na relação entre autonomia emocional e o nível de desenvolvimento do adolescente. Afirmam que uma das principais tarefas evolutivas que os seres humanos devem resolver durante a adolescência é conquistar a aquisição de autonomia a respeito de seus pais e preparar-se para viver como sujeito adulto com a capacidade de decidir e atuar por si mesmo.

⁸ Neste estudo fazemos referência ao termo diferenciação, o qual é equivalente ao conceito de diferenciação de self para Bowen (1991). É ao mesmo tempo um conceito intrapsíquico e interpessoal. Refere-se à capacidade de equilibrar sentimento e pensamento, ou seja, as pessoas diferenciadas têm identidade autônoma, pois são capazes de tomar decisões de acordo com as suas crenças, sem ser reflexivamente moldadas por elas.

Logo, as respostas comportamentais dos filhos são construções tecidas neste processo desde a infância, pois, conforme refere Minuchin (1982), na medida em que a criança é estimulada a cumprir pequenas tarefas, a emitir opinião e escolhas, ela é convidada a assumir um lugar ativo no próprio desenvolvimento com vistas para o seu crescimento gradual e saudável à fase adulta. Acrescenta este autor, ainda que, “o apoio à responsabilidade e obrigação dos pais de determinar regras familiares assegura o direito e a obrigação do filho de crescer e de desenvolver autonomia” (p. 63). Para isso, é necessário os subsistemas⁹ familiares negociarem e se acomodarem entre si, respeitando o incremento das demandas de cada fase do ciclo vital em busca de favorecer a autonomia de seus membros (MINUCHIN, 1982).

Em decorrência disso, “a aquisição da autonomia dos filhos é uma tarefa desenvolvimental envolta de expectativas em que a família, nem sempre, está preparada para manejar tal evento” (REICHERT; WAGNER, 2007, p. 46). É por este motivo que as compreensões e atitudes de pais e mães devem ser pautadas como uma continuidade de um processo iniciado ao longo dos anos, desde a infância dos filhos, haja vista que a criança e a família crescem juntas e por isso a acomodação da família frente às necessidades da criança delimita áreas de autonomia, em que ambos experienciam como separação (MINUCNHIN, 1982).

Assim, Barbosa (2014) acrescenta que, uma vez garantidas às características importantes para a construção de um bom relacionamento parental favorável para o desenvolvimento da autonomia, as outras oportunidades – bairro, escola, trabalho – parecem ser equivalentes em sua influência para o desenvolvimento da autonomia. Para a autora, “isso cria espaço para compreender e (valorizar) as diferenças entre famílias e indivíduos no seu contexto proximal no seio da família, assim como as diferentes oportunidades disponíveis para jovens de contextos diversos” (BARBOSA, 2014, p. 120).

Discorrendo acerca da apresentação de relevantes estudos sobre a temática autonomia e cuidados parentais, trazemos, na sequência, a relevante pesquisa denominada *Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais*, de Reichert (2006). Esta foi realizada a partir da abordagem psicossocial que propôs estudar o conjunto de variáveis presentes no processo de aquisição da autonomia

⁹ Os subsistemas são funções e exigências específicas para cada um de seus membros, sendo o parental, o fraternal e o conjugal os três principais (MINUCHIN, 1982, p. 57).

adolescente e suas diferentes associações aos estilos educativos, considerando as características dos pais, dos adolescentes e aspectos do contexto social.

Com esta finalidade, foi aplicado um questionário em 168 estudantes de uma escola particular da grande Porto Alegre, entre 14 e 15 anos, faixa que compreende a adolescência intermediária, utilizando dados biodemográficos, assim como uma escala de estilos parentais e um questionário de autonomia. Os resultados indicaram a existência de uma semelhança entre os estilos educativos adotados por seus pais e mães, sendo que os jovens perceberam ambos como negligentes e autorizantes¹⁰. Não foi evidenciada associação entre os estilos disciplinares adotados pelos pais e as diferentes dimensões de autonomia manifestada pelos jovens. De modo geral, os adolescentes perceberam a mãe como a figura mais presente no processo de educação. Dentre as dimensões avaliadas por eles, a intrusividade materna foi a dimensão identificada por meninas como mais presente na relação que estabelecem, assim como os meninos perceberam o pai como o mais responsivo¹¹.

Buscando a elaboração de um instrumento para avaliar outras dimensões além de responsividade e exigência¹², que são escalas tradicionalmente apontadas na literatura, Teixeira; Oliveira; Wottrich (2006) realizaram um estudo com 409 adolescentes – 57,9%, com média de idade de 16 anos – e a partir de sucessivas análises chegaram a seis componentes de estilos disciplinares: 1) controle punitivo, 2) supervisão do comportamento, 3) cobrança de responsabilidade, 4) intrusividade, 5) apoio emocional e 6) incentivo à autonomia.

É importante destacar que, para a análise do componente autonomia, foram direcionadas perguntas aos jovens em relação às práticas exercidas pelos seus pais e mães separadamente, a saber: “me incentiva a agir de modo independente”; “deixa eu ter minhas próprias experiências e aprender por mim mesmo(a)”; “me estimula para que eu tome decisões por conta própria”; “me incentiva a que eu tenha minhas próprias opiniões sobre as coisas”. Os dados trazidos pelos adolescentes evidenciaram a possibilidade de distinguir empiricamente às dimensões das práticas

¹⁰ Termos sugeridos por Baumrind (1966) a respeito dos estilos parentais, os quais são abordados mais profundamente no terceiro capítulo desta dissertação. Pais negligentes participam pouco na educação dos filhos, com baixa compreensão e imposição de limites e regras. Pais autorizantes, por sua vez, dão apoio, com limites e regras claras, comunicação aberta com os filhos, incentivando a autonomia, independência e a individualidade.

¹¹ A responsividade refere-se às atitudes de compreensão em relação aos filhos.

¹² Exigência, neste contexto, diz respeito à atitude dos pais de impor limites e regras.

educativas parentais, mais específicas em relação às dimensões de responsividade e exigência, como tipicamente vem sendo mencionadas na literatura.

A produção científica acima, ademais, observou os padrões diferenciados de correlações com alguns indicadores de desenvolvimento psicossocial na adolescência, sugerindo que seus efeitos sobre o desenvolvimento também são distintos. Os autores chamaram atenção para a validade das medidas utilizadas, apontando como um avanço na produção científica, com amplo potencial de uso investigativo, e até mesmo com possibilidade de inserção no acompanhamento clínico.

Seguindo nesta perspectiva, com a utilização de questionário como instrumento de avaliação, Macedo; Kublikowski; Berthoud (2006) realizaram entrevistas semiestruturadas com mães e pais paulistanos, categorizados de acordo com seu índice de vulnerabilidade social, buscando compreender os valores que os pais julgavam importantes transmitirem aos seus filhos adolescentes, as estratégias utilizadas e os resultados esperados e percebidos, em consonância com aqueles propostos pelo questionário *Profiles of Student Life: Attitudes and Behaviors*¹³. Utilizando-se de estilos parentais classificados como democráticos e/ ou autoritários, os pais avaliaram como sendo bem sucedidos como educadores, o que se refletiu na imagem positiva que ofereceram dos filhos. Os resultados da pesquisa destas autoras mostraram, também, que, além da família, faz-se necessário o envolvimento da comunidade no processo de desenvolvimento de estratégias que visam a promover valores nos jovens.

A despeito da importância da comunidade no processo de desenvolvimento dos jovens, Dessen; Pereira-Silva (2004 *apud* Dessen; Polonia, 2007) afirmam que as instituições públicas ou privadas, incluindo a escola, têm um papel importante de oferecer apoio, direta ou indiretamente, por meio de programas de educação familiar ou de elaboração de políticas públicas para a promoção da saúde. Estas devem estimular a formação de redes de apoio social, quer seja na própria comunidade ou nos centros de atendimento à população, quer seja na escola, já que esta ocupa um lugar de destaque nas sociedades contemporâneas.

¹³ Construído pelo Search Institute, trata-se de uma organização sem fins lucrativos, localizada em Minneapolis, EUA, a qual objetiva promover o bem estar de adolescentes e crianças junto às suas famílias e comunidades, avaliando a presença de valores positivos transmitidos pelos pais (MACEDO; KUBLIKOWSKI; BERTHOUD, 2006).

Ainda percorrendo acerca da apresentação de relevantes estudos sobre a temática autonomia e cuidados parentais, destacamos, também, um estudo de Camacho; Matos (2007), denominado *Práticas parentais educativas, fobia social e rendimento acadêmico em adolescentes*, que objetivou discutir a relação entre as práticas educativas parentais e autonomia com fobia social e o rendimento acadêmico. As autoras apontaram para estas duas variáveis como sendo muito importantes, pois podem modelar a vida escolar e social das crianças e adolescentes. A amostra foi constituída por 285 sujeitos – 146 meninas e 139 rapazes – com idades entre os 12 e 14 anos, que frequentam o 7º e 8º ano escolar. Foi utilizado um questionário de dados demográficos, o QLP-A – questionário de ligação parental: forma adolescente –, para avaliar as práticas parentais educativas na avaliação da fobia social, e o SPAI-C – inventário de ansiedade e fobia social para crianças – e um questionário sobre as notas obtidas em cada componente curricular. O estudo concluiu que há maior incidência da fobia social no gênero feminino e que os jovens, a quem os pais dão autonomia e carinho, têm maior tendência a melhores rendimentos acadêmicos, bem como uma menor predisposição para apresentar fobia social.

Por fim, com o objetivo de compreender a experiência de pais com filhos no período de transição, entre 15 e 26 anos, despertando atenção para as discussões sobre hierarquia e autonomia dentro de uma perspectiva de curso de vida, temos o importante estudo de Ponciano; Féres-Carneiro (2013), chamado *Relação pais-filhos na transição para a vida adulta, autonomia e relativização da hierarquia*. Tais estudiosos realizaram entrevistas com 32 pais e mães de camada média, residentes no Rio de Janeiro, por meio de uma abordagem qualitativa. A idade dos pais variou entre 40 e 67 anos. Os resultados apontaram que o relacionamento pais-filhos modifica-se ao longo do ciclo de vida familiar e que, após a adolescência, os filhos continuam dependentes, não havendo uma passagem linear ao mundo adulto. Nesse período, foi observada a necessidade dos pais continuarem auxiliando no processo de crescimento dos filhos jovens, oferecendo suporte à autonomia destes e relativizando a diferença hierárquica entre ambos.

Diante de todo o exposto – com vistas a situar a presente pesquisa no contexto da produção científica e acadêmica atual brasileira – percebemos que há maior tendência à utilização de questionários e escalas como instrumentos de investigação em estudos que relacionam a temática autonomia e cuidados parentais de filhos que se encontram na fase da adolescência.

De acordo com Reichert (2006), isso pode ser um reflexo de estudos baseados em culturas individualistas, a exemplo da norte-americana – nesta é esperado que os adolescentes, assim que completarem dezoito anos, tenham condições de assumir suas próprias vidas, saiam de casa, sejam independentes –, mas que não se aplica à realidade brasileira. Em contrapartida, no Brasil não há esta expectativa: os adolescentes priorizam o ingresso no ensino superior e no mercado de trabalho sem que precisem, para isso, deixar a casa dos pais. Neste sentido, a discussão sobre esta temática revela importantes contradições, as quais envolvem o coletivismo versus individualismo, a autonomia versus dependência e que merecem ser repensadas em estudos brasileiros, pois caracterizam experiências em distintas realidades culturais.

Desta maneira, a presente proposta visa contribuir para o preenchimento da lacuna de estudos voltados para a realidade brasileira, pela via do método qualitativo e entrevista aberta junto aos pais, buscando compreender como o contexto familiar e o modelo dos pais, em relação às suas formas de educar, interferem em construções favoráveis ou desfavoráveis para o desenvolvimento da autonomia de seus filhos.

Como se pode depreender da exposição teórica, de modo geral, a autonomia é vista como uma capacidade de o indivíduo decidir e agir por conta própria, envolvendo o desejo de ser independente e, ao mesmo tempo, manter a ligação com a família e a sociedade (OLIVA; PARRA, 2001; NOOM; DEKOVIC; MEEUS, 2001; BOWEN, 1979; 1991; MINUCHIN, 1982; REICHERT; WAGNER, 2007, 2011). Convém mencionar que o presente estudo é guiado por esta concepção, não como o único entendimento ou compreensão acerca da autonomia, mas uma referência para a elaboração de questões e discussão de dados nesta investigação, haja vista a central importância destes estudiosos nas produções científicas sobre o tema.

2.1 FAMÍLIA E EDUCAÇÃO DOS FILHOS NA CONTEMPORANEIDADE

A compreensão acerca do conceito de família e os processos que envolvem a educação dos filhos devem ser abordados considerando o tempo e espaço em que estão inseridos. Isto porque, as transformações ocorridas em todos os âmbitos da sociedade, a exemplo do socioeconômico e cultural, provocaram mudanças

relevantes em seus vários segmentos, e, conseqüentemente, no funcionamento das organizações familiares. Chaves *et al* (2002) referem que, considerando o caráter social da função da família, esta é configurada como uma construção histórico-social e, por este motivo, não é viável voltar-se para o grupo familiar sem analisar a sua diversidade enquanto fenômeno culturalmente contextualizado.

No ensejo dessa discussão, é importante trazer as contribuições de Singly (2010) sobre a história da família moderna¹⁴. Ele descreve que as famílias vivenciam de modo diferente o desempenho de funções e regulação das relações entre os sexos e as gerações, a depender do período histórico e, por conseguinte, “a família e as relações familiares transformam-se também, uma vez que os indivíduos que compõem a família mudam de natureza social” (p. 15). Ou seja, as relações entre os indivíduos e a própria organização familiar acompanham as mudanças ocorridas na sociedade na tentativa de imprimir um caráter particular que atenda às suas novas demandas.

O autor supracitado acrescenta que o entendimento sobre a família não é homogêneo e pode ser dividido em dois períodos. O primeiro data do fim do século XIX até a década de 1960, com o enfoque na instituição do casamento e nas relações, caracterizado pelo amor no casamento, rigorosa divisão do trabalho entre homens e mulheres e atenção ofertada aos filhos. O segundo período, a partir dos anos de 1960, é marcado por um aprofundamento dos princípios da individualização e de transformação dos laços, com queda na estabilidade do casamento, a partir da legalização do divórcio e pelo movimento feminista, que proporcionou mais independência e autonomia às mulheres. O que muda entre as duas modernidades é o fato das relações serem menos valorizadas por si próprias do que pela satisfação que trazem ou que devem trazer a cada um dos membros da família” (SINGLY, 2010, p. 23).

Ainda conforme o autor, neste segundo período, a família moderna passou a ser considerada mais pelas relações estabelecidas entre os seus membros do que pelo parentesco, consanguinidade e propriedade de bens. Ou seja:

Um grupo cujos membros têm uma individualidade maior do que antes [...], uma vez que cada membro é menos definido exclusivamente pelo seu lugar na família do que enquanto indivíduo (ou sujeito). Devido à divisão do trabalho e ao crescimento urbano, a família foi forçada a transformar-se de modo a permitir aos seus membros que expressem a sua fisionomia própria. (SINGLY, 2010, p. 15).

¹⁴ Este autor apresenta uma reflexão teórica pautada nas contribuições de Émile Durkheim, em 1982, que discorre nas transformações ocorridas no seio da família (SINGLY, 2010).

Dizendo de outra forma, são três as características que se aproximam de uma abrangência mais atual acerca da família moderna, a qual deve ser compreendida (1) dentro de uma perspectiva relacional, porque nas sociedades contemporâneas se observa melhor qualidade nas relações, diferentemente do passado, em que toda a organização familiar tinha como objetivo principal os bens domésticos em detrimento dos vínculos entre as pessoas; (2) individualista, no sentido de que as pessoas vivem mais a sua individualidade, uma vez que permanecem menos tempo no ambiente doméstico; e (3) privada e pública ao mesmo tempo, ou seja, com uma relativa autonomia, uma vez que se concentra cada vez mais no círculo doméstico, sob vigilância do Estado e pelas instâncias sociais, que acarretam em uma estreita relação entre o que é privado e íntimo da família, e o que está público.

Os indivíduos, portanto, passaram a se organizar a partir de uma dualidade, ou seja, de um lado, vive-se uma diminuição dos laços de dependência entre as gerações e entre os sexos em prol de uma qualidade melhor das relações - busca pela independência individual e coletiva –; e de outro, um aumento das intervenções do Estado e da sociedade, que “através das normas, controla, mantém e regula as relações entre os membros da família” (SINGLY, 2010, p.12).

Apresentando uma abordagem complementar a respeito das mudanças ocorridas no modo de ser e de agir dos indivíduos, Donati (2008) chama atenção para a complexidade dos fatores que envolvem as relações familiares na contemporaneidade. A respeito disso discorre que:

A abordagem relacional procura compreender a relação familiar a partir daquilo que constitui unicidade, porque a família é diferente da relação de amizade, de trabalho, médico-sanitária [...]. O contexto atual da sociedade faz emergir toda a complexidade dos fatores que constituem a relação familiar e, ao mesmo tempo, a relativa autonomia destes fatores. Cada fator segue uma lógica própria, percorre seu próprio caminho. Antigamente a família era um todo-unificado, não havia uma individualização tão acentuada dos seus membros. Agora as pessoas têm mais mobilidade, vivem muitas relações e interagem com muitos ambientes, num contexto caótico (no sentido científico) e participam de uma densa rede de comunicações; por isso, a família se expande, as suas relações internas se diferenciam e a relação de casal também (DONATI, 2008, p. 28-29).

Diante do exposto, observamos o movimento natural de transformação nos modos de relação dos indivíduos e nas organizações familiares. Ou seja, ao mesmo tempo em que a família passou a abarcar outras possibilidades de interação, refletindo

em uma maior individualidade dos seus membros, a instituição familiar se mantém como uma organização singular, em qualquer período histórico.

Novas construções foram surgindo relacionadas à identidade e às oportunidades de vida dos indivíduos, sendo que as identidades dos cônjuges, dos pais e dos filhos passaram a se estruturar a partir das trocas ocorridas entre o interior e o exterior das famílias, ocupando um papel importante na educação dos filhos de mediá-los com o mundo externo (PETRINI, 2003; DONATI, 2008). Portanto, a família, ao mesmo tempo em que tem um funcionamento próprio, estabelece mediações entre a sociedade e o seu universo particular, na medida em que traduz regras, sistemas e valores através das gerações, como afirma Sarti (2004):

Partimos, então, da ideia de que a família se delimita, simbolicamente, a partir do discurso sobre si própria, que opera como um discurso oficial. Embora culturalmente instituído, ele comporta uma singularidade. Cada família constrói sua própria história, ou seu próprio mito, entendido como uma formulação discursiva em que se expressam o significado e a explicação da realidade vivida, com base nos elementos objetiva e subjetivamente acessíveis aos indivíduos na cultura em que vivem. Os mitos familiares, expressos nas histórias contadas, cumprem a função de imprimir a marca da família, herança a ser perpetuada (SARTI, 2004, p.13).

Petrini (2003) acrescenta a esta ideia o interesse de muitos estudiosos em relação à permanência da estrutura familiar nas diversas culturas, em todos os períodos históricos, como forma de relação social constitutiva da espécie humana. Isto porque a família não só possui os elementos favoráveis à sobrevivência, mas também as condições essenciais para o desenvolvimento e realização da pessoa. Constitui-se, assim, conforme afirma este autor, como uma realidade simples e, ao mesmo tempo, complexa. Neste sentido, mesmo diante das constantes mudanças sociais, Costa (2009) afirma que:

Não obstante a diversidade, a família continua sendo compreendida como um mecanismo central na sociedade contemporânea. Sujeita a modelagens decorrentes da sua própria historicidade, ela permanece como matriz da socialização das pessoas. Presente nas diversas culturas, a família mantém-se como forma de relação social constitutiva da espécie humana, a despeito de encontrar-se em constante mudança por participar dos dinamismos próprios das relações sociais. Trata-se de um fenômeno situado na mediação do sujeito com a sociedade: nela se processa a confluência de variados aspectos de construção das referências socioculturais e das identidades (COSTA, 2009, p. 359).

Coelho (2005) corrobora com a autora supracitada à medida que reconhece o papel primário da família como agente socializador e grupo social do qual os indivíduos do sistema familiar passam a maior parte do tempo. Neste espaço se desenvolvem os sentimentos de pertencimento e individuação. Por esta via, a família funciona como uma instituição que promove o desenvolvimento de identidades pessoais e sociais, e essa socialização é organizada a partir da interação daquela com instituições secundárias como a comunidade religiosa, a escola, grupos de iguais, dentre outros.

Apresentando argumentos da mesma natureza, Donati (2008) acrescenta que o sistema familiar é singular, pois “se diferencia de outras formas de relações sociais ao caracterizar-se por um modo específico de viver as diferenças de gênero, que implica sexualidade, e as relações entre as gerações, que implicam parentesco” (p. 123). As mediações entre os gêneros, segundo este autor, ocorrem porque a constituição de um casal não acontece por acaso, mas pela intersecção entre as distintas realidades, as quais envolvem as famílias, os amigos, os parentes, os ambientes culturais de ambos os lados com a comunidade e, por fim, com a sociedade mais ampla.

Ainda sobre o entendimento de família, Costa (2009) traz uma referência numa perspectiva também ampliada:

Quando falamos de família, queremos, por vezes, fazer referência a grupos sociais estruturados através de relações de afinidade, descendência e consanguinidade (grupos domésticos, grupos residenciais, reconhecidos pelos próprios membros). Ao mesmo tempo, família quer dizer também um conjunto de regras, padrões e modelos culturais e, nesse caso, passíveis de mudança, não podendo ser considerada uma síntese da sociedade inteira. (COSTA, 2009, p. 358).

Apoiando-nos no que foi exposto até o momento, compreendemos que a família se constitui a partir da interação entre pessoas que compartilham vínculos afetivos e/ou consanguíneos, entre outros, e que mantêm uma rede íntima de convivência, pautada na subjetividade dos sentimentos e influências entre as pessoas. Sobre esta diversidade de configurações, Teperman (2011) ressalta que “não existe uma forma de organização familiar ideal que poderia garantir as condições necessárias para a constituição do sujeito” (p. 157). Isto posto, qualquer sistema familiar deve ser considerado em seus dinamismos que lhes são próprios, pela reformulação de papéis, dentro de um processo de estabelecimento de regras e marcado pela busca de acordos entre seus membros. Destarte, para que haja organização familiar é

imprescindível considerar os acordos estabelecidos, as vinculações e dinâmicas entre os envolvidos.

Abordando esta questão com uma maior amplitude, Sarti (2004) reflete a respeito da tensão entre os distintos discursos familiares no mundo contemporâneo, os quais denotam a identidade singular da família, pela influência individualizada de cada um de seus membros, bem como a experiência, também singular, com o mundo exterior, vivenciada na sua própria convivência cotidiana. Neste sentido, a autora diz que:

Ao mesmo tempo, auto-referida na sua construção do “nós” - nisto que constitui o mundo privado – e permanentemente influenciada pelo mundo exterior – público –, que lhe traz a inevitável dimensão do “outro”, com a qual tem que lidar. Assim, a família constitui-se pela construção de identidades que a demarcam, em constante confronto com a alteridade, cuja presença se fará sentir insistentemente, forçando a abertura, mesmo quando persistirem as resistências. A família, então, constitui-se dialeticamente. Ela não é apenas “o nós” que a firma como família, mas é também o “outro”, condição da existência do “nós”. Sem deixar entrar o mundo externo, sem espaço para a alteridade, a família confina-se em si mesma e se condena à negação do que a constitui, a troca entre diferentes (SARTI, 2004, p. 19).

Na contemporaneidade, considerando a pluralidade de arranjos familiares em decorrência das muitas transformações ocorridas na sociedade – inserção da mulher no mercado de trabalho de forma mais incisiva, ganhando autonomia financeira e alterando as relações de poder na família; a incursão dos homens na vida doméstica dividindo os trabalhos com o lar e os filhos, entre outros – torna-se imprescindível fazer referências a novos paradigmas que abarquem compreensões cada vez mais ampliadas quando se fala de família e educação de filhos. Aspectos como os avanços tecnológicos, uma busca mais igualitária nos relacionamentos quanto à manutenção econômica do lar, negociação de valores morais, ausência de referenciais simbólicos sociais (DONATI, 2008; PETRINI, 2003; 2005), por exemplo, passaram a impactar no modo de vida e de relação entre os indivíduos. Tudo isso, sem dúvidas, vem provocando mudanças nas relações intrafamiliares, nos padrões de interação entre pais e filhos, nas práticas e estilos educativos adotados pelos pais, caracterizando o período atual, na perspectiva de Costa (2009), pela:

Pluralidade de normas para construir o familiar, o que não deixa de criar incertezas, fontes de disfuncionamentos familiares e de patologias para os indivíduos. As mudanças que afetaram as famílias, no curso das últimas décadas, atingem não somente a sua estrutura, mas também o seu funcionamento interno (COSTA, 2009, p. 363).

Assim, tais variações têm repercutido substancialmente nas organizações familiares, e, conseqüentemente, no exercício da parentalidade, como podemos perceber. Os pais necessitam estar atentos para adaptarem os seus estilos e práticas educativas às transformações sociais ocorridas com o passar dos tempos, as quais, segundo Coelho (2005), contribuíram para mudanças de significado das relações de autoridade e de poder na família, assim como seus papéis e identidades.

Ainda de acordo com esta autora, “as novas regras de relação de autoridade e de poder vão sendo construídas a partir da experiência e das negociações, em que tanto a autoridade precisa ser mantida como a busca por autonomia dos filhos precisa ser considerada” (p. 205). Desta maneira, pais e filhos podem experimentar relações cada vez mais simétricas e flexíveis, tendendo a diálogos mais igualitários e menos hierárquicos. É possível, pois, possibilitar o incremento de demandas em cada fase do ciclo vital sem necessariamente comprometer a autoridade parental. Neste âmbito, Coelho aponta que:

Por ser o processo de mudança social contínuo, algumas dimensões e tendências da orientação social se apresentam nas mudanças das famílias, como o ideal hierárquico para o ideal igualitário [...]. A distância posicional e afetiva que existia na família de orientação hierárquica, demarcando rigidamente as fronteiras entre pais e filhos, marido e mulher, foi abalada, abrindo espaço para a proximidade, flexibilizando as fronteiras entre eles [...]. A crise dos papéis com sua conseqüente redefinição, intercambiando as áreas de controle masculino e feminino, alterou o cotidiano das famílias, renegociando novos papéis e mudando as relações entre os gêneros. Essas mudanças na relação de poder permitem ressignificar as relações parentais, que se tornam mais fluidas, abrindo espaço para negociações entre as gerações, em que ambos os pais têm autoridade, e os filhos, reconhecimento de suas individualidades (COELHO, 2005, p. 202).

Corroborando com a ideia acima, Reichert (2006) acrescenta que um dos grandes desafios no que se refere à educação dos filhos na contemporaneidade é:

[...] há necessidade de a família adaptar-se às novas exigências que invadem a intimidade do cotidiano familiar. A sensação de “certo” ou “errado” que balizava atitudes e estratégias utilizadas pelos pais há décadas atrás já não os acompanha na atualidade. Dar autonomia aos filhos, oferecendo-lhes um ambiente de independência familiar e guiando-os ao exercício da responsabilidade, tem sido uma tarefa complexa num contexto de incertezas cada vez mais adverso e violento (REICHEIRT, 2006, p. 89).

Em vista disso, tem sido comum o sentimento de insegurança em alguns pais e mães no desempenhar dos seus papéis, que ficam confusos na aplicação dos limites e regras diante das diversas possibilidades de interação e influências dos seus filhos.

Necessitam favorecer a autonomia, com maior intensidade na fase adolescente, e manter diálogo aberto e construtivo com seus filhos, ao mesmo tempo em que também é necessário manter atitudes protetivas diante da insegurança no cenário social.

Em relação às dinâmicas familiares atuais, Teixeira; Lopes; Guimarães (2014) também destacam a possibilidade de abertura nas famílias para diálogos mais flexíveis, com espaço para mais expressão afetiva entre seus membros, os quais são legitimados nas diferenças e na individualidade. Nessa fase da adolescência, naturalmente, ocorre um distanciamento entre pais e filhos que, por vezes, pode desencadear sentimento de abandono por parte dos genitores, devido ao receio de que os filhos se percam em suas tentativas de autonomia.

Neste sentido, Coelho (2005) destaca que novos significados sobre a parentalidade foram gerados a partir das mudanças ocorridas nas relações familiares, pela busca de alternativas de vida diferenciada das tradicionais. Na atualidade, homens e mulheres são diariamente convidados a revisar seus lugares como atores sociais no exercício dos seus papéis parentais, passando a incorporar novas práticas e negociações no cotidiano das famílias. A autora acrescenta, ainda, que:

As histórias destes atores, como parte do grupo a que pertencem – família, camada social, gênero e etnia – constituem a narrativa que fazem de si, nas duas dimensões, da paternidade e da maternidade. Ser mãe ou pai são facetas da identidade pessoal, social e psicossocial, construídas no exercício da paternidade e da maternidade, nas interações sociais (COELHO, 2005, p. 211).

As postulações disponibilizadas nesse capítulo permitem assegurar que é importante tecermos reflexões que abarquem a realidade de família com filhos adolescentes e subsidiem o nosso olhar para as relações estabelecidas entre pais e filhos e todas as crenças que estão envolvidas neste processo de vinculação.

De forma a deixar em aberto os diversos caminhos possíveis para uma reflexão sobre família e a singularidade do educar em tempos atuais, convém debruçarmos nas vivências das famílias com adolescentes em camadas médias urbanas. Considerando as especificidades vivenciadas por este grupo social específico, destacamos este período do curso de vida familiar como significativo de desenvolvimento das relações familiares e sociais, importante na busca por autonomia dos adolescentes.

2.2 FAMÍLIAS COM FILHOS ADOLESCENTES: UM DESPERTAR PARA A REALIDADE EM CAMADAS MÉDIAS URBANAS

A adolescência, em linhas gerais, é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social (EISENSTEIN, 2005). A Organização Mundial de Saúde – OMS – define a faixa etária da adolescência como a segunda década de vida, período compreendido entre os dez e dezenove anos, e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA –, no Brasil, dos doze até os dezoito anos de idade completos, sendo esta referência desde 1990.

A respeito das vivências subjetivas complexas no período da adolescência, considerada como um período de transição marcado por fortes implicações para o desenvolvimento dos jovens, Buchianeri (2012) discorre:

A adolescência é um momento de vivência subjetiva complexa, em que há momentos de transgressão, numa busca desesperada pelo futuro, e momentos regressivos, com uma volta e fixação ao passado [...] A experiência do tempo e do espaço percorre evidentemente todas as fases da vida, mas é na adolescência que ela se constitui de forma mais contundente. É um período do qual nossa cultura reserva para o jovem o descortinamento do mundo, abrindo-lhes espaços vários à frente, permitindo, e até estimulando, a experimentação de relações sociais diversas (BUCHIANERI, 2012, p. 77-79).

Cabe mencionar, ainda, que, mesmo dentro do período da adolescência, e considerando a variabilidade de experiências vivenciadas pelos adolescentes, há fases distintas, de acordo com os seus interesses. Krauskopof (1999) sistematiza o período da adolescência em três fases: fase da puberdade, a adolescência média e fase final e chama atenção de que não são sequências rígidas, uma vez que:

[...] as acelerações e desacelerações dos processos dependem, pelo menos, de diferentes subculturas, status socioeconômico, recursos pessoais e tendências anteriores, os níveis de saúde mental e desenvolvimento biológico, interações com o meio ambiente, e entre estes, as relações de gênero e as relações intergeracionais (KRAUSKOPOF, 1999).

Embora a adolescência não seja o objeto direto de investigação neste estudo, e sim a análise do conteúdo de mundo vivido por pais e mães de filhos adolescentes, é útil apontar aspectos que atravessam a compreensão acerca da adolescência, nesta pesquisa: (1) é construída social e historicamente, assim como qualquer outra fase do ciclo de vida, portanto, há diferenças da dimensão do “viver” e “ser” adolescente em

cada grupo social específico (BUCHIANERI, 2012; LEAL, 2003; VELHO, 1997; BOCK, 2007) e (2) existem muitas definições apresentadas na literatura, embora todas elas convirjam para a variabilidade de experiências vivenciadas pelos adolescentes, com acentuadas transformações biológicas, psicológicas, comportamentais, bem como as mudanças sentidas pelas famílias com filhos adolescentes (CERVENY, 1997; 2002; CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Tendo em vista o fato de que os adolescentes referenciados neste estudo pertencem à adolescência média, a qual compreende a faixa etária por volta dos 14 e 16 anos, destacamos alguns interesses e preocupações dos jovens nesse período. De acordo com Krauskopof (1999), giram, principalmente, em torno da afirmação pessoal e social e pelas primeiras experiências de amor, costumam vivenciar impulsos sexuais emergentes, explorar ativamente as habilidades sociais, e a relacionar-se mais intensamente com seus grupos de referência, isto é, vivenciam o processo de busca por individuação que mobiliza exploração e diferenciação do seu ambiente familiar, na procura por pertença e sentido de vida e busca por autonomia.

Trazendo à luz desta reflexão, Buchianeri (2012) postula que é importante pensar as idades da vida como “construções sociais que se utilizam do tempo para segmentar e diferenciar características biopsicológicas” (p. 77). Neste sentido, abarcando a posição do autor, vale advertir que a adolescência deve ser pensada considerando dimensões mais amplas que não apenas os critérios cronológicos, embora seja preciso dizer que estes facilitam um olhar mais homogêneo por parte dos pesquisadores.

Com isso, entendemos que “viver” e “ser” adolescente varia no tempo histórico e entre sociedades, camadas sociais e contextos específicos, sendo muito diferente experienciar a adolescência em comunidades rurais e em comunidades urbanas, por exemplo. Do mesmo modo, até mesmo dentro de uma mesma comunidade, podemos perceber que a duração e vivências nas diferentes camadas sociais sinalizam perspectivas diferentes de futuro para os adolescentes. Estas ideias fundamentam-se na afirmativa de Velho (1997) que aponta que as camadas sociais têm como estrutura interna características culturais que são resultado de peculiaridades econômicas, políticas e simbólicas.

Neste sentido, e em conformidade com o que está sendo aqui explicitado, Buchianeri (2012) chama atenção para as distintas formas de viver a adolescência em sociedades urbanas contemporâneas, pois “os influxos socioeconômicos evidenciam-

se nas classes sociais fazendo que haja diferenças substanciais entre pobres e ricos quanto à vivência da adolescência” (p. 77-78). Isso porque, conforme evidencia Leal (2003), “as diferenças entre os dois grupos sociais, os da classe trabalhadora e o das classes médias e altas, não são apenas na maneira com que pensam a pessoa, mas são fundamentalmente diferenças em termos de visão de mundo” (p. 37).

Neste seguimento, Krauskopof (1999) reflete sobre o importante papel da sociedade no desenvolvimento dos jovens adolescentes que são portadores de mudanças culturais, uma vez que estas possibilitam novas condições para o seu desenvolvimento social que ocorre em interação com entidades sociais no meio ambiente.

O autor chama atenção, ainda, para o processo de desenvolvimento do adolescente em tempos modernos, que necessita ser analisado com cautela e criticidade, uma vez que os adultos, buscando auxiliá-los na reorganização das estruturas psicossociais, necessitam estabelecer novos modelos de autoridade e metas de desenvolvimento inovadoras. Defende a posição de que, quando não há condições adequadas, as novas interações pessoais e sociais experimentadas pelos adolescentes podem promover o surgimento de grandes riscos e danos, por se caracterizar como um período de fortes tendências individuais, aquisições psicossociais, com aumento de metas socialmente disponíveis, estando mais vulneráveis para os pontos fortes e fracos do ambiente.

Abordando a questão com uma maior amplitude, Sarti (2004) discute sobre a posição que o jovem adolescente ocupa na família relacionando ao lugar que esta ocupa na sociedade:

Aquele de quem introduz uma alteridade na família, por meio de novos discursos que abalam seu discurso oficial – seja pela ruptura ou pela inversão ou, mesmo, pela reafirmação deste discurso. Reações diversas de fechamento ou de abertura frente a esses “estranhos” – serão decisivas para as relações familiares e, particularmente, para o lugar do jovem, em busca de uma identidade própria que se constrói pelas várias alteridades com as quais se enfrenta (SARTI, 2004, p. 20).

Dentro desta perspectiva, é salutar pensar na realidade vivenciada por famílias com filhos adolescentes, as quais necessitam adaptar-se às transformações advindas com a adolescência dos filhos. A dinâmica da família, muitas vezes, exige adaptações na sua estrutura e organização para lidar com as tarefas dirigidas à preparação do adolescente para as responsabilidades e os compromissos do mundo adulto.

Assim, a despeito das alterações experienciadas pelo adolescente, Luisi; Filho (1997) apontam as mudanças de papéis, exigências, interesses e relações dentro e fora da família como marcadores deste período. Para estes autores, na adolescência, “a acentuada mudança de valores sociais e até políticos tornam-se forte elementos para possíveis confrontos com os pais. Os valores da família, que até então eram mantidos sob intenso controle, passam agora pela contestação” (LUIZI; FILHO, 1997, p. 82).

A família, pois, já não é vista como o espaço privilegiado para confirmar as habilidades e autoestima do adolescente, o que leva às figuras parentais o difícil desafio de alcançar a capacidade de manter e expressar, nestas novas condições, a aceitação de seus filhos, que é sempre crucial para o seu desenvolvimento. Às vezes, na tentativa de protegê-los, os adultos podem adotar comportamentos mais exigentes, inibindo e não legitimando algumas capacidades já alcançadas pelo adolescente, ocasionando novos conflitos e dificuldades.

Seguindo neste enfoque, como pontua Rosset (2005), muitas vezes, os pais, como cuidadores ou como casal, precisam rever suas próprias questões. Ou seja, quanto mais estruturadas as suas próprias identidades, mais segurança os pais terão quanto aos seus valores, competências e incompetências, e desta forma, tendem a ser menos reativos aos desafios dos filhos adolescentes.

Neste sentido, conforme Krauskopof (1999), as relações entre as gerações têm o forte papel de contribuir para a afirmação da identidade do indivíduo e reforçar os seus processos de independência e diferenciação. Este autor faz referência em termos do funcionamento psicológico do adolescente, apontando para as dimensões mais importantes do desenvolvimento que ocorrem no nível intelectual, sexual, social e no desenvolvimento da identidade.

Nesse ínterim, Teixeira; Lopes; Guimarães (2014) chamam atenção para a importância de pais com filhos adolescentes exigirem mais fortemente o cumprimento de regras e reverem, inclusive, os seus valores e crenças para lidar com as transformações típicas desta fase. Neste sentido, acrescentam as autoras que os pais necessitam assumir novas posturas e a respeitar cada vez mais a individualidade dos filhos, flexibilizando as exigências impressas anteriormente na dinâmica da família, na tentativa de fomentar a autonomia do adolescente e favorecer que este enfrente os novos desafios.

Com isso, evidenciamos a importância dos pais e mães estabelecerem regras e limites aos seus filhos, ainda mais nesta fase, porque os desafios no que tange à

autoridade parental tendem a se intensificar. Estimular a autonomia, na adolescência, perpassa pelo incentivo à adoção de atitudes responsáveis por parte dos pais e mães, ou seja, as suas práticas de cuidado devem incentivar vivências de novas experiências, bem como permitir que seus filhos avaliem e arquem com as consequências de suas escolhas.

De forma complementar, reforçando o nosso entendimento acerca da necessidade de regras e limites estabelecidos, Cerveny (1997) acrescenta que o adolescente ocupa socialmente um lugar de autoafirmação, opondo-se e fazendo do conflito um instrumento imprescindível no processo de tornar-se sujeito, na família e no mundo social. Logo, “[...] a família configura um cenário onde o conflito é intrínseco e, sendo assim, o trabalho com famílias pode se dar no sentido de pensar os limites do que é ou não negociável nas relações familiares [...]” (p.24).

A despeito deste processo, Preto (1995) diz que, de modo geral, “a maioria das famílias, depois de um certo grau de confusão e perturbação, é capaz de mudar as normas e os limites e reorganizar-se, para permitir aos adolescentes maior autonomia e independência” (p. 223). Disso resulta que, de acordo com esta autora, as demandas dos adolescentes por maior autonomia e independência favorecem transformações nos padrões de relacionamento entre as gerações no interior das famílias. Por esta via, embora possa ser assinalada inicialmente pela maturidade física do adolescente, ela, muitas vezes, é paralela e coincide com as mudanças nos pais conforme eles entram na meia-idade (PRETO, 1995).

Finalmente, todas as postulações e reflexões disponibilizadas nesse subcapítulo apontam para os aspectos subjetivos que são inerentes ao exercício da parentalidade. Tais aspectos envolvem a definição de papéis, estilos e práticas educativas que vinculam os pais aos filhos e que garantam a transmissão de afeto, valores e cultura familiar.

3 O PAPEL PARENTAL NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA: UM OLHAR CONTEXTUALIZADO

3.1 ESTILOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS

Discutir o papel parental no desenvolvimento da autonomia de filhos adolescentes, na contemporaneidade, nos convida a adentrar no universo da literatura especializada com relação aos estilos e práticas educativas adotadas por pais e mães. Isto porque, o desenvolvimento da autonomia dos indivíduos está intimamente articulado ao contexto familiar, por meio do modelo de educação ofertado pelos pais.

A respeito dos estilos e práticas educativas parentais¹⁵, a literatura científica aponta como sendo duas dimensões distintas, entretanto, intrinsecamente relacionadas na complexidade da interação pais e filhos. Conforme Gomide *et al* (2005 *apud* MACARINI e cols., 2010), ao conjunto de práticas educativas utilizadas pelos pais na interação com os filhos dá-se o nome de estilo parental, ou seja, as práticas educativas, combinadas de diferentes formas, resultam em estilos parentais diversos.

Abordando a questão com uma maior amplitude, Hoffman (1975) apresenta a seguinte distinção acerca destas duas dimensões: as práticas educativas referem-se a situações cotidianas específicas de interação pais-filhos que revelam as estratégias utilizadas pelos pais na educação de seus filhos. Normalmente ocorrem frente às interações que se destinam a socialização, chamadas pelo autor, de encontro disciplinar. São exemplos dessas práticas: o uso de afeto, explicações, regras, punições ou de recompensas para o monitoramento do comportamento dos filhos.

Já os estilos parentais, de acordo com o autor supracitado, envolvem dimensões da cultura familiar, como a dinâmica da comunicação familiar, do apoio emocional e de controle presentes nas interações pais e filhos. Ou seja, relacionam-se ao padrão global de características da interação dos pais com os filhos em diversas situações. Estas envolvem também crenças, valores e aspectos relativos à hierarquia das funções e papéis familiares, expressos no exercício da disciplina, autoridade e tomada de decisões (HOFFMAN, 1975).

¹⁵ Há diferentes termos conceituais para caracterizar e explicar o conjunto complexo de comportamentos exercidos por mães e pais em relação aos filhos: práticas parentais, práticas educativas, práticas de cuidados, cuidados parentais (MACARANI, *et al*, 2010).

Nesta área de interesse, Baumrind (1966) é apontada como a precursora dos estudos sobre estilos parentais, na década de 60, ao integrar aspectos comportamentais e afetivos envolvidos na educação dos filhos. O grande diferencial do trabalho desta autora, e que muito tem auxiliado na compreensão dessa temática, foi à formulação de três modelos de estilos parentais:

1. O *autoritário*: pais rígidos e autocráticos, com maior controle, regras impostas e pouco apoio aos filhos, caracterizado por ordens impositivas, estabelecimento de regras que não podem ser discutidas e castigos severos. Normalmente ocorre uma atitude de submissão por parte dos filhos que acatam momentaneamente as regras, ainda que discordem delas.
2. O *autoritativo ou autorizante*: alto envolvimento, controle e apoio parental, com limites e regras claras, comunicação aberta entre filhos e pais. Estes incentivam a autonomia, independência e a individualidade dos filhos. Do mesmo modo, se mantêm disponíveis ao diálogo, trocas e discussões sobre os modelos e regras estabelecidas, estimulando condutas maduras, a análise das consequências de seus atos, promovendo valores positivos.
3. O *permissivo*: pais que tendem a identificar e satisfazer as necessidades e exigências dos seus filhos, podendo ocorrer altos níveis de comunicação e afeto, mas com pouco controle, exigência e supervisão.

Muitas pesquisas, até a década de 1980, permaneceram nesta formulação em relação aos estilos apresentados, sem outros estudos sistemáticos de possíveis dimensões subjacentes aos estilos parentais.

A partir deste período, Maccoby; Martin (1983) redefiniram a tipologia apresentada por Baumrind (1966) e organizaram uma nova classificação pautada nas dimensões de exigência e responsividade, e desmembraram o estilo permissivo em negligente e indulgente. Para esses autores, exigência é a atitude dos pais de impor limites e regras. A responsividade refere-se às atitudes de compreensão em relação aos filhos e engloba características como reciprocidade, comunicação, afetividade, apoio, concordância parental, reconhecimento e respeito à individualidade do filho.

A despeito desta nova categorização das famílias indulgentes e negligentes, Reichert (2006) aponta que as primeiras apresentam atitudes parentais mais tolerantes sem fazerem muitas demandas por comportamentos maduros, permitindo

que os filhos se autorregulem. São famílias que apresentam um alto envolvimento afetivo, mas com baixo monitoramento e controle parental. Neste sentido, fomentam a autonomia e a independência (autodireção) e inibem valores pró-sociais (de solidariedade e justiça). Já nas famílias negligentes, de acordo com a autora, os pais são voltados para os seus próprios problemas e objetivos, não se responsabilizam, monitoram ou oferecem suporte aos filhos, não sendo consideradas nem exigentes e nem responsivas.

Em vista disso, pais autoritários apresentam alto nível de exigência e baixa responsividade; os pais permissivos apresentam baixa exigência e alta responsividade. Por sua vez, os pais autoritativos demonstram alta exigência e alta responsividade; e os negligentes, baixa exigência e baixa responsividade (BAUMRIND, 1966; MACCOBY; MARTIN, 1983).

Desta maneira, com o intuito de ampliar a compreensão sobre o alcance das práticas educativas parentais, de modo geral, identificamos quatro estilos parentais mais utilizados na literatura: autoritativo, autoritário, negligente e indulgente.

Vale dizer que qualquer prática educacional depende de acordos realizados com outras pessoas e envolvem alguns elementos. Dentre eles, Baumrind (1966) relaciona o calor humano, a maturidade, o envolvimento, a demanda dos filhos e supervisão dos pais como fatores que influenciam na maneira do filho responder às influências parentais.

Cabe, ainda, mencionar, os dois tipos de estratégias apontadas por Hoffman (1975) que os pais utilizam para interagirem, conduzirem e/ou monitorarem o comportamento dos filhos: as estratégias coercitivas ou as indutivas.

As estratégias coercitivas compõem o uso de intervenções externas com aplicação direta da força, incluindo punição física, privação de privilégios e afeto ou a utilização de ameaças destas atitudes. Fazem com que o filho controle seus comportamentos em função das reações punitivas dos pais e provocam emoções intensas, tais como medo, raiva e ansiedade, reduzindo a possibilidade de compreensão acerca da situação e a necessidade de modificação do seu comportamento (HOFFMAN, 1975; CASSONI, 2013). Com isso, dificulta a internalização das regras sociais e padrões morais necessários para o ajustamento psicológico. Tendem a acarretar repercussões negativas ao desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes em diversas áreas (ajustamento social, psicopatologia, desempenho escolar, dentre outras). (HOFFMAN, 1975; CASSONI, 2013).

Com relação às estratégias indutivas, diferentemente, os pais buscam atingir o objetivo disciplinar indicando para os filhos as consequências do seu comportamento para as outras pessoas, chamando a sua atenção para os aspectos lógicos da situação. Proporcionam a compreensão das implicações de suas ações e, portanto, dos motivos que justificam a necessidade de mudança comportamental. Por conseguinte, tendem a favorecer o desenvolvimento da autonomia e a internalização de regras e padrões morais, na medida em que os filhos utilizam dessas informações para controlar seu próprio comportamento (HOFFMAN, 1975; CASSONI, 2013).

3.2 O ENFOQUE SISTÊMICO COMO INVESTIGAÇÃO DO CUIDADO PARENTAL

O cuidado parental deve ser compreendido para além da análise das influências intrafamiliares imediatas, ou seja, abarcando aspectos amplos de interações recíprocas, como os fatores sociodemográficos, por exemplo: escolaridade, realidade socioeconômica e cultural. Assim, consideramos o pensamento sistêmico como central na investigação do cuidado parental relacionada ao desenvolvimento da autonomia dos filhos, haja vista a diversidade de aspectos que envolvem o fenômeno família – a sua complexidade, através da contextualização social, histórica e cultural.

De acordo com Grandesso (2000), a abordagem sistêmica tem a sua atenção aos fenômenos interpessoais e aos contextos onde estes se apresentam, propondo uma imagem de ser social cujo comportamento é compreendido à luz das organizações e do funcionamento do sistema de relações em que o indivíduo está inserido. Deste modo, as complexas experiências vivenciadas no interior das famílias requerem adaptações no interior destas para favorecer uma conexão entre contextos sociais diferenciados. Vale advertir que, tais adaptações são necessárias no acolhimento das demandas típicas do sujeito em cada fase de seu desenvolvimento.

Em meio a este cenário, a família funciona como um “sistema aberto”, através da sua relação com o contexto social mais amplo, ou seja, indo além do indivíduo em suas interfaces com outros contextos - vizinhança, instituições, comunidade (MINUCHIN, 1988). Estes são denominados por Coelho (2006) como contextos de socialização secundária e exercem o importante papel de confrontar os valores e as

crenças vivenciadas no interior de suas famílias. Como exemplos de contextos de integração dos indivíduos em sociedade, esta autora cita: a escola, a comunidade e os grupos de pares.

Assim, pensar a família implica em considerar que o comportamento de cada um de seus membros é interdependente do comportamento dos outros. O grupo familiar deve ser visto como um conjunto, uma totalidade, de forma que a análise do sistema familiar não é a soma da análise de seus membros individualmente.

Neste sentido, o processo de educar os filhos deve ser compreendido nos diferentes momentos do curso de vida¹⁶. Numa visão análoga, e em função do aumento gradual das demandas em cada etapa dos ciclos desenvolvimentais, compreendemos o desenvolvimento da autonomia por meio de um entendimento sistêmico, considerando a indissociabilidade entre a pessoa e todos os contextos em que ela se insere.

Ao considerarmos o desenvolvimento como um processo complexo e contínuo, que ocorre por meio de interações recíprocas - em que o meio ambiente tem uma forte atuação - trazemos as contribuições teóricas do modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, de Urie Bronfenbrenner (1996, 2011). Esta Teoria “em si representa a dinâmica das relações do desenvolvimento humano entre o indivíduo que está em atividade em seu ambiente complexo, integrado e mutável” (BRONFENBRENNER, 2011, p. 27).

Ao longo do ciclo da vida, o desenvolvimento humano toma lugar mediante processos de interação recíproca, progressivamente, mais complexos de um organismo humano ativo, biopsicologicamente em evolução, com as pessoas, os objetos e os símbolos presentes no seu ambiente imediato. Para ser efetiva, a interação deve ocorrer em uma base regular, em períodos estendidos de tempo. Essas formas duradoras de interação no ambiente imediato são denominadas como processo proximal (BRONFENBRENNER, 2001, p. 6965 *apud* BRONFENBRENNER, 2011, p. 29).

No modelo proposto por Bronfenbrenner (1996) “o meio ambiente ecológico” é definido como um espaço de interconexões entre os vários ambientes de desenvolvimento, que não se limita a um ambiente único, imediato, mas se apresenta

¹⁶ Referimos aqui, a curso da vida à ideia de continuidade, trajetória da mesma, apesar de em alguns momentos o texto mencionar “fases” (CERVENY; 1997, 2002) ou “etapas” do ciclo de vida (CARTER; MCGOLDRICK, 1995) para situar características de um momento do desenvolvimento dos membros dentro de uma família, considerando-se sempre a transitoriedade temporal e não movimentos estanques. Embora estas autoras reconheçam o padrão dominante de família nuclear, consideram que ela é um subsistema emocional reagindo aos relacionamentos passados, com base no modelo que passa as gerações (PENSO; COSTA; RIBEIRO, 2008).

como uma organização de encaixe de estruturas concêntricas, cada uma contida na seguinte. Essas estruturas são chamadas de micro-, meso-, exo- e macrosistema, definidas da seguinte maneira:

- 1) *Microssistema*: padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento em cada ambiente, com características físicas e materiais específicas. O microssistema é constituído pelos seguintes elementos: atividade, papel e relação interpessoal.
- 2) *Mesossistema*: inclui as interrelações entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente, constituindo, portanto, um composto de microssistemas.
- 3) *Exossistema*: diz respeito a um ou mais ambientes no qual a pessoa em desenvolvimento não é participante ativo, mas no qual ocorrem eventos que afetam ou são afetados por acontecimentos advindos do ambiente que a pessoa está inserida. Por exemplo, uma doença do filho pode exigir dos pais um afastamento do trabalho, podendo afetar as atividades cotidianas da empresa, assim como uma modificação nas atividades do ambiente de trabalho dos pais podem interferir nas relações familiares.
- 4) *Macrossistema*: refere-se às consistências na forma e conteúdo de sistemas de ordem inferior (micro-, meso- e exo-) que existem, ou poderiam existir, no nível da subcultura ou da cultura como um todo, assim como qualquer sistema de crença ou ideologia envolvidas.

Neste enfoque, o desenvolvimento é fruto da forma, poder, conteúdo e direção dos processos proximais, que envolvem a articulação entre as características da pessoa em desenvolvimento (incluindo herança genética), o contexto (imediate e remoto) e as continuidades e mudanças ocorridas no tempo vivido do ciclo de vida e no tempo histórico em que está inserida (BRONFENBRENNER, 2011). Assim, “para os mais jovens, a participação nos processos de interação ao longo do tempo gera a capacidade, a motivação, o conhecimento e a habilidade para exercer essas atividades com outras pessoas e consigo mesma” (p. 46).

Logo, podemos compreender que o desenvolvimento do adolescente ocorre na interrelação dos níveis ecológicos, entendidos como sistemas entrelaçados, no qual concebe a existência de quatro componentes:

(a) o processo de desenvolvimento, envolvendo a fusão e a dinâmica de relação entre o indivíduo e o contexto; (b) a pessoa, com seu repertório individual de características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais; (c) o contexto do desenvolvimento humano, definido como níveis ou sistemas entrelaçados [...]; e (d) o tempo, conceituado como envolvendo as dimensões múltiplas da temporalidade (p. ex., tempo ontogênico, tempo familiar e tempo histórico) (BRONFENBRENNER, 2011, p. 25).

Portanto, quando investigamos as compreensões de pais e mães acerca de suas práticas educativas relacionadas ao desenvolvimento da autonomia dos seus filhos adolescentes, compreendemos a dinâmica e os contextos das interações vivenciadas, as quais constituem e formam conexões próprias de cada família.

Isto quer dizer que, numa perspectiva ampliada, relacional, evidenciamos a importância da interação familiar e das experiências complexas vivenciadas no interior das famílias, ou seja, no âmbito dos padrões transgeracionais e intergeracionais¹⁷, cujas mudanças em cada membro afetam a família como um todo e vice-versa.

Portanto, consideramos os múltiplos fatores que repercutem em práticas educativas que auxiliam ou dificultam a formação de sujeitos autônomos, dentre eles: a personalidade e os padrões de valores e comportamentos dos filhos, dos pais e os legados transgeracionais; a organização e estrutura familiar; os padrões¹⁸ de interação entre os subsistemas familiares¹⁹. Do mesmo modo, podemos apontar também: as mudanças sofridas pela família, as mudanças individuais que a afetam como um todo; os diferentes momentos em que a família responde à cultura e às transições do curso de vida com novos significados.

Com isso, na fase da adolescência, apontada por importantes transições, o desenvolvimento e a conquista da autonomia são uma das consequências evolutivas mais importantes advindas das interrelações contidas no processo proximal. Para alcançar sua autonomia, o adolescente necessita equilibrar o seu desejo de

¹⁷ Neste trabalho, adotamos a conceituação feita pelas autoras Falcke; Wagner (2014). Segundo elas, o prefixo trans resgata os componentes que perpassam a história familiar e se mantêm presentes ao longo das gerações. Já o prefixo inter traz a noção de reciprocidade que sugere, principalmente, a passagem de uma geração a outra, em detrimento da ideia de permanência de tais processos no cotidiano das suas sucessivas gerações da família.

¹⁹ Os subsistemas são funções e exigências específicas para cada um de seus membros, sendo o parental, o fraternal e o conjugal os três principais (MINUCHIN, 1982, p. 57).

independência com a necessidade de preservação do seu legado familiar, passando por um processo gradual onde se faz uma revisão crítica das normas, limites, valores e ensinamentos transmitidos transgeracionalmente de pais para filhos durante o exercício da parentalidade (RIOS GONZÁLES *apud* REICHERT; WAGNER, 2007).

Para além de outros contextos de desenvolvimento, os quais exercem influências primordiais para o ganho de autonomia do adolescente, como os grupos de amigos, a escola, entre outros, a família permanece como uma instituição que mantém um papel específico, reconhecido e altamente valorizado, haja vista que as suas funções são exercidas continuamente durante todas as etapas de desenvolvimento de seus membros (PRATTA; SANTOS, 2007).

Neste processo, a família exerce uma importância singular por ser o contexto primário de socialização do sujeito e espaço privilegiado de transmissão de valores, considerado por Bowen (1979 *apud* ADOLFI, 2002) como núcleo de maior fonte de segurança, afeto, bem-estar, proteção e apoio que o indivíduo necessita para um desenvolvimento saudável.

Disso decorre que, enquanto matriz da identidade, o sistema familiar é o contexto por meio do qual os sentidos de pertencimento e de diferenciação podem ocorrer. Essas duas forças vitais, a de união e a de diferenciação, são vivenciadas pela pessoa dentro de subsistemas familiares, como também nas redes extrafamiliares (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998). O pertencimento significa a garantia do indivíduo em compartilhar crenças, valores, mitos, preconceitos e regras próprias dentro de sua família, as quais acabam compondo uma identidade familiar. Quanto mais acolhido ele se sente na família, maior liberdade terá para buscar sua individualidade e autonomia (BOWEN, 1991).

Neste universo, Aun (2007) faz referência às noções de autonomia e individuação como fundamentais para entender a etapa das famílias com filhos adolescentes, afirmando que são correspondentes à noção de diferenciação proposta por Bowen. Este autor (1991) afirma que é a partir da garantia de pertencimento que um indivíduo se lança para o mundo em busca do estabelecimento e demarcação da sua singularidade. Este movimento, nomeado como diferenciação, diz respeito à singularidade do sujeito, aos seus aspectos específicos que pretendem ser respeitados pelos demais, garantindo-lhe ser diferente de quaisquer outras pessoas, mesmo daquelas pertencentes à sua família de origem (GUIMARÃES, 2015; 2014).

Assim, a família tem um grande desafio em educar seus membros transmitindo-lhes valores visando à autonomia de seus membros, ao mesmo em que respeitando as individualidades. A este respeito, Macedo; Kublikowski; Berthoud (2007) referem que:

Educar é transmitir valores e o grande desafio da educação é inscrever os valores comuns de uma cultura no projeto de liberdade de cada um, mas, de tal forma, que a liberdade individual não seja asfixiada por um processo de socialização perigoso para a dignidade da pessoa. O primado da educação sobre a individuação não se justifica se não ocorrer o movimento inverso, ou seja, se não se permitir a cada um, em harmonia com seu juízo moral, desenvolver seu próprio projeto de liberdade (p. 40).

Portanto, as funções parentais requerem ajustes entre os papéis materno e paterno, abrangidos de forma interdependente. Desta maneira, o processo de educação de um filho adolescente é composto por uma série de negociações, responsabilidades e dúvidas dos pais, que podem sentir-se desafiados no seu papel e autoridade parental em vistas das mudanças advindas deste período (PACHECO; SILVEIRA; SCHNEIDER, 2008).

Assim, para que ocorra um funcionamento familiar saudável, é necessário o estabelecimento de fronteiras no interior das famílias. Isto porque, de acordo com Nichols e Schwartz (1998), os membros, os subsistemas e a família, em geral, são demarcados por fronteiras invisíveis que servem como reguladoras de contato e proteção da autonomia das relações familiares.

Neste seguimento, Minuchin, (1982) postula a família a partir de três componentes essenciais, que são a estrutura, os subsistemas e as fronteiras, conforme vemos:

A *estrutura* corresponde ao conjunto de regras veladas que governam as relações da família e aos padrões relacionais que regulam os comportamentos dos seus membros, os quais compõem as regras e negociações implícitas e explícitas. Os *subsistemas* são funções e exigências específicas para cada um de seus membros, sendo o parental, o fraternal e o conjugal os três principais. As *fronteiras* são barreiras invisíveis que demarcam e denunciam o grau de envolvimento entre os indivíduos, subsistemas e famílias, regulando a quantidade de contato que eles estabelecem com os outros. São espécies de regras que definem *quem* participa dos subsistemas e *de que forma* (MINUCHIN, 1982, p. 57).

De acordo com Minuchin (1982), as fronteiras podem ser:

- a) *Rígidas*: são restritivas, permitem pouco contato com sistemas externos, sendo os seus limites bastante rígidos. Resulta em distanciamento,

promove autonomia, crescimento e desenvolvimento dos recursos próprios, limita a proximidade, a comunicação, a troca de afeto e a proteção. São famílias com interações distanciadas ou desligadas, as quais têm percepção distorcida de independência dos membros, carecendo de sentimento de lealdade, pertencimento, interdependência e dificuldade em buscar apoio quando necessário.

- b) *Nítidas*: fronteiras claras o bastante para permitir a autonomia de seus membros e subsistemas, e permeáveis o bastante para garantir apoio mútuo e afeição entre as pessoas. São as famílias funcionais que, apesar de vivenciarem ansiedade nos estágios transicionais do ciclo de vida de seus membros; ocorre o desenvolvimento e negociação de padrões complementares de apoio mútuo (adaptação e determinação de fronteiras).
- c) *Difusas*: há limites pouco claros, muita permeabilidade e pouca diferenciação e autonomia dos subsistemas. Há sentimento elevado de apoio mútuo, atenção e afetividade, pouca privacidade, menor respeito ao espaço do outro, gerando dependência e pouca autonomia dos seus membros.

Deste modo, as fronteiras protegem a autonomia e a diferenciação dos subsistemas, lidando com proximidade (não há contaminação com o nível emocional do outro) e hierarquia. No que se refere a esta, o adolescente que necessita sair de um lugar infantil para ocupar um novo lugar de mais posicionamentos e autonomia vivencia, ao mesmo tempo, o manejo de como lidar com a autoridade dos pais e respeito à hierarquia. Em vista disso, podemos dizer que a nitidez das fronteiras é um parâmetro útil para avaliar o funcionamento do sistema familiar.

Autores como Carter; McGoldrick (2008) referem que família compreende todo sistema emocional de pelo menos três ou quatro gerações, em qualquer momento dado, que não se restringem a um ambiente doméstico ou nuclear, mas como subsistemas emocionais que reagem aos relacionamentos passados, presente e antecipando os futuros dentro de um sistema relacional maior de três gerações.

Portanto, as demandas dos adolescentes por maior autonomia e independência favorecem transformações nos padrões de relacionamento entre as gerações no interior das famílias, as quais sofrem modificações:

Esta metamorfose familiar envolve profundas mudanças nos padrões de relacionamento entre as gerações, e, embora possa ser assinalada inicialmente pela maturidade física do adolescente, ela muitas vezes é paralela e coincide com as mudanças nos pais conforme eles entram na meia-idade e com as transformações maiores enfrentadas pelos avós na velhice (PRETO, 2008, p. 223).

Desta maneira, Bronfenbrenner (1996) enfatiza que os ambientes mais próximos da pessoa, como a escola, os amigos os vizinhos, os avós, exercem um papel importante no desenvolvimento do indivíduo e na aquisição de autonomia. Da mesma forma, a relação com a escola e os profissionais que lidam com o sujeito neste momento evolutivo, além dos fatores demográficos e contextuais, são elementos que exercem influência sobre o seu desenvolvimento.

Assim, estas diversas inserções constituem o mesossistema e, com isso, emerge a necessidade de que os pais têm de monitorar o comportamento dos seus filhos. O monitoramento parental foi definido por Bronfenbrenner (2011, p. 47) “como o esforço por parte dos pais para se manter informados e estabelecer limites das atividades que seus filhos realizam fora de casa”.

As adaptações no microsistema familiar decorrentes das práticas educativas parentais acontecem para favorecer uma conexão entre contextos sociais diferenciados e são necessárias no acolhimento das demandas do adolescente que está vivenciando novas responsabilidades e experiências típicas da fase. A este respeito, Preto (2008) acrescenta que:

[...] não é incomum que os pais e avós redefinam seus relacionamentos durante este período, que os casais renegociem seus casamento e que os irmãos questionem sua posição na família. Por serem tão intensas, as demandas adolescentes frequentemente servem como catalizadores para reativar questões emocionais e acionam os triângulos. A luta por satisfazer essas demandas muitas vezes faz aflorar conflitos não-resolvidos entre os pais e avós, ou entre os próprios pais. Uma exigência de maior autonomia e independência, por exemplo, frequentemente desperta nos pais o medo da perda e da rejeição, especialmente se eles se sentiram rejeitados ou abandonados pelos pais durante a adolescência. Nas famílias com adolescentes, os triângulos geralmente envolvem os seguintes participantes: o adolescente, o pai e a mãe; o adolescente, um dos pais e um avô; ou o adolescente, um dos pais e os amigos do adolescente (PRETO, 2008, p. 224).

Portanto, em famílias com filhos adolescentes, em decorrência das intensas demandas dos filhos, os adultos necessitam redefinir suas expectativas, incluindo novas negociações e acordos. Todavia, nem sempre os pais estão dispostos e/ou preparados para efetivarem mudanças necessárias em suas dinâmicas familiares, potencializando conflitos ou superprotegendo o filho. Neste sentido, podem dificultar o desenvolvimento psicossocial do adolescente, e com isso, gerar comprometimentos para na consolidação de sua autonomia.

Ressaltamos a importância dos filhos serem concebidos como sujeitos ativos na relação e o ambiente familiar à estrutura favorável ou não ao desenvolvimento desta importante habilidade.

Assim, diante do interesse de conhecer a participação de pais e mães de adolescentes por meio de suas dinâmicas de interações vivenciadas em suas práticas educativas desempenhadas no exercício da parentalidade, concluímos esta revisão de literatura. Adentramos, no capítulo a seguir, aos objetivos do presente estudo, posteriormente às estratégias metodológicas, os resultados e discussões e por fim, às considerações finais.

4 METODOLOGIA

4.1 OBJETIVOS DA PESQUISA

A partir da fundamentação teórica explicitada nos capítulos anteriores, o objetivo geral deste estudo é analisar a compreensão de pais e mães acerca de suas práticas educativas relacionadas ao desenvolvimento da autonomia de seu(s) filho(s) adolescente(s). Como objetivos específicos: ii) Investigar as concepções de autonomia para pais e mães de filhos adolescentes; iii) Compreender as práticas educativas que pais e mães relacionam com o desenvolvimento da autonomia dos seus filhos adolescentes; iv) Discutir o papel parental no desenvolvimento da autonomia de filhos adolescentes na contemporaneidade.

4.2 DESENHO DO ESTUDO

O estudo aqui esboçado adota a abordagem metodológica de natureza qualitativa e exploratória, mediante estudo de casos múltiplos. O propósito de analisar a compreensão de pais e mães, casados entre si, acerca de suas práticas educativas voltadas para o desenvolvimento da autonomia de seus filhos adolescentes, conduziu à escolha pela pesquisa qualitativa (MINAYO, 2006), que, de acordo com esta autora, responde a questões muito particulares por trabalhar com “o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (p.21). Assim, na pesquisa qualitativa, o pesquisador mantém o foco no significado que os participantes dão e não ao significado que os pesquisadores trazem para a pesquisa ou como a literatura aborda a temática exclusivamente (CRESWELL, 2010).

De acordo com Minayo (2010), umas das razões para se fazer uso da abordagem qualitativa é que ela apresenta uma amplitude e pluralidade de investigação. Desta forma, podemos destacar como um dos objetivos para tal escolha a possibilidade de compreender o sentido ou a lógica interna que os sujeitos conferem a suas ações, representações, sentimentos, opiniões e crenças.

Justificamos a escolha pelo estudo de casos múltiplos porque envolve a coleta sistemática de dados por meio da investigação de um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de mundo real (YIN, 2015). Por esta mesma via, justificamos a natureza da pesquisa exploratória porque esta tem como um dos objetivos proporcionar maior familiaridade com o problema de forma que o torne mais explícito ou que permita constituir hipóteses (GIL, 2007). Para este autor, a pesquisa exploratória tem como procedimentos: (a) levantamento bibliográfico e **revisão da literatura** (grifo meu); (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão.

4.3 PARTICIPANTES

A pesquisa foi constituída por três pais e três mães – total de seis participantes –, casados entre si, sem a presença de filhos oriundos de união/conjugalidade anterior, pertencentes ao modelo de família nuclear. Ou seja, composta por um homem, uma mulher e os filhos, partilhando uma mesma habitação, sendo os pais os adultos responsáveis pela educação dos filhos desde o nascimento e que possuem pelo menos um filho adolescente do gênero masculino ou feminino, na faixa etária entre 14 e 16 anos, período que compreende a adolescência média, pertencentes à camada média urbana²⁰ e residentes na cidade de Salvador, Bahia.

Optamos por esta faixa etária dos filhos por entender que, na adolescência média, os jovens vivenciam um momento de acentuada preocupação e busca pela autoafirmação (KRAUSKOPOF, 1999). Em decorrência disso, muitos deles acabam apresentando necessidade de maior autonomia, tanto no ambiente familiar quanto no social e à medida que buscam uma maior diferenciação do grupo familiar, tendem a aumentar os conflitos por parte dos pais pela perda do filho idealizado.

O autor supracitado descreve também que, neste período, temos como características o desejo de afirmar os seus papéis sexuais e sociais. Isto é, emergem

²⁰ Conforme já explicitado na introdução desta dissertação, entendemos que a camada média inclui variações, podendo algumas famílias investigadas neste estudo possuir um perfil característico das famílias de camada média alta, entretanto, não foi uma preocupação neste estudo a busca por classificá-las neste sentido.

os impulsos sexuais, despontam suas capacidades para se colocar diante do mundo e de si mesmo, fazem questionamentos quantos aos seus aspectos comportamentais e suas expectativas, apresentam maior preocupação com o meio social, interesse por novas atividades e percebem os pares como a extensão de si (KRAUSKOPOF, 1999).

Para a seleção dos participantes, foi utilizada a técnica bola de neve, em que os indivíduos, primeiramente selecionados, obedecendo aos critérios de inclusão descritos acima, indicaram novos participantes de suas redes de contatos e, assim, sucessivamente. O primeiro casal de pais voluntários do estudo foi indicado a partir do contato da pesquisadora com psicólogos de sua rede profissional que trabalham em clínicas no atendimento a famílias com filhos adolescentes, na cidade de Salvador.

4.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Na pesquisa foram utilizados os seguintes instrumentos: observação participante, caderno de campo, gravador mp3 e entrevista aberta a partir de uma questão disparadora. Segundo Minayo (2003), uma entrevista é considerada aberta quando o entrevistado é convidado a falar livremente sobre um tema. Nesta pesquisa, entrevistamos todos os participantes com tempo médio de duração de uma hora cada entrevista.

A pesquisa foi realizada por meio da entrevista aberta direcionada em nível individual. Utilizamos a seguinte questão disparadora para iniciar a obtenção dos depoimentos: Convido o(a) Sr./Sra. a compartilhar a sua experiência enquanto pai/mãe de filho (a) adolescente relacionando as suas práticas educativas com o que observa em relação ao desenvolvimento da autonomia do (a) seu (sua) filho(a).

Optamos por uma questão disparadora visando permitir ao entrevistado respondê-la de forma livre e espontânea, em um diálogo que contemple as compreensões e interações advindas do seu contexto familiar nas questões que envolvem a educação dos filhos, as quais repercutem no desenvolvimento da autonomia de filhos adolescentes.

As entrevistas foram iniciadas com a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) em que constavam os objetivos da pesquisa e outras informações centrais a respeito da proposta de pesquisa.

Foram levantadas informações gerais sobre os entrevistados: idade, sexo, bairro de moradia, tempo de casamento, número de membros da família, escolaridade, profissão/ocupação, religião - praticante ou não -, renda familiar, ordem de nascimento do adolescente, gênero do adolescente, se foi ou não um filho (a) planejado (a), incluindo algumas informações sobre história de vida do participante, de formação do casal e do(s) filho (s) adolescente (s) (APÊNDICE A).

Decidimos pelo uso do caderno de campo para o registro de observações e informações complementares, as quais foram utilizadas durante a análise e discussão dos dados. Segundo Rodriguez *et al* (1999), o caderno de campo é um instrumento reflexivo e de análise, no qual o pesquisador registra não apenas as notas de campo, mas também as suas reflexões sobre o que vê e ouve.

Todos os participantes foram selecionados, por motivos éticos, sem vínculos de afetividade com a pesquisadora, para que não se sentissem inibidos em ofertar quaisquer informações, o que poderia afetar os resultados. Após a conclusão deste estudo, pretendemos realizar uma devolutiva aos participantes para apresentar os resultados obtidos com a pesquisa.

4.5 TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

As entrevistas foram realizadas em local e horário a critério e disponibilidade dos participantes, em ambiente físico propício à confidencialidade dos dados e concentração dos entrevistados. A depender da disponibilidade dos interlocutores, poderiam ser realizadas nas residências dos participantes ou em sala de consultório psicológico visando a não interrupção das mesmas.

Todos os participantes foram informados que sua participação seria completamente voluntária e que as informações fornecidas seriam utilizadas somente como parte desta investigação. Também foi indicada a garantia do anonimato e a confidencialidade de suas respostas, bem como, o tempo aproximado de duração da entrevista, sendo os participantes identificados com nomes fictícios.

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para não perder os dados. Para a devida avaliação do material obtido, fizemos a análise com base na construção de categorias de análise de conteúdo, que consiste num conjunto de

procedimentos de tabulação e organização de dados discursivos, que possibilita refletir a totalidade (MINAYO, 2003). Isso porque acreditamos que o pesquisador, na posição de intérprete, deve ter em conta que os discursos sempre expressam um saber partilhado com outros e marcado pela tradição, pela cultura e pela conjuntura, “[...] partindo do pressuposto de que o investigador-intérprete e seu ‘sujeito’ de observação e pesquisa são expressões de seu tempo e de seu espaço cultural” (MINAYO, 2010, p. 345).

O procedimento de análise do material consistiu, primeiramente, em nossa familiarização com o conteúdo das entrevistas como um todo. Após a leitura, fizemos a transcrição das entrevistas. Em seguida, a análise de conteúdo foi organizada em torno de categorias temáticas, a saber: *Breve história de vida do participante, de formação do casal e do(s) filho(s) adolescente(s); Os participantes e suas concepções de autonomia frente às suas práticas educativas; Para além do contexto familiar: relato dos pais sobre outras interações de filhos adolescentes e O participante frente à adolescência do(s) filho(s).*

Toda a análise e discussão dos dados, em diálogo com a revisão de literatura, transcorreram por meio do cruzamento das categorias temáticas estabelecidas e, assim, chegamos às considerações finais deste estudo.

4.6 ASPECTOS ÉTICOS, ANÁLISE DE RISCOS E BENEFÍCIOS

O estudo seguiu as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos (Res.466/12 CNS/MS), do Conselho Nacional de Saúde e o projeto de pesquisa foi cadastrado na Plataforma Brasil, onde foi encaminhado para apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa. Em atendimento à referida Resolução, os informantes foram devidamente esclarecidos quanto aos propósitos do estudo, assim como também foram garantidos os seus direitos quanto à participação livre, sigilo da sua identificação e confidencialidade dos dados fornecidos. Os mesmos foram informados sobre os objetivos do estudo e, após terem concordado em participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). Os dados dos participantes foram identificados com um nome fictício e apenas a pesquisadora teve o conhecimento destes.

Diante dos objetivos e do público alvo desse estudo, consideramos que a aplicação de entrevistas com questões que relatem dados e experiências pessoais poderia gerar riscos decorrentes da participação na pesquisa, ainda que mínimos, como, por exemplo, os participantes serem mobilizados por conteúdos subjetivos profundos. Assim, por serem adultos e se colocarem à disposição para responder à pesquisadora, poderiam ter acesso a um espaço de escuta de responsabilidade da pesquisadora que é psicóloga, e se caso necessitassem, seriam encaminhados para acompanhamento psicológico individual e/ou familiar.

Os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste estudo foram utilizados para se atingir os objetivos previstos na pesquisa e, ao final desta, arquivados sob a guarda da pesquisadora responsável por um período de cinco anos.

Por fim, temos como um dos objetivos deste estudo, após a defesa da dissertação de mestrado, tornar esses dados públicos em periódicos, revistas e demais meios científicos e/ou em encontros, respeitando a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa, não havendo qualquer acordo restritivo à divulgação.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os resultados obtidos nas entrevistas realizadas separadamente, com três pais e três mães de filhos adolescentes, pertencentes à classe média urbana de Salvador, casados entre si, respeitando os critérios de inclusão desta pesquisa estabelecidos no item 6.2. O estudo das entrevistas possibilitou a construção de quatro categorias de análise. Estas categorias, por sua vez, favoreceram uma investigação mais ampla e profunda acerca da compreensão de pais e mães no que tange às suas práticas educativas relacionadas ao desenvolvimento da autonomia de seus filhos adolescentes.

As categorias temáticas foram formuladas a partir das verbalizações obtidas mediante entrevistas abertas. A construção destas nos auxiliou na análise dos dados direcionada para a busca por respostas aos objetivos construídos que originaram a pesquisa.

Para a análise dos dados, utilizamos as seguintes categorias temáticas: i) Breve história de vida do participante, de formação do casal e do(s) filho(s) adolescente(s); ii) Os participantes e suas concepções de autonomia frente às suas práticas educativas; iii) Para além do contexto familiar: relato dos pais sobre outras interações de filhos adolescentes e iv) O participante frente a adolescência do(s) filho(s).

Na primeira categoria de análise, Breve história de vida do participante, de formação do casal e do(s) filho(s) adolescente(s), caracterizamos as famílias, discutimos cada caso em estudo, quanto às variáveis (apêndice A): idade, escolaridade, profissão dos pais, renda familiar, bairro de moradia, tempo de casamento, número de membros da família, religião (praticante ou não), ordem de nascimento e gênero do adolescente, se foi ou não um filho(a) planejado(a).

Com isso, contemplamos algumas informações da história de vida dos participantes, dados sobre a formação do casal e da história do(s) filho(s) adolescente(s). Por se tratar de entrevista aberta, não houve uma linearidade em torno dos conteúdos apresentados pelos participantes durante as suas falas, ou seja, a ênfase dada aos temas foi escolhida por cada entrevistado.

Na segunda categoria de análise, Os participantes e suas concepções de autonomia frente às suas práticas educativas, elucidamos as concepções de autonomia apresentadas por pais e mães entrevistados. As concepções de autonomia

foram extraídas por meio das práticas educativas adotadas pelos pais junto aos filhos adolescentes.

Na terceira categoria, Para além do contexto familiar: relato dos pais sobre outros contextos e interações do(s) filho(s) adolescente(s), elencamos as pessoas e contextos de relação dos filhos que exercem influência no processo de desenvolvimento e ganho da autonomia.

Na quarta categoria, O participante frente à adolescência do(s) filho(s), abordamos os aspectos característicos vivenciados pelos filhos na fase da adolescência, apontados por pais e mães e que refletem em seus cotidianos.

Por se tratar de um estudo de casos múltiplos, a análise dos dados transcorreu, em cada sistema familiar, mediante as categorias de análise propostas, trazendo os dados colhidos junto aos participantes e, posteriormente, discutidos à luz da literatura científica pertinente. A discussão geral dos dados ocorreu por meio do cruzamento dos quatro eixos temáticos, tendo como base o referencial teórico adotado que norteou a compreensão crítica acerca do objeto de estudo e, assim, levantamos considerações finais.

Visando a preservação da identidade, optamos por não informar os nomes dos participantes, estando estes e suas famílias identificadas com nomes fictícios escolhidos aleatoriamente pela pesquisadora – família 1: Silva; família 2: Santos e família 3: Souza.

Quadro 1: Identificação das famílias participantes: O desenvolvimento da autonomia na educação de filhos adolescentes: um estudo em famílias de camada média urbana. Salvador, 2016.

FAMÍLIA	NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	FILHOS		RENDA FAMILIAR
					NOME	IDADE	
Silva	Karla	50 anos	Ensino Superior	Médica	Maria Pedro	16 anos	21 a 40 SM
	Rodrigo	53 anos	Ensino Superior	Médico		14 anos	
Santos	Rosa	37 anos	Ensino Médio	Empresária	Luís Laura	16 anos	10 a 20 SM
	Márcio	49 anos	Ensino Médio	Empresário		13 anos	
Souza	Alana	41 anos	Ensino Superior	Administradora/ Empresária	Valter Valentina	16 anos	10 a 20 SM
	Giovani	47 anos	Ensino Superior	Bacharel em Direito/ Policial Rodoviário Federal aposentado/ Empresário		10 anos	

5.1 FAMÍLIA SILVA

5.1.1 Breve história de vida do participante, de formação do casal e do(s) filho(s) adolescente(s)

A família Silva é composta por Karla, 50 anos, Rodrigo, 53 anos e seus filhos Maria, 16 anos e Pedro, 14 anos²¹. Declaram-se católicos não praticantes, de etnia branca, residem em um bairro ocupado tradicionalmente pela camada média e alta da cidade de Salvador. Karla e Rodrigo são médicos atuantes, ambos trabalham em consultório e hospitais de referência na capital. Os filhos estudam em uma escola particular de grande porte e tradicional, Maria na 2º ano do ensino médio e Pedro no 9º ano do ensino fundamental.

Karla e Rodrigo possuem união estável e se relacionam há aproximadamente 23 anos. Namoraram durante dois anos e posteriormente passaram a morar juntos. Informaram que a renda familiar varia entre vinte e um a quarenta salários mínimos. Ambos disseram manter boas relações com as suas famílias de origem e com as famílias de seus respectivos cônjuges.

Com relação à história de vida de Karla, ela é a irmã do meio de três filhas. Descreveu ter tido uma infância de muita segurança afetiva, porque o casamento dos pais “sempre foi sólido” (sic), referindo-se a um casamento “sem maiores ameaças a união conjugal, com poucas desavenças e com um bom nível de satisfação conjugal percebida pelas pessoas ao redor”, conforme ela referiu. A participante afirmou que não se recorda de ter vivenciado “nenhum grau significativo de instabilidade emocional familiar” e que se sentia segura e amparada pelos pais, pois estes garantiam às filhas apoio, proteção, além do acesso à educação em “boas escolas particulares” (sic), com aulas particulares de balé, esportes e nível de vida economicamente elevado.

²¹ Como as faixas etárias de ambos os filhos se enquadram nos critérios de seleção previamente estabelecidos neste estudo, as histórias de ambos foram contempladas. Ao longo de toda a entrevista, Karla trouxe com mais ênfase dados referentes à filha Maria, em relação ao filho Pedro. Supomos que isso se deve à combinação de dois fatores: a ordem de nascimento de Maria, que é a primogênita, considerando a grande expectativa dos pais de terem um(a) filho(a) após a morte da primeira filha no último mês de gestação e às características de personalidade de Maria, enfatizadas pela mãe, conforme observado no decorrer de sua entrevista. No entanto, isto não ocorreu na entrevista do pai, que contextualizou a sua fala incluindo os dois filhos igualmente.

Sua mãe tinha uma postura de legitimar as competências das filhas. Isto, por sua vez, elevava a autoestima delas. Ainda segundo ela, a confiança estabelecida entre mãe e filhas favorecia uma relação com “liberdade vigiada” por parte da genitora. Karla acrescentou, ainda, que ela e as irmãs pareciam ter mais autonomia do que as suas amigas da escola e que a sua mãe fazia questão de que estas amigas tivessem livre acesso à sua casa. Entretanto, diferentemente de Karla com os seus filhos, a sua mãe se envolvia menos nas atividades de lazer das filhas.

Quanto à participação dos genitores na educação das filhas, a mãe de Karla era a voz mais ativa e o pai mais omissivo. Eles discordavam muito dos modelos parentais um do outro e isso favorecia que o seu pai delegasse a educação das filhas à esposa, tendo sido muito soberana no exercício da maternidade.

No que se refere à história de vida de Rodrigo, ele veio de uma família de baixo poder aquisitivo e com valores “ricos e conservadores”, conforme ele referiu, que nortearam uma relação familiar unida e de apoio mútuo, os quais ele sempre buscou reproduzir em sua família nuclear atual. Demonstrou muita gratidão pelo seu legado familiar.

Recebeu muito amor e atenção dos familiares, ainda mais por ter sido o filho caçula de seis irmãos e que, embora tenha sido muito “paparicado” pelos familiares, os pais lhe deram muita autonomia. Ressaltou também a importância de ter ocupado um papel de liderança nos grupos da igreja para o desenvolvimento de sua autonomia, a qual ele próprio sempre fez questão de ir em busca. Considerado o filho prodígio em sua família de origem, muito batalhou e se tornou médico.

Tais ideias supracitadas aparecem na fala de Rodrigo:

Eu era paparicado o tempo inteiro. [...] Eu me sentia amado, desejado, a minha afetividade foi muito desenvolvida neste aspecto. Tive o privilégio porque fui o filho caçula de seis irmãos. [...] Mas sempre gostei de ser independente, de buscar essas coisas, e aí é lógico que a gente muda algumas coisas. Me deram (os pais) muita autonomia. Por exemplo, onde eu queria ir, nove, dez anos eu tinha a chave de casa. Imagine? Quarenta, cinquenta e tantos anos atrás eu tinha a chave de casa para ir e voltar a hora que quisesse. A minha família foi o meu norte, não tenho dúvida disso. Eu também comecei a participar de grupos de igreja e isso também foi me dando certa autonomia de liderança, de participação. Então, eu tive essa possibilidade de abrir mais o meu horizonte e realmente isso me acrescentou muito em relação a eu ter esta cabeça que eu tenho hoje, da pessoa se autogerir, ser dona do seu nariz (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Observamos a compreensão de Rodrigo sobre o papel da família no desenvolvimento biopsicossocial dos seus membros, pois, além de ser um lugar privilegiado de afeto, expressão de sentimentos e suporte para o desenvolvimento da autonomia, exerce importância fundamental na construção de normas e valores que envolvem as relações de poder e a hierarquia familiar. Isso pode ser percebido quando Rodrigo declara que:

Eu não vejo outra alternativa que não seja a referência familiar para dar a capacidade da individualização, porque se você começa a botar que todo mundo vive numa comunidade e que ninguém é responsável por ninguém, que o pai não é pai, a mãe não é mãe, é amiga, é irmã, isso aí para mim não vai criar na minha cabeça autonomia de ninguém. Eu acho que a criança ou o adolescente precisa ter um referencial: quem é meu pai? Quem é minha mãe? Quem desempenha este papel? (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Antes da gravidez de Maria, o casal perdeu a primeira filha, chamada Helena, aos nove meses de gestação. Sobre esta perda, Karla referiu: “Era uma menina e tudo que Rodrigo desejava que o primeiro filho fosse uma mulher. Ele sempre sonhou com isso e foi uma perda completamente inesperada e que até hoje a gente não tem o diagnóstico”. Esta perda fez com que Karla desejasse uma nova gravidez imediatamente, como ficou claro em sua fala:

Eu já saí da maternidade depois de ter tirado Helena querendo estar grávida, porque tem que substituir rapidamente, e é óbvio que esta gravidez demorou de acontecer, demorou muito, a ponto de procurarmos ajuda de uma médica especialista em inseminação (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

A entrevistada avaliou como positiva a relação estabelecida entre o casal e a médica que os acompanhou neste período, a qual sempre reforçava que ambos eram férteis, assim como os tranquilizava em relação a gestações futuras. Segundo Karla, a médica dizia: “Vocês geraram Helena, mas Helena não ter nascido foi um problema de Helena e não do casal. Ela deixava isso muito claro, a matriz é boa, a fábrica está aí, então vocês vão engravidar, mas vocês precisam parar de pensar só nisso”. A fala abaixo evidencia a percepção da participante sobre como este período transcorreu para ela e o seu esposo:

Apesar de eu ter tido a perda, foi muito tranquila para mim, eu tinha plena certeza que seria tudo diferente. Rodrigo já não, ele é mais preocupado, mais tenso, mais ligado muito em doença, pensa muito pessimamente e aí ele passou a gravidez toda muito tenso. Todo mundo dizia que seria tudo diferente, que viria um menino e não veio. Quando fiz o ultrassom e deu para ver o sexo, que era menina de novo, isso para mim não mudou nada. Ele ficou apavoradíssimo, porque de novo uma menina. Fizemos terapia durante a gravidez de Maria, mas eu estava me sentindo muito bem. O que interessa

mesmo até nascer é a mãe, porque para mim pai só passa a ser pai depois que nasce, para mim isso está muito claro. Então, como eu estava bem, a neném nasceu super bem (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Entre a gestação de Helena e de Maria, passaram-se três anos. Maria foi uma filha muito esperada e desejada. Segundo a participante, a filha teve uma infância feliz e sempre foi muito amada por todos. Foi “mimada” pelos avós maternos, porque já fazia dez anos de nascimento da primeira neta, filha de sua irmã mais velha. No relato abaixo, podemos observar o olhar de Karla em relação ao contexto de nascimento da filha, assim como dados do seu desenvolvimento que remetem a uma precocidade em seus comportamentos, quanto às habilidades físicas, motoras e cognitivas, reforçada pela entrevistada em suas práticas educativas até o momento atual:

Ela foi super idolatrada e ela era muito bonita. Desde o nascimento, ela tinha um olhão grande, claro, sempre foi muito precoce, que sentou aos quatro meses, a ponto do pediatra me dar uma bronca achando que eu tinha forçado a coluna dela para ela sentar; mas não, ela era precoce, andou aos nove meses, entrou na escola com um ano e um mês porque já falava algumas coisas. Ela já pedia água, já pedia para ir ao banheiro com um ano e um mês. Quando as crianças estavam começando a andar, Maria já estava andando há cinco meses. Quando as crianças ainda iam aprender a falar, ela já estava falando bem. Era toda precoce (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Karla e Rodrigo assumiram sozinhos os cuidados com a filha até terminar o período de licença maternidade, que durou até os quatro meses de vida de Maria. Posteriormente, o casal contratou uma babá de confiança da família. Após ter retornado de licença maternidade, a entrevistada passou a destinar três turnos livres durante a semana para o acompanhamento da filha, permanecendo com esta disponibilidade até os dias atuais.

Recentemente foi denominada pela família como “mãe turista”, referindo-se à sua intensa participação nas questões relacionadas às gincanas da escola dos filhos. O alto envolvimento afetivo e de socialização junto aos filhos foram constatações identificadas nas falas de ambos os participantes em relação ao exercício da maternidade de Karla. Isso pode ser identificado quando Karla compartilha o seguinte pensamento:

Eu mantenho, mesmo com a profissão muito puxada, três tardes livres que são para eles. Estas três tardes viraram ultimamente mãe turista, porque é a grande função e tal, mas durante muito tempo eu levava para parquinho. Eu fazia questão de..., naquelas tardes dar banho, quem trocava fralda era eu. Era como se a babá estivesse de folga, e de noite dormia comigo e com o pai sempre (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Outro dado ressaltado pela participante foi o quadro clínico de refluxo severo apresentado por Maria após o seu nascimento. Este quadro, segundo eles, provocou muita angústia, exigindo adaptação e divisão de cuidados entre eles:

Apesar dela ser uma menina muito precoce e muito saudável, ela tinha refluxo e foi um refluxo que teve muito sofrimento para mim, que passava noites em claro. O pai também, isso me ajudou muito, a gente dividia a noite ao meio [...] Foram uns quatro anos e nestes quatro anos ainda tive Pedro que ainda teve um pouco de refluxo [...] O refluxo de Maria não foi fácil, rodei vários gastropediatras. Os médicos diziam que ela só iria melhorar quando o aparelho digestivo amadurecesse. Não é maduro até hoje. Ela tem refluxo até hoje. Se está nervosa, a primeira coisa que ela tem é náusea, vômito. Agora na gincana, eu fiquei uma mãe muito famosa na escola. Na família e ao longo dos aniversários, ela aparecia com várias roupas, vestidos de aniversário eram três, quatro por aniversário. Passeio de escola, a mochila de Maria era a maior de todas, porque tinha que trocar. Era mais um aumento de trabalho, mas nunca superprotegi por isso não (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Os genitores referiram que, ao longo de toda a infância dos filhos, tiveram a participação de uma babá para dar suporte nas divisões das tarefas e funções relacionadas às crianças. Ao longo dos anos, a funcionária que cuidava de Maria e Pedro se qualificou visando assumir as tarefas da cozinha e outros afazeres domésticos, tendo se tornando a “governanta” da casa. Dentre as falas trazidas pelos entrevistados, a elegida para evidenciar tão inferência é a de Karla:

A mesma babá está com a gente até hoje. Ela virou a cozinheira. Ela teve uma época que saiu, aprendeu a cozinhar e aí voltou [...] Aí eu disse, mas eu não preciso mais de babá. Mas ela disse: *mas hoje em dia eu sou tudo*. Ela percebeu o que minha casa precisava. Ela tem um amor excessivo por eles (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Em decorrência do refluxo de Maria, neste período já com dois anos de idade, das demandas profissionais dos pais e com o nascimento do novo filho Pedro, o qual também apresentou refluxo, embora um quadro de menor intensidade, o casal contratou mais uma funcionária para assumir os serviços da casa. Para Rodrigo, a presença da funcionária na vida dos filhos, considerando à dinâmica familiar e as práticas educativas parentais estabelecidas por ele e pela esposa, dificultou que os filhos compreendessem a importância de contribuir para a organização e manutenção das tarefas de casa, provocando-lhes dependência e perda de autonomia no âmbito doméstico.

Para Karla, por sua vez, a relação estabelecida entre a funcionária doméstica, Lívia, e os filhos é permeada pela intimidade e afeto, sendo que, para ela, Lívia deveria servir mais à casa e menos a Pedro e Maria, mas isso não ocorre. Em suas entrevistas tais aspectos ficaram muito evidentes:

Eu acho que nisso a gente negligencia muito, tanto eu quanto Karla. Tem Lívia que acompanha os meninos desde pequenininho, então tudo vão pedir a ela. Maria vai lá e pede: *Lívia, traz um copo de água*. Eu que chego a ir no quarto e digo: rapaz, não é possível, vocês comeram isso aqui, então leva para a geladeira, não é possível que isso fique dentro do quarto. Mas a gente fala um dia, dois dias, aí chega uma hora que cansa e a gente deixa para lá, eu e Karla. Realmente eles precisam ter autonomia para fazerem as coisas deles do dia a dia dentro de casa e isso realmente a gente falta e por ter uma pessoa que já convive com a gente o tempo inteiro e antes deles pensarem, ela já está fazendo (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Eu gostaria que ela servisse mais a casa e menos a eles, mas não tem jeito. Os meninos têm intimidade demais com ela e ela tem um amor excessivo por eles. Por exemplo, quando eu brigo com os meus filhos, ela deixa eu sair e vai para o quarto deles, e chora com eles (risos). Ela é excessivamente cúmplice (risos) (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Notamos, na fala acima, que Rodrigo e Karla reconhecem que negligenciam em relação à exigência quanto a participação dos filhos nos cuidados com a casa. Embora demonstrem preocupação e cobrança com as atitudes apresentadas por Maria e Pedro, não há uma continuidade em suas práticas educativas para este fim.

5.1.2 Os participantes e suas concepções de autonomia frente às suas práticas educativas

Rodrigo e Karla apresentaram as suas concepções de autonomia ao compartilharem as suas práticas educativas como pai e mãe de filhos adolescentes. Foram identificadas, em suas verbalizações, práticas educativas favoráveis à percepção dos filhos para definirem suas metas baseadas em seus próprios desejos e escolhas, envolvendo a capacidade de tomar suas próprias decisões com o monitoramento e intermediação de ambos.

Essas constatações apareceram fortemente no decorrer das entrevistas, como é possível observar nas falas abaixo:

É Maria saber no momento o que é o melhor para ela. Ela fazer as coisas sem precisar de muita ajuda, de muita permissão, saber até onde ela pode ir e até onde ela não pode ir. Por exemplo, ela vira para mim e diz: *mãe, eu vou para... , você pode me levar? Levo, eu levo*. Se ela dali quiser ir sozinha no Mcdonalds, se ela precisar cumprir uma tarefa não sei aonde, pegar um táxi, tal e tal, ela tem autonomia para isso. Ela tem cartão de crédito que eu já dei [...] Os dois têm cartão de crédito, mas o cartão é dependente do meu e o limite quem coloca sou eu, quem deu fui eu. O banco me avisa por mensagem no celular todas os gastos feitos e eu acompanho, mas eles não sabem disso (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Autonomia é deixar que eles resolvam algumas coisas que eles precisem e que eles tenham condição de resolver sozinho, lógico que dentro de um grau de complexidade considerando a idade deles [...]. Eu penso isso e acredito que Karla também. Tudo o que eles puderem resolver por conta própria eles devem resolver, não tem que a gente resolver para eles. Se eles acharem que não vão dar conta porque é alguma coisa em um grau de complexidade maior, aí falam com a gente (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Rodrigo acrescentou, ainda, um conceito abrangente do que ele denomina de autonomia física, emocional e social, como elucidado:

Autonomia como a capacidade de se autogerir, do sujeito realmente dar conta de resolver as suas demandas, de realmente ser dono do próprio destino dele. Isso em todos os sentidos, no ponto de vista físico, emocional e social. Como sou médico, penso muito na questão física também. Então, existe a autonomia física, o indivíduo poder se locomover sem precisar de auxílio, fazer suas necessidades sem precisar de alguém para te ajudar. Na minha área de atuação, isso mesmo é fundamental. Eu sempre acho que o que é mais importante no indivíduo é manter ele com a autonomia dele, porque não adianta mantê-lo vivo sem ter a capacidade de realizar pequenas coisas, ou seja, de ir ao banheiro, se alimentar, de trocar de roupa (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Karla retratou algumas de suas conduções favoráveis ao desenvolvimento da autonomia dos filhos, no que se refere aos comportamentos direcionados à resolução de problemas, interações sociais, busca por novas experiências e circulação dentro dos ambientes que Maria e Pedro transitam. Outras falas sustentam tal inferência, dentre elas, destacamos uma conversação entre Karla e Maria:

[...] Tudo que ela pensava em se meter eu dizia, vá, vá porque é uma experiência. As viagens, a escola, tudo, tudo que ela quis se meter: *mãe eu quero participar da feira de cultura, você me ajuda? Eu tenho que montar o estande, vamos montar a estande. Mãe, eu quero fazer a expo ciência e eu escolhi um tema que é diabetes, é da sua área, você consegue para mim folhetos informativos, você consegue patrocínio com representante de laboratórios?* Bora, Bora, consegue, consegue. Eu sempre estimei (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Ao longo da entrevista com Karla, percebemos que a participante leva em consideração as características de personalidade de cada filho na condução de suas práticas educativas. Retratou a filha Maria como “arrojada, autoconfiante, precoce desde a infância e muito popular” – referindo-se à facilidade para fazer amigos –, apresentando frequentemente comportamentos mais autônomos se comparado ao filho Pedro. Este é percebido pela mãe como “tímido, mais dependente, acomodado e bem mais seletivo em relação a fazer amizades”:

[...] Maria não precisa. Já Pedro eu até tento dar corda, mas é a personalidade. Pedro é muito mais caseiro, muito mais carinhoso, muito mais

família, muito mais inseguro para algumas coisas. Então eu faço o que faço com ela, mas sabendo que a resposta virá diferente. Ele tem um estilo diferente, porque Maria é assim, se eu der meio metro, ela alcança um metro. Se eu der um metro, ela alcança dois, é dela. Ela aproveita e se joga. Ele é bem mais comedido (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Maria é arrojada, ousada, precoce, e isso assustava o pai. Pedro era mais medrosinho e tal. Embora eu venha o tempo inteiro tentando que ele enfrente o mundo, e ele já demonstrou que está pronto também, que tem capacidade. O que ele demonstra é: se precisar eu faço, mas eu não preciso tanto, então, eu não quero. Ele é mais na dele, mais caseiro. Uma das pessoas que me ajudou a Pedro sair um pouquinho mais foi a própria Maria, porque ser irmão dela não é fácil. Então tem horas assim, que parece que eu e ela assumimos a função de, vamos dar uma sacudida nesse menino (risos) e aí meu marido fica: pô, ele não quer, gente, ele não quer (risos) (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Ambos os entrevistados reconheceram que Karla “dá mais liberdade” no processo educativo dos filhos, se/quando comparado com Rodrigo. A genitora afirmou que esta diferença se deve ao fato de que ambos parecem basear-se nos modelos educativos que receberam de suas famílias de origem. A entrevistada referiu: “Ele puxa mais o freio de mão em vários sentidos. Temos formas diferentes de criar. Eu dou mais liberdade e ele não, especialmente em relação à nossa filha, o que provoca um distanciamento entre eles”.

Nas passagens a seguir, é possível identificar as divergências de pontos de vista do casal a partir da perspectiva da participante, bem como as implicações negativas de tais divergências na relação entre a filha e o pai, diferentemente do que ocorre na relação entre o filho e os pais, visto que este mantém relação de proximidade com ambos:

Eu penso que o que eu fiz até agora está dando certo. O pai sempre ficou assustadíssimo. Ele dizia que Maria se vestia já como menina moça e ela não era menina moça porque só tinha 10 anos e que Maria está muito dona do nariz dela, que eu estímulo muito isso (a autonomia). Isso sempre preocupou muito ele. Eu acho que eu dou uma criação um pouco mais solta do que ele. Reconheço isso. Mas foi também como eu gostei de ser criada, eu faço muito como a minha mãe fez comigo. E Rodrigo é mais de uma família tradicional, demora mais de amadurecer, mais grudado em painho e mainha, até hoje, ele os chama assim. Eu nunca chamei meu pai e minha mãe de painho e mainha, e nunca quis que meus filhos me chamassem assim (risos). Então, nesse aspecto, a gente é muito diferente e ele se assusta com a forma como Maria sempre foi muito independente, e eu dando corda, dando corda (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Eu faço de tudo para meus filhos terem muita alegria. Na infância, principalmente, tudo que desse alegria a eles, podia ser extremamente cansativo para mim, eu me virava em 20, mas eu priorizava diversão, festinha. Eles não perdiam nenhuma festa. Às vezes, eu chegava em casa morta de um plantão, mas tinha aniversário infantil... Rodrigo dizia que isso era um exagero, que eles não precisavam ir a todos, aí eu dizia: Vocês querem ir? *Quero, mãe.* E eu ia exaurida, mas eu ia porque era a vida social deles (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Pedro é mais comedido, talvez ele tenha mais o modelo dos pais. Ele é muito ligado aos dois, é tão família que tem ligação forte comigo e com o pai. Maria não, ela não tem ligação com o pai, é uma pena, é uma coisa até que me preocupa. Acho até que ela precisava conversar mais com esse pai, mas eles têm poucas afinidades, eles têm poucas coisas em comum. O que ela conversa com o pai é sempre quando ela percebe que precisa da autorização dele, então ela vai lá, puxa um pouco do saco, consegue o que ela quer. Pedro não, ele procura o pai por amor, ele gosta da companhia dos dois, ele gosta do pai. Maria desde nova tudo dela sempre foi muito comigo, a ponto do pai ser um pouco ressentido (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Do mesmo modo, Rodrigo, ao relatar sobre as diferenças de percepções entre o casal, quanto à criação dos filhos e ao discorrer sobre as atitudes da esposa, ressaltou que não as enxerga como desfavoráveis, mas que:

[...] às vezes ela solta demais, então fica tudo muito fácil. Eu acho que as coisas não podem ser tão fáceis assim. Mesmo que esse fácil não vá criar muito problema, mas eu acho importante que a gente encontre alguma dificuldade também (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Relatou que normalmente “encontram um ponto de convergência nas questões do casamento e dos filhos, e que conversam bastante no geral”. O entrevistado retrata esse ponto quando compartilha a respeito da comunicação entre o casal: “ah, é boa, isso aí eu não tenho dúvida. Somos muito flexíveis. Eu acho que a gente chega sempre num acordo neste aspecto, porque, se eu tiver insatisfeito com alguma coisa, eu digo, olha, não dá, não vai ser assim”.

Tais dados vêm explicitados na fala de Rodrigo e Karla respectivamente:

Eu acho que Karla solta muito mais eles do que eu. Realmente acho que eu fico mais na cola até porque eu sou uma pessoa preocupada com as questões de risco, riscos de tudo, de violência sexual, a questão de droga. Então, Maria vai para as festas, Karla tem sempre uma postura mais liberalizante do que eu, eu sempre fico meio preocupado com isso, com quem vai. Ela também se preocupa, mas ela está sempre mais solta para deixar os meninos fazerem isso do que eu. Eu fico tentando colocar certo freio e tentar regular eles. Isso aí realmente eu assumo de que eles têm que ter autonomia, mas nem tanto. Eles têm que estar soltos, mas têm que ter uma rédea para ir puxando (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

[...] Porque justamente temos formas diferentes de criar, eu dou mais liberdade e ele não. Agora, por exemplo, na gincana, que é uma coisa muito intensiva com essa correria, todas as noites ele fala: *Cadê Maria? Já falou com ela quantas vezes? Ela te atende quando você liga? Você sabe exatamente no prédio de quem ela está?* É assim, um interrogatório. Para mim é um saco, até que eu pego o telefone e digo, ligue para a sua filha. Ele desconversa e acaba não ligando (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

[...] é claro que, por a gente ser muito diferente na educação deles, a gente chega a muitas conclusões juntos. Por exemplo, se um disser não o outro não vai dizer sim, se o outro já disse um não taxativo, então a gente não deixa nossos filhos nessa dúvida: *minha mãe deixou, meu pai deixou*, que poderia acontecer muito. A gente é tão diferente, mas nas coisas cruciais, por

exemplo, viajar, dormir na casa de algum colega, participar de alguma coisa que vai ter algum risco a gente combina antes. E tem uma coisa na educação deles que a gente sempre falou a mesma língua, por exemplo, viajar (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Apesar de Karla e Rodrigo reconhecerem que há diferenças em suas concepções de educação e de autonomia, é possível identificar que ambos convergem quanto à importância de adotar práticas indutivas de diálogo, participação e incentivo para que os filhos resolvam os problemas e enfrentem as dificuldades sem a interferência dos pais. Do mesmo modo, promovem vivências em família, a exemplo, as viagens ao exterior, em que acreditam estimular o crescimento dos filhos. Segundo Karla, quando estas ocorrem, pai e mãe se aproximam mais em seus estilos parentais. Outras falas sustentam tal inferência, dentre elas destacamos, respectivamente, as falas a seguir:

A gente pode orientar, pode dar caminhos, dar atalhos, dar diretrizes, mas viver a vida da pessoa você não vai ter como viver e viver a vida dos filhos a gente não vive. Então, eu acho que a questão de você tentar dar autonomia é você não tentar colocar eles o tempo inteiro debaixo das asas de superproteção. Deixar que eles resolvam algumas coisas que eles precisem e que eles tenham condição de resolver dentro de um grau de complexidade sozinhos. Se tem um problema na escola, não tem por que o pai ou a mãe ir lá para resolver, porque eles podem resolver com o colega ou com o professor sozinhos. Vira e mexe a gente tem isso aqui em casa. E a gente diz: resolva com a professora, converse com ela. Eu penso isso e acredito que Karla também. Tudo o que eles puderem resolver por conta própria eles devem resolver, não tem que a gente resolver para eles. Se você achar que não vai dar conta porque é alguma coisa em um grau de complexidade maior, você fala com a gente. Então a gente tenta estimular muito nisso (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Viajar a família toda para o exterior. Faz parte da viagem visitar museu e naquele país a gente tenta falar a língua daquele país. Dormimos os quatro no mesmo quarto. A gente tem que sair dali crescidos, então estudamos o país que a gente vai visitar antes. Eu acho que foi uma influência muito grande para eles. Os dois (Maria e Pedro) têm uma visão de mundo muito interessante e até de qual país gostariam de morar. É um comportamento humano em cada lugar, é aprender a se virar. Nas viagens, a gente fala a mesma língua, porque Rodrigo se permite mais, ele está de férias, lá ele não é médico, não tem que manter uma postura comportamental. Rodrigo entra no avião e é outra pessoa, se transforma. Ele em outros países sai com a roupa que quer, fala besteira, dá fora, paga mico, não tem problema: *aqui ninguém me conhece, eu não tenho que ser doutor Rodrigo*. Então os meninos amam quando ele chega em casa e diz: *já tenho milhas suficientes para a gente viajar para qualquer lugar do mundo*. Eles enlouquecem porque eles sabem que ali vão ter, inclusive, o pai e a mãe mais parecidos (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Nas passagens abaixo, observamos que Rodrigo e Karla adotam práticas educativas que também envolvem acordos e negociações com seus filhos e incentivam que estes tomem para si responsabilidade:

Maria está querendo *fazer* faculdade no exterior. Eu disse: existe até a possibilidade de você fazer uma faculdade no exterior, mas como é que você vai fazer indo para *reggae* todo final de semana? Não vai, vamos ser claros. Ou você foca, e para você focar tem que fazer algumas concessões, tem que abrir mão de determinados desejos e querer naquele momento para conseguir algo melhor lá na frente, ou do contrário não vai, vai ser só um sonho que você está fantasiando (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Faz parte também dos nossos acordos a nota. O pai dá muita importância à nota; eu dou muita importância ao desempenho e isso é negociável. Então, eles – Maria e Pedro – cumprem totalmente com os deveres deles e, às vezes, eu até me pergunto: será que a gente não exagerou? [...] Mas eu não volto atrás, porque em minha volta estou cheia de gente que faz assim: olha, não é exagero, não. Continue... Sabe por quê? Porque eles são felizes, eles são cobrados. Se questione se seu filho for infeliz. Mas se ele está feliz e ele é muito cobrado, continue cobrando. Eu ouço muito isso e digo, o caminho é esse mesmo. Deixa eles se sentirem cobrados, vão ser a vida toda, vão ter chefe, vão ter patrão. Se eles não cumprissem eu mudaria. Ia me machucar um pouquinho, mas eu mudaria. Por exemplo, a nota vai vir mais baixa agora e isso ela me avisou: *mãe, as minhas notas vão vir mais baixas*. Mas o que ela fez: na primeira unidade, ela tirou notas, ela já faz prevenção, e tira notas bem altas. Chega na gincana, as notas caem. Na terceira unidade, ela tem um ótimo desempenho de novo. Ela tem esse grau de organização que é difícil o adolescente ter (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Os entrevistados elucidaram, ainda, a forma como o casal investe em educação e na inserção à cultura diversificada. Proporcionam aos filhos o acesso à escola qualificada, a cursos de língua estrangeira, aulas de dança, para Maria, aula de música, para Pedro, acompanhamento psicológico. No decorrer de suas falas, vemos um grande incentivo à participação em atividades extraescolares: acampamento, gincana, prática esportiva, como atividades que promovem a socialização.

Na passagem abaixo, Rodrigo elucidava a importância, como pai e educador, de proporcionar tanto o lazer quanto a educação, ressaltando o estudo como sendo o único caminho para o crescimento e autonomia dos filhos:

Eu acho que, para mim, estudo é um ponto que a gente não tem o que questionar. Na minha concepção, o momento do estudo é agora, porque, se você deixar a coisa solta, é lógico que vai sempre pelo caminho mais fácil: o prazer fácil, o prazer rápido, a vida tranquila. Lógico, isso é de todo o ser humano, mas, enquanto pai e educador, você tem que mostrar que a vida é isso também, mas não é só isso. Você não pode estar o tempo inteiro só vivendo uma vida de prazeres e de irresponsabilidade, tem que tomar rumo na vida. A educação é o caminho para isso e eles têm que ter o momento deles de ter lazer, ir para *reggae*, de ficar brincando no videogame horas e horas, não tem rigidez para isso. Mas, no momento de estudo, não abro mão [...]. O tempo inteiro eu digo: o caminho para vocês crescerem é o caminho do estudo, vocês não têm outra alternativa. Então, eu trabalho muito assim, para que eles possam ser completamente autônomos, autossuficientes, tanto que eu digo sempre para eles: você não tem que escolher a profissão A, B ou C. Mas vocês têm que escolher a profissão que lhe de condições de você se autossustentar diante do que ela vai te gerar. Eu acho que Karla trabalha a parte mais emocional, psicológica, eu acho que ela trabalha isso melhor do

que eu. Eu trabalho mais a coisa objetiva, é o meu jeito. Lógico que eu me envolvo com isso também, mas sempre o tempo inteiro eu trago eles para realidade (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

[...] Acho importante, para os filhos, eles tomarem rumo na vida. Aí eu acho realmente um sucesso a nossa experiência como pais. Eu não acho que filho tenha que ficar grudado, enraizado na barra da saia de pai e mãe não. Tanto a menina quanto o menino. Eu quero que os dois vão para rua e quero que os dois se autossustentem e que ganhem muito dinheiro e acredito que a vida seja pelo estudo (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

A gente sempre proporcionou muito a eles. Todos os cursos que eles quiseram fazer, sempre estimulamos (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Rodrigo ressaltou que Maria e Pedro administram e cumprem as obrigações e deveres escolares com autonomia e responsabilidade, sem necessitarem da intervenção dos pais. Entretanto, no que diz respeito às atividades domésticas, como citado anteriormente, não assumem tarefas básicas, são pouco participativos, afirmando que ele e a esposa não conseguiram alcançar o entendimento dos filhos para a importância da divisão de atividades do lar e a responsabilidade por executá-las:

Com relação ao estudo eles são muito autônomos. Raramente pedem a gente para ajudar. Às vezes pedem, mas eles cumprem os horários deles de estudo, fazem as atividades escolares, administram as obrigações de escola. Agora, fora isso, eles são completamente bagunçados. Com relação a cuidar do que é deles, roupa, objetos pessoais, eles são completamente dependentes (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Na análise das falas de Karla e Rodrigo notamos que, embora eles apresentem posicionamentos diferentes em relação às questões que envolvem os filhos, tomam decisões conjuntamente, as quais envolvem diálogo e concessões de ambas as partes.

A seguir duas situações que exemplificam tal inferência. A primeira situação refere-se a um pedido da filha para fazer intercâmbio e que não foi atendido pelos pais no momento. Ambos demonstraram ser a favor dos filhos vivenciarem experiências de intercâmbio como incentivo à autonomia, contudo Rodrigo discordou em disponibilizar esta experiência para a filha no momento, por entender ser prioridade a compra de um novo apartamento que atendesse às novas necessidades da família. A segunda situação refere-se ao momento de decisão da primeira escola da filha, no início da sua vida estudantil. A priori, os pais discordaram entre eles, mas decidiram juntos, por meio do diálogo, acatar a sugestão ofertada por Rodrigo. Posteriormente, a genitora, além de reconhecer que a sugestão do marido relacionada à filha não estudar na escola sugerida por ela foi a mais acertada, colocando que esta mesma

escola já seria indicada para Pedro, pois seria “terapêutico” para ele, baseando-se nas diferentes personalidades dos filhos:

SITUAÇÃO 1:

Esta viagem é uma experiência de vida embora eu ache que com ou sem viagem Maria tem capacidade disso tudo. Mas ela própria diz: *mãe, a maioria das minhas amigas foi e elas voltam com a cabeça muito melhor, elas voltam mais independente, eu queria, isso, eu queria conhecer uma nova cultura.* Eu queria realmente que ela tivesse esta oportunidade. Acho que ela vai ter, ela nasceu para o mundo! É diferente, dava para ter agora e depois. Eu queria que ela tivesse aos 16 e aos 20. Como ele (Rodrigo) acha que dá para adiar para os 20, não precisa aos 16. Ele é muito mais comedido e, para ele, o mais importante agora é este apartamento do que para mim. Reconheço que aqui eles - Maria e Pedro – precisavam cada um do seu banheiro. É o único defeito que eu vejo no local que a gente está morando. É o mesmo banheiro para eles e para a visita. Então é impossível este banheiro estar sempre arrumado e as brigas maiores entre eles são por causa do banheiro. E eu imagino que, no outro apartamento, isso não vai mais acontecer (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

SITUAÇÃO 2:

As escolas que eu fui visitar eram todas construtivistas. Cheguei em casa enlouquecida com a escola X, uma escola em que as próprias crianças faziam os seus próprios livros, não tinha farda, entrava na ala se quisesse. Eu estava assim, cabeça feita. Rodrigo ouviu tudo e cada vez o olho esbugalhava mais. Aí virou para mim e disse: *você já foi na Y? Você já foi na Z?* Aí eu disse: - não. E eu só falava X. Ele me agarrou e disse: - *pelo amor de Deus, bote em uma escola que tenha farda e que força essa menina a entrar na sala, porque eu já vi no que vai dar, olhe o jeito dela. Esta criatura sentou aos quatro meses, andou aos 9, está falando. Você vai colocar ela numa escola em que não vai querer que ela não use farda e que nem ela entre na sala? Você quer o quê? Você quer que ela vire o quê?* Nunca me esqueço desse diálogo. Neste dia eu pensei: *nossa, esse cara vai me dar trabalho!* Mas ainda bem que alguém pensa nisso (risos). Porque realmente eu ia botar e não sei o que seria Maria hoje, não faço a menor ideia. Pedro precisaria, seria terapêutico para ele (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Ao final das falas trazidas por Karla e Rodrigo, relacionadas a esta categoria de análise, vemos que, apesar das diferenças nos modelos educacionais, o casal converge na compreensão da importância da autonomia para os filhos adolescentes, bem como constroem práticas educativas que fomentam essa atitude.

5.1.3 Para além do contexto familiar: relato dos pais sobre outros contextos e interações do(s) filho(s) adolescente(s)

As entrevistas realizadas com Karla e Rodrigo possibilitaram identificar outros contextos e interação dos seus filhos que exercem influências sobre o desenvolvimento da autonomia dos adolescentes. Alguns ambientes já foram citados em meio às falas dos participantes nos tópicos anteriores, mas serão abordados na presente categoria de maneira mais detalhada pelos participantes.

Karla, provavelmente, por acompanhar mais o dia a dia dos filhos pôde elucidar com maior ênfase os contextos nos quais seus filhos estão inseridos. Do mesmo modo, contextualizou brevemente a sua realidade de trabalho, assim como a do esposo, e as consequências na dinâmica da família e nos cuidados parentais.

A jornada de trabalho de Karla foi organizada de forma que permitisse maior flexibilidade e disponibilidade para a convivência e acompanhamento nas atividades dos filhos²². Também referiu que, em sua opinião, Rodrigo, por ser médico, se exige um padrão de comportamento mais atento à manutenção da imagem profissional. Assim, a participante pontuou que observa uma mudança no padrão de comportamento do esposo no exterior, porque ele se comporta com mais espontaneidade, durante as viagens em família.

A despeito da interação de Maria e Pedro com a família extensa, foi visto maior presença da família materna, enfatizando o contato com a sua mãe como um referencial “de mente aberta” para a filha. A presença da família extensa de Karla foi destacada por ela enquanto mencionava a convivência e o comportamento de suas irmãs, que apresentam para a filha modelos divergentes de comportamentos. Ademais, foi trazida também a proximidade dos filhos com a família extensa materna em períodos de férias e veraneios:

A avó materna, hoje em dia, na adolescência, elas não convivem tanto, mas ela é um modelo para Maria de uma mente mais aberta [...] Assim, o que acontece ao nosso redor chega a eles – Maria e Pedro – e eu não tenho o menor pudor. Por exemplo, houve um problema entre as minhas irmãs Joana e Marli, as quais ficaram sem se falar há três anos. Eles – Maria e Pedro – participaram e eu conversava com o meu marido na frente deles. Então, o diálogo em casa é muito, muito aberto, do quanto era sofrido para ela, a mais velha, não ser autônoma e a mais nova ser [...] A minha filha diz: - *eu não quero este resultado para mim*. Este resultado de falta de autonomia e independência financeira como Joana (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

²² Ver item 5.1.1

Rodrigo ressaltou a participação de Karla junto aos filhos em suas atividades externas ao âmbito familiar, destacando o alto envolvimento da mãe na gincana da escola. Além disso, Karla descreveu um pouco sobre as experiências dos adolescentes no acampamento de férias como um espaço em que Maria e Pedro participam de maneira autônoma e independente, bem como estão fortemente inseridos em seus grupos de referência. Os entrevistados retratam essas experiências quando compartilham:

Tudo que os meninos querem fazer fora de casa ela (Karla) está incentivando. Então, Maria que gosta de gincana, ela (Karla) entra, virou a gincanista. Eu institui até um prêmio: melhor mãe gincanista para ela. Ela vai e acompanha Maria, vive aquele momento. A gincana é um momento importante de criar autonomia porque você cria liderança também, começa a conviver com isso que é muito importante, e isso ela (Karla) estimula. Ela compra esse projeto para si realmente. Pedro com essa questão de querer ir para o acampamento, o arraial, que também é uma forma de criar independência, porque lá eles ficam 15 dias tendo que arrumar a cama, se virar no asseio pessoal, então, Karla que fica atrás. Do ponto de vista objetivo, pragmático, eu vejo muito claro isso nela, de estar estimulando isso neles (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Pedro foi pela primeira vez há dois anos e Maria foi o ano passado e este ano porque era o último. O arraial começa dos seis anos aos dezesseis anos. O arraial é de todas as escolas, é muito legal. Não é barraca de *camping*, é um acampamento mais sofisticado. É muito legal porque tem um dia especificamente que eles vão, aí dormem em barraca de *camping* e todos consideram o pior dia porque não tem ar condicionado, e etc. Mas é uma aventura, tem muitos jogos, tem uma gincana internamente e isso estimula muito [...] Pedro foi, amou e aí eu disse a Maria que realmente foi uma falha eu não ter deixado ela ir antes, mas eu não conhecia a proposta. Aí desde que Pedro foi, ela passou a ir, embora hoje não possa mais ir por causa da idade. Ela fez muitos amigos, ela quer voltar como monitora, depois que atinge dezoito anos pode voltar como monitora. Isso faz com que ela seja uma pessoa muito popular. Maria tem amigas com quem ela se abre, meia dúzia, essas amigas que são pessoas que ela confia mais. Agora, pessoas conhecidas são muitas (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Foi compartilhado por Karla a popularidade da filha em seus grupos de pares, bem como o hábito da família de acolher as suas amigas em casa, mantendo a genitora relações de grande proximidade e envolvimento com as mesmas. Rodrigo trouxe em suas verbalizações as muitas influências que os adolescentes sofrem em suas tarefas de socialização do ponto de vista também emocional, como típicas da fase:

Eu fico sabendo de namoro, às vezes, pelas amigas dela, com quem eu tenho muita abertura. Elas adoram conversar comigo. Então, quando dormem aqui, vêm para a sala e dizem: - *Minha tia, venha conversar comigo*. Aí Maria diz: - *Só não quero que fale de mim, viu, fulana? Você é amiga minha!* A gente nota, que, de vez em quando, elas soltam alguma coisa como se fosse natural eu saber e eu não sei. Se tem algum menino paquerando, se ela está paquerando alguém, eu fico sabendo pelas amigas, mas eu já notei que as próprias amigas percebem que ela não se abre. Então, nesta idade existe

todos os combinados. Maria libera para elas conversarem comigo, mas elas conversam delas. Ela é muito popular (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

A adolescência é um momento de efervescência do ponto de vista emocional, tem muitas influências. O núcleo familiar deixa de ser tão importante e o núcleo deles de amizade, de grupinhos, este passa a ser a referência deles e, se tiver alguns desvios graves, isso aí pode marcar a vida deles para o resto da vida (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Karla assumiu se identificar com a filha nos aspectos da autoconfiança e exigências elevadas, podendo lhes gerar prejuízos. A entrevistada retratou esse ponto quando compartilhou sobre a atuação do profissional de psicologia para suporte no período da adolescência de ambas:

Maria tem isso, o que ela disser ela faz, ela consegue. O que ela disser ela vai fazer e as colegas já têm esta visão (risos). Isso me assusta, às vezes, porque eu tinha um pouco disso e eu fico o tempo inteiro observando se ela com isso é feliz. Na adolescência, fiz terapia. Maria já fez terapia e largou. Então eu estou sempre de olho, porque este grau de cobrança não vem tanto de mim e do pai, mas ela própria se cobra e isso dá muito sofrimento. Então, eu puxo e fico preocupada. Porém, isso também dá muita inveja, tem muita gente à volta dela que não é tão assim, ela é muito popular. As amigas gostam muito dela, mas admiram muito ela e na idade em que ela está isso é muito tênue. Admiração e a inveja elas ficam assim. A maioria delas diz: - *Nossa, quando eu conheci, Maria eu detestei, mas aí quando a gente começou a conviver eu me apaixonei!* Elas dizem isso porque em tudo ela é boa (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

A participante também fez referência à atuação do professor de música de Pedro. Este já faz aula de violão há três anos e Karla demonstrou o seu desejo de que ele cantasse, além de tocar. Compartilhou uma fala em que o professor do filho chamou a sua atenção de que isso ocorrerá no “tempo dele”, mas esta explicação não diminuiu a inquietação da mãe frente ao ritmo próprio do filho:

Pedro toca violão. Ele toca há três anos e eu assisti Pedro tocar três vezes. No fim do ano, o professor faz uma amostra e aí na amostra ele toca, não canta. Já está na idade de tocar e cantar, já tem um tempo de música suficiente, mas não canta ainda. Pedro vai cantar? *No tempo dele.* E quando é o tempo dele, Fernando? *No tempo dele.* Fernando, você é o terapeuta dele ou é o professor de música? (risos). Porque eu não quero ouvir isso, eu quero ouvir: - Karla, o mês que vem seu filho vai estar cantando, tudo bem? *Tudo bem.* Agora está e quando é o tempo dele? *No tempo dele!* (risos) (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Rodrigo relatou também que compreende ser importante a prática esportiva para o desenvolvimento da autonomia dos filhos adolescentes, tecendo um paralelo entre os impactos dos recursos tecnológicos e das atividades lúdicas esportivas na vida dos filhos:

A prática esportiva é importante porque no esporte você realmente consegue desenvolver. Pedro de um tempo para cá deixou de fazer estas atividades esportivas ao ar livre. Então eu acho que ao mesmo tempo que esta parte tecnológica cria uma autonomia, também cria uma certa dependência, porque você fica trabalhando em um quadrado e você deixa de explorar, deixa de interagir, deixa de viver os conflitos reais, porque na tecnologia os conflitos são virtuais. Então, quando você está jogando bola e você dá uma porrada em um, o cara vai partir para cima de você para te dar uma porrada. Aí você vai ter que se defender, ou dar um murro nele, você vai ter que se virar e isso é o mundo real. Então eu acho que, ao mesmo tempo que a tecnologia de informação ajuda, ela atrapalha, também. E uma atividade ao ar livre, você praticar algum esporte, futebol, vôlei, tênis, a competição, isso também é importante. Eu acho que tudo na vida tem que ser muito dosado. A família também, lógico, porque, se você não tem uma família que estimule isso, é muito difícil para um adolescente descobrir isso sozinho. É importante um adolescente que tem autonomia, até para virar um adulto independente (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Desta maneira, observamos que Rodrigo apresentou aspectos positivos e negativos da influência da tecnologia, pois, segundo ele, ao mesmo tempo que favorece a autonomia, pode provocar dependência, comportamento que vai de encontro ao que o casal estimula nos filhos.

5.1.4 O participante frente à adolescência do(s) filho(s)

Em suas verbalizações, Karla e Rodrigo trouxeram aspectos característicos da fase da adolescência dos filhos, como o aumento do interesse por novas experiências e interações sociais frequentes com os amigos, inclusive através do computador, como tem sido um hábito do filho. Neste íterim, destacamos a concepção de Rodrigo acerca da adolescência: “é um momento de efervescência do ponto de vista emocional. O núcleo familiar deixa de ser tão importante e o núcleo deles de amizade, de grupinhos, passa a ser a referência”.

Abaixo seguem descrições de Karla em relação ao momento em que ela se deu conta de que os filhos já haviam adentrado à fase da adolescência. A primeira fala diz respeito à experiência com a filha Maria. Isso ocorreu aos dez anos de Maria, posteriormente a uma experiência em que necessitou de internação hospitalar por três meses, a partir dos comportamentos positivos de enfrentamento apresentados pela filha. Nesta fala da entrevistada, mais uma vez, percebemos diferentes percepções e atitudes entre ela e Rodrigo frente aos comportamentos da filha. A outra descrição faz

referência à percepção de Karla sobre a entrada de Pedro na adolescência, a qual ocorreu aos catorze anos:

Ela – Maria – sempre foi muito precoce. Eu acho que com dez anos ela já tinha umas coisas de adolescente. Talvez tenha tido a ver com um episódio na vida dela: aos 10 anos ela teve osteomielite no pé direito. Começou com uma dor, sempre dançou e não estava conseguindo dançar. O festival de dança se aproximando e ela sem condições de andar. Aí eu disse que deveria ser algo sério, porque o que ela mais ama na vida é dançar. O pai minimizando o tempo todo, dizendo que era uma forma de chamar atenção. [...] Bom, ela não dançou no festival, ficou internada, foram três meses de internamento e, destes três meses, ela foi para a pediatria e a gente já sentiu que ela estava no lugar errado. As enfermeiras comentavam sobre a maturidade com que ela encarou a doença dela. É claro que, em alguns momentos, ela chorava como toda criança faria, até adulto tem horror a furada, mas assim, a perseverança dela. Ela passava o internamento todo dizendo: - *Eu vou voltar a dançar, eu vou me livrar disso*. E aí, quando ela saiu de lá, eu acho que ela voltou adolescente. Ela entrou com nove anos, saiu com dez e já outra pessoa. Ela teve o convívio com a minha vida e a do pai, porque ficou três meses dentro de um hospital vendo o trabalho da gente e ela começou a ver o lado sério da vida. Eu acho que ali foi um baque para ela. Até o internamento, eu escolhia as roupas dela. Ela sempre dava opiniões, mas a palavra final era a minha. Depois disso era assim: - *Mãe, eu estou precisando de não sei o que*. Aí eu dizia, eu vou com você e ela dizia: - *Não, eu prefiro que você me dê o dinheiro, eu prefiro que você me deixe na porta da loja*. Eventualmente, ela tirava a foto e me perguntava o que eu achava, mas assim, só comprava o que ela queria, no preço que ela queria. Ela começou a tomar as decisões dela. Ah, eu ficava super, eu achava que o que eu fiz até agora está dando certo. O pai ficava assustadíssimo. Já em relação à Pedro, eu acho que ele só está entrando agora, com 14 anos, e mesmo assim uma adolescência totalmente diferente da dela (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

[...] Aí você me pergunta: - *Será que Pedro já entrou na adolescência?* Eu acho que este ano só, mas muito por isso. Ele está na coisa de dentro do quarto, se relacionando com os meninos só e tudo é o vídeo game (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Rodrigo apresentou reflexões acerca da amplificação dos recursos tecnológicos no desenvolvimento dos filhos. Ele chama, de certo modo, atenção para aspectos positivos e negativos de tal interferência. Segundo ele, o acesso rápido às informações é favorável ao crescimento e desenvolvimento da autonomia dos filhos, mas é preciso orientá-los a reconhecer e a evitar os riscos da internet:

A tecnologia foi um fator fundamental. Por exemplo, a tecnologia de informação hoje permite que eles tenham um acesso. Lógico, acesso a coisas boas e à coisas ruins também, porque você entra no google, na internet, aí você tem referências excelentes e coisas extremamente de qualidades. Então, a tecnologia de informação ajuda muito para a autonomia deles. Eles conseguem se virar, eles conseguem mexer mais com equipamentos do que a geração da gente e isso dá muita liberdade para o crescimento deles. Não há dúvidas, a tecnologia veio a agregar (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Rodrigo também despertou atenção para a importância dos pais estarem vigilantes sobre os impactos das transformações ocorridas na sociedade, como a entrada da mulher no mercado de trabalho, a preocupação no que tange à segurança, apontando para a atenção que os pais necessitam ter em relação às interferências destes fatores na vida dos filhos no período da adolescência:

Eu acho que os pais não podem se furtar da responsabilidade de estar de junto dos filhos. Nos dias de hoje, a mulher vai trabalhar, porque antigamente as mulheres ficavam em casa e tomavam conta dos filhos e isso hoje não tem mais jeito. Tem que trabalhar mesmo, até porque, se não trabalhar, não vai ter como realmente as coisas tomarem rumo. Mas você vai ter que ter espaço para os filhos, orientar eles. Não tenha dúvida que isso não pode ser delegado para funcionários, avós. Então tem que encontrar tempo para isso. O cenário contemporâneo ajuda, lógico. Se você deixa a criança ou o adolescente mais solto, eles vão ter que se virar; mas, talvez, eles se virem de uma forma equivocada, se não tiver alguém para dar um rumo (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Segundo Karla, o interesse pela participação frequente de Pedro nos ambientes virtuais representa um marco para a sua entrada na adolescência, a qual, segundo ela, ocorreu aos quatorze anos do filho:

Eu acho que veio impulsionar demais. É uma diferença enorme para como eu fui criada. E assim, a gente proporciona muito isso a eles. Desde novos tiveram muito computador e tudo. A gente fica de olho para não virar um vício, como aqui, por exemplo, que eu acho que já virou um vício com Pedro. Ele está naquela fase de vídeo game. Eu acho que a adolescência dele está sendo assim, com os meninos (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Dos aspectos supracitados, a violência urbana e a falta de segurança foram destacadas também por Karla como fatores limitantes para a autonomia dos filhos. A participante referiu que ela e o esposo são bastante preocupados com as questões relacionadas à falta de segurança e convergem quanto à necessidade de vigilância dos pais em relação aos filhos:

Não tem uma cartilha não. Existe tanto para mim quanto para Rodrigo uma coisa crucial que é segurança. Então, eu deixo até o momento que eu noto que ela ou ele estão correndo riscos de um assalto, um estupro, um sequestro e aí é inegociável. Por exemplo, eu deixo Maria ir para uns quinze anos e voltar com um taxista da minha confiança, que eu tenha combinado o horário e tudo acompanhada de algum colega. Se ela me liga três horas da manhã e diz: - *Mãe, o taxista não veio e eu vou pegar um táxi aqui na porta*. Não, e não há acordo, e ela respeitaria. Eles sabem que para mim e para o pai segurança é essencial, e mesmo eu sendo muito destemida, eu sempre deixei muito claro de que, na dúvida, consulte. Consulte porque a gente já passou por isso. Eu e o seu pai já nos submetemos a riscos antes de vocês, então não tem porquê. É por isso que ambos – Maria e Pedro – pensam em não morar no Brasil futuramente, cada um com seus motivos. Pedro menos, e diz assim: - *Se vocês ficarem morando aqui, em fico*. Mas a vontade deles de viver em outro lugar, é principalmente porque o Brasil é um lugar inseguro,

um lugar de mão armada, e você não vê muito isso nos países que eles visitaram. Então, o que segura um pouco à autonomia deles é a segurança. Os limites que eu e o pai damos são em relação à segurança e nisso a gente fala a mesma língua. Quando tem algum risco físico de algum sequestro, acabou ali a autonomia deles (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Eu acredito que somos muito flexíveis. Eu me preocupo muito com a integridade física e emocional deles – Maria e Pedro –, mas, se a pessoa me convence de que tem que afrouxar, eu não entro nessa preocupação, nessa *nóia*. Os meninos, por enquanto, não têm nos dado muito problema com relação a isso. Então a gente afrouxa e eles também não esticam a corda a ponto de trazerem problemas. Não estão envolvidos com drogas, pelo menos que a gente saiba, pois é uma fase que começam as alterações de comportamentos deles com a gente, de agressividade, estas coisas. A minha preocupação é, se a gente afrouxar demais, e, perder o controle (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Finalmente, abarcando as preocupações apontadas acima, bem como os demais resultados apresentados no decorrer das quatro categorias de análise, identificamos que, de modo geral, Karla e Rodrigo demonstraram adotar práticas educativas flexíveis. Tais conduções envolvem negociações e acordos com seus filhos, as quais serão discutidas no subcapítulo a seguir.

5.1.5 Discussão do caso: Família Silva

A análise das entrevistas realizadas com Rodrigo e Karla revela que ambos contextualizaram as suas concepções de autonomia às características de personalidade dos filhos, às interferências dos seus diversos contextos de interações e à importância do papel dos pais no desenvolvimento dos filhos. Desta forma, podemos perceber que eles apresentaram compreensões ampliadas no que concerne às relações intrafamiliares e extrafamiliares como fatores que interferem na constituição de pessoas autônomas e colaborativas.

No cenário relacional desta família, percebemos que Rodrigo aparenta estabelecer uma relação de maior proximidade com o seu filho Pedro, que parece ser favorecida pelas afinidades de comportamentos e personalidades entre eles. Karla descreveu o filho como caseiro, tímido, carinhoso com os pais, mantém relação de proximidade com ambos os genitores e tem o hábito de interagir com os amigos pelo computador.

No que se refere à percepção e atitudes do pai em relação aos filhos, de acordo com Karla, Rodrigo adota comumente uma postura de maior proteção com Pedro, o

que ela considera desfavorável para o seu ganho de autonomia. Como exemplo, disse que, embora Pedro não tenha “Júnior” em seu nome, o pai chama-o assim, remetendo a uma possível condição infantil e à possibilidade de repetir com o filho o que ele viveu em sua família de origem. O mesmo não ocorre na relação com a filha, pois esta “nunca permitiria”, considerando as características de personalidade “expansiva, independente e destemida” de Maria.

No que diz respeito à filha Maria, sempre manteve mais intimidade e proximidade afetiva com Karla. A adolescente aparenta ter autoestima elevada, é determinada e foi referenciada pela genitora da seguinte maneira: “o que ela disser ela faz, ela consegue”. Possui muitas amizades e é considerada “a popular” entre os amigos e colegas da escola, sempre demonstrando bastante interesse em explorar intensamente os ambientes extrafamiliares, como costuma fazer com maior frequência. No que se refere à importância da socialização na fase da adolescência para o desenvolvimento da autonomia, Corbisier (2002) refere que:

A adolescência é um momento em que a busca de autonomia se intensifica. O esforço pelo distanciamento das figuras parentais leva o sujeito a se deparar com outras figuras de autoridade. A tentativa de substituição dos modelos parentais faz do adolescente ponto de cruzamento da rede de relações sociais, pois, nesse momento, mostra-se particularmente permeável aos modelos identificatórios oferecidos pela sociedade, os quais vão além do universo familiar em sentido restrito. Ainda que a reedição de seus modelos familiares seja inevitável, ao reagir frente a esses, busca a referência que seus pares e os espaços extrafamiliares oferecem (CORBISIER, 2002, p. 19).

Com vista a um entendimento com foco nos processos interacionais no interior das famílias, baseado em Minuchin (1982), a análise dos dados sugere haver uma aliança entre mãe e filha: “desde nova tudo dela sempre foi muito comigo, ela tem poucas afinidades com o pai” (sic) (ENTREVISTA, KARLA, 2016), fortalecida na medida em que Karla permite à filha vivenciar intensamente as experiências de socialização, por acreditar que “vida social representa alegria”. Vale ressaltar que a liberação dos pais é condicionada ao comprometimento dos filhos diante das atividades escolares, visto como uma prioridade nesta família, e à segurança, por exemplo, utilizar o serviço de taxi com um profissional de confiança.

Os pais ressaltaram que, desde a primeira infância, a filha Maria chama atenção por seus comportamentos precoces e expansivos socialmente, havendo associação entre os traços de personalidade da filha com os seus comportamentos mais autônomos, principalmente quando comparado ao filho.

Karla citou um exemplo para elucidar a distinção entre as personalidades de Maria e Pedro: a filha faz aula de balé, pois adora dançar e realizar apresentações abertas ao público; já Pedro faz aula individual de violão e se sente tímido para se apresentar, inclusive, para a sua própria mãe. Embora Karla, com base em suas verbalizações, se identifique mais com a personalidade da filha, demonstrou adotar frequentemente práticas educativas autorizantes com ambos os filhos. Estes, por sua vez, na compreensão dos pais, apresentam socialmente comportamentos independentes e, especialmente Maria, devido também à sua personalidade, elevada autoestima. Segundo Baumrind (1966), pais com estilo parental autorizantes, de modo geral, desenvolvem em seus adolescentes: competência social, assertividade, autoestima e comportamento independente.

Rodrigo, por sua vez, por meio de suas verbalizações, demonstrou maior preocupação em impor limites aos filhos e “em ser mais objetivo” em seus diálogos, no sentido de convidar os filhos para avaliar as suas atitudes e consequências de seus atos. Ele deu ênfase em sua entrevista ao papel da família de orientação e acompanhamento no processo de formação dos filhos. Para ele, Karla oferece mais suporte emocional e de socialização, demonstrando que o casal se complementa positivamente em suas funções e papéis parentais. De acordo com Amazonas e cols. (2003), a distribuição de papéis e obrigações entre os pais é uma tendência atual da família moderna, cada vez mais simétrica e flexível para atender as rápidas mudanças sociais.

Além disso, revelou ser um pai que estimula e favorece os filhos a viverem experiências extrafamiliares e a resolverem os seus conflitos. Referiu-se à postura da esposa como mais “liberalizante” em relação à dele, afirmando que, em sua opinião, às vezes, Karla “solta demais as rédeas”, mas que tal posicionamento parece não comprometer a autoridade da esposa frente aos filhos, uma vez que, ao mesmo tempo em que é mais permissiva, estabelece regras claras para os filhos, as quais costumam ser cumpridas tanto por Maria quanto por Pedro. A falta de obediência dos filhos ocorre em relação a aspectos no âmbito doméstico, que, segundo Rodrigo, devido a presença da secretária doméstica, eles não desenvolveram “autonomia doméstica”.

As diferenças existentes quanto aos estilos parentais entre os genitores aparecem na fala de Karla ao compartilhar o seguinte pensamento:

Às vezes, eu paro para pensar que talvez Rodrigo fosse um pai mais para a frente se não fosse eu. Às vezes eu penso que sim. Às vezes eu penso que ele põe mais freio porque ele tem que frear os três [risos]. Talvez ele fosse mais permissivo se não fosse eu (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

A entrevistada demonstrou bastante envolvimento na vida dos filhos. Relatou apoiá-los a viver a adolescência de maneira intensa e a oportunizá-los às muitas experiências de socialização, considerando-as como sendo importantes para o desenvolvimento da autonomia. Estimula-os à ida aos acampamentos de férias que Maria e Pedro fazem questão de frequentar; busca e leva-os em seus compromissos, providencia fantasias para a gincana da escola que a filha todos os anos participa, chegando a se auto intitular “mãe turista”, referindo-se ao fato de estar correndo sempre de uma atividade para outra a fim de atender as demandas da filha; compartilha da roda de conversas de Maria quando as suas amigas vão dormir em sua casa. Rodrigo, por sua vez, também demonstrou ser um pai participativo na vida dos filhos, porém com menor frequência em relação à Karla, devido a compromissos profissionais e também por ser um consenso entre o casal de que naturalmente Karla assumia esta posição.

No que diz respeito ao aumento de interesse de Maria e Pedro por atividades no âmbito externo a casa, Preto (1995) refere que isso ocorre mais intensamente na fase da adolescência devido à importante função das alianças com os grupos de iguais. A companhia dos amigos têm o significativo papel de contribuir para a afirmação da auto identidade do jovem e com o aumento de sua autoconfiança e independência.

Explorando as histórias de vida de Karla e Rodrigo, com vistas a buscar elementos para embasar os seus estilos e práticas educativas parentais, ambos apontaram em suas falas referências à história de origem e padrões de comportamento equivalentes à educação que receberam, ou seja, envolvendo os padrões intergeracionais e transgeracionais na educação dos filhos. Fazendo referência à teoria Boweniana nos estudos sistêmicos da família, Bucher-Maluschke (2008) evidencia a diferença entre os termos:

Convém mencionar que, quando nomeamos o intergeracional, estamos identificando os fenômenos que estão ocorrendo em uma e outra geração, ou outras gerações, ou seja, os fenômenos que estão ocorrendo numa geração, repetindo-se na ou nas seguintes. O transgeracional está situado numa dimensão que transcende a geração real, concreta. É tudo que se organiza entre as gerações, mas que transcende no sentido mais elaborado, por exemplo, dos mitos, dos segredos, dos ritos, que, embora não dito (mitos), não ditos (segredos) e realizados (ritos) através das gerações (transgeracionalmente), podem ser repetidos entre elas (BUCHER-MALUSCHKE, 2008, p. 88-89).

Desta maneira, de acordo com o que foi explicitado nos parágrafos anteriores, entendemos que Karla aparenta ser mais ativa em relação a Rodrigo, sobretudo no que se refere à legitimação e reforço das competências dos filhos como estímulo à autonomia, baseando-se no modelo de educação recebido em sua família de origem.

De acordo com a entrevistada, seus pais discordavam dos modelos parentais um do outro, o que favoreceu para que o seu pai delegasse à sua mãe a regência de educação dela e de suas irmãs. Na família Silva, Rodrigo demonstrou ser mais participativo, portanto, não cabe exclusivamente a Karla esta função.

Com relação à história de vida de Rodrigo, este foi o filho caçula “papuricado por cinco irmãos”, de uma família com valores conservadores. Podemos questionar de que maneira esse lugar vivenciado em sua família de origem interfere em suas práticas educativas por meio de alguns comportamentos mais protetores, tanto na percepção do próprio Rodrigo quanto de Karla. Nesta perspectiva, Nichols e Schwartz (1998) pontuam que:

Quando duas pessoas se casam, as exigências estruturais para a nova união são adaptação e a determinação das fronteiras. A primeira prioridade é a adaptação mútua para lidar com a multiplicidade de detalhes da vida cotidiana. Cada cônjuge tenta organizar o relacionamento segundo diretivas familiares, e pressiona o outro a se acomodar. Cada um deve se ajustar às expectativas e aos desejos do outro. [...] Os casais precisam também definir fronteiras separando-os de suas famílias de origem (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998, p. 193).

Deste modo, podemos identificar, nas falas de Karla e Rodrigo, que ambos procuram adotar práticas educativas diferentes das experiências que vivenciaram em suas famílias de origem. Por exemplo, Maria não possui as chaves de casa como o seu pai disse ter tido à sua época, pois a violência urbana é um motivo de grande preocupação para estes pais – motivo que o faz assumir uma postura, por vezes, ‘inquieta’ junto à Karla, alertando-a frequentemente para a necessidade de colocar limites quanto à frequência das saídas da filha para os programas externos ao âmbito familiar. Do mesmo modo, Karla demonstrou um maior nível de envolvimento com os filhos em relação ao padrão exercido por sua mãe quando não fica no lugar de “expectadora” e se envolve nas atividades de lazer de Maria e Pedro. A respeito da não repetição de padrões dos membros de uma família, Cervený (2011) afirma:

A família quebra padrões interacionais do passado e pode fazer reformulações no presente. As rotinas, regras e rituais que fazem parte do cotidiano de um sistema familiar protegem-no e asseguram uma continuidade de uma geração para outra, em meio às mudanças externas (CERVENÝ, 2011, p. 33).

Assim, como podemos depreender da análise das entrevistas de Rodrigo e Karla, não podemos afirmar que Rodrigo seja um pai rígido e que ofereça pouco apoio aos filhos ou que Karla seja uma mãe permissiva sem qualquer autoridade. De modo geral, observamos que eles se equilibram quanto aos papéis parentais e que os padrões de interação entre pais e filhos, nesta família, mostraram-se flexíveis, o que facilitam as negociações de acordos e regras no processo educativo deles. Segundo Minuchin; Fishman (2003), a família saudável não tem uma estrutura rígida, sendo flexível para se ajustar às novas exigências de desenvolvimento de seus membros.

Portanto, ambos podem ser considerados pais que se aproximam do estilo autorizante ou autoritativo, que estabelecem fronteiras nítidas quanto às funções que concernem o subsistema parental. Conforme a classificação proposta por Baumrind (1966), o estilo parental autoritativo ou autorizante caracteriza-se por alto envolvimento, controle e apoio parental, com limites e regras claras, comunicação aberta entre pais e filhos. Estes incentivam a autonomia, a independência, a individualidade e se mantêm disponíveis ao diálogo, trocas e discussões sobre os modelos e regras estabelecidas, estimulando condutas maduras, a análise das consequências de seus atos e promovendo valores positivos.

Do mesmo modo, as fronteiras relacionais nítidas identificadas na dinâmica da família Silva permitem a autonomia de seus familiares e subsistemas, a fim de garantir apoio mútuo e afeição entre as pessoas (MINUCHIN, 1991). São famílias funcionais que, segundo este autor, apesar de vivenciarem ansiedade nos estágios transicionais do ciclo de vida de seus membros, conseguem desenvolver e negociar padrões complementares de apoio mútuo.

Embora os cônjuges pensem diferentemente quanto à educação dos filhos, chegam a muitas conclusões juntos e que, se um disser um “não taxativo, o outro não desautoriza”, conforme dito por Karla. Esta, em alguns momentos, disse ceder à opinião do esposo para não aumentar o nível de tensão entre eles, o que parece proteger a relação do casal, assim como também a dinâmica da família como um todo, necessitando ser habilidosa para intermediar a relação entre pai e filha, minimizando, por exemplo, os impactos frente ao pai das demandas sociais da filha de sair e encontrar os amigos com frequência. Diante desta dinâmica, podemos levantar aqui uma triangulação na relação pai-mãe-filha, de acordo com a perspectiva de Bowen (1991), o qual se refere a uma situação onde um membro da família intermedeia a relação entre outros dois, a fim de minimizar a tensão existente na relação destes.

Preto (1995, p. 224), retratando a respeito dos conflitos familiares na fase adolescente, acrescenta que “por serem tão intensas, as demandas adolescentes, frequentemente, servem como catalisadores para reativar questões emocionais e acionam os triângulos”, sendo o adolescente, o pai e a mãe um dos triângulos mais frequentes que envolve as famílias com adolescentes. Nichols; Schwartz (1998) acrescentam que a triangulação pode reduzir os embates relacionais, mas congela o conflito onde ele está e parecem ser tão inocentes que dificilmente se percebe os seus efeitos destrutivos.

Desta maneira, observamos que, na família Silva, as negociações entre Rodrigo e Karla, quanto à educação dos filhos, assim como entre pais e filhos, são permeadas pelo diálogo, ainda que as discordâncias e/ou conflitos naturalmente existam.

Por parte dos genitores, vemos práticas educativas indutivas favoráveis à percepção dos filhos para definirem suas metas baseadas em seus próprios desejos e escolhas, envolvendo a capacidade de tomar suas próprias decisões com o monitoramento e intermediação de ambos. Observamos também o alto incentivo às vivências de novas experiências – intercâmbio, gincana, acampamento, intensa socialização com os grupos de referência, as viagens realizadas em família com o objetivo de explorar outras culturas, as atividades esportivas –, que estão relacionadas ao alto poder aquisitivo desta família. Nas verbalizações dos genitores, identificamos passagens que ilustram as facilidades de acesso por parte seus membros, por exemplo, a fala de Karla: “Então os meninos amam quando ele (Rodrigo) chega em casa e diz: - *Já tenho milhas suficientes para a gente viajar para qualquer lugar do mundo*”.

Identificamos também o incentivo para Maria e Pedro buscarem soluções para os seus problemas, como demonstrações de estratégias educativas parentais que tendem a estimular a autonomia. Como exemplo, temos a situação hipotética trazida por Rodrigo ao fazer referência aos filhos tentarem se resolver na escola com a professora, cabendo aos pais intervir posteriormente, se necessário. Do mesmo modo, a estratégia educativa de ofertar cartão de crédito aos filhos como tentativa de dar autonomia a eles para fazerem escolhas de compras, com o monitoramento dos pais, sem o conhecimento deles.

Podemos inferir, assim, que Rodrigo e Karla adotam práticas educativas de incentivo aos filhos desenvolverem autonomia nas três dimensões apontadas por Noom, Dekovic; Meeus (2001), a saber: a autonomia relacionada aos aspectos cognitivos, ou seja, capacidade para definir metas e pensar sobre seus atos,

condutual, que diz respeito a decidir suas atividades sem a ajuda dos pais e emocional, demonstrar confiança em estabelecer suas metas, independente dos desejos dos pais ou dos pares.

Sob esta perspectiva, tais práticas tendem a favorecer que os filhos se desenvolvam saudavelmente a fim de se emanciparem, equilibrando a proximidade com os pais ao mesmo tempo em que preservam a individualidade deles. Assim, Maria e Pedro estão propensos a se diferenciarem emocionalmente de sua família de origem, mantendo, ao mesmo tempo, o sentimento de pertencimento à mesma. Isto é o que Bowen (1991) refere como processo de diferenciação, quer dizer, a busca de autonomia de pensamento, sentimento e ação.

Essas duas forças vitais, a de união e a de diferenciação, são vivenciadas pelo sujeito dentro de subsistemas familiares, como também nas redes extrafamiliares (BOWEN, 1991). Frente ao relato dos pais, no que diz respeito a importância de seus filhos vivenciarem experiências em contextos extrafamiliares, nos reportamos a Bronfenbrenner (1996), quando este traz, além do microsistema familiar, as estruturas mesossistema, exossistema e macrosistema como importantes para o processo de desenvolvimento da autonomia do indivíduo.

Desta maneira, quando Rodrigo e Karla sinalizaram a importância da relação dos filhos com o meio externo à família nuclear, estes pais revelam que estas estruturas estão todas interligadas não podendo ser dissociadas no processo de desenvolvimento da autonomia. Assim, o processo educativo dos pais sofre interferência dos acontecimentos sociais contextuais, a exemplo, a violência urbana citada por ambos, como um aspecto do macrosistema cultural exercendo interferência em suas práticas educativas relacionadas à privação. Igualmente, os participantes trouxeram que Karla se ausenta do trabalho três turnos a fim de acompanhar as atividades dos filhos, isso gera repercussão na dinâmica familiar, mesmo que indiretamente, compondo ações do exossistema que afetam o microsistema familiar.

Por fim, com relações aos aspectos relacionados ao uso da tecnologia na vida dos filhos, apontados pelos genitores, Reichert (2011) considera que a amplificação dos recursos tecnológicos representa um ganho inquestionável para a educação dos filhos. Com isso, favorece aos progenitores o acesso rápido à informação e ao conhecimento das demandas desenvolvimentais de seus filhos, favorecendo que estejam mais disponíveis às necessidades deles. Mas, por outro lado, segundo a

autora, essas possibilidades não garantem a qualidade das relações que se estabelecem. Neste sentido, na família Silva, observamos a preocupação dos participantes voltadas para o acesso fácil dos filhos como uma via, inclusive, de construção de autonomia, ao mesmo tempo em que demonstram estar atentos aos riscos que o uso inadequado da tecnologia pode proporcionar, o que, do contrário, dificultaria o processo de desenvolvimento da autonomia.

5.2 FAMÍLIA SANTOS

5.2.1 Breve história de vida do participante, de formação do casal e do filho(s) adolescente(s)

A família Santos é composta por Márcio, 49 anos, Rosa, 37 anos, e os dois filhos, Luís, 16 anos e Laura²³, 13 anos. Márcio e Rosa são empresários e proprietários de uma empresa no ramo de bordados. Possuem como nível de escolaridade o ensino médio. Luís e Laura são estudantes de uma escola particular tradicional frequentada pelas camadas média e alta de Salvador. Luís estuda no 1^a ano do ensino médio e Laura no 7^a ano do ensino fundamental. A renda familiar varia entre dez a vinte salários mínimos. Todos os membros da família nasceram e residem atualmente em Salvador.

Em relação à história de vida de Márcio e Rosa, ambos relataram ter vindo de famílias com baixo poder aquisitivo e, desde cedo, precisaram trabalhar almejando garantir conforto de bens materiais aos filhos.

Rosa morou, dos seus três aos dezenove anos, em Aracaju, juntamente com a sua família de origem. Começou a trabalhar aos quinze anos como estagiária na secretaria de um colégio estadual e, posteriormente, em uma agência bancária, até os seus dezoito anos. Com esta idade, passou a realizar treinamento como auxiliar em uma construtora na qual permaneceu até se mudar para Salvador. Ela é caçula de cinco filhas. Teve uma infância e adolescência difíceis, por conta da história de

²³A partir do relato livre nas entrevistas, tanto do pai quanto da mãe, podemos observar que ambos contemplaram dados referentes às suas práticas incluindo os dois filhos. Contudo, centraram as suas falas em relação às práticas que adotam com o filho Luís, pois este se encontra na faixa etária específica adotada neste trabalho.

casamento dos pais, que viviam uma relação conturbada: o pai era alcoólatra e negligente, ficando a responsabilidade pela criação dos filhos com a sua mãe. Aos doze anos de Rosa, seus pais se separaram e ainda na adolescência necessitou estudar, trabalhar e cuidar da casa, juntamente com as irmãs. Por estes motivos, a participante relatou que não viveu a fase da adolescência como ela gostaria, “sem vida social até os vinte anos”.

Márcio é o filho do meio de três irmãos, sendo um irmão mais velho e uma irmã caçula. Descreveu também que a sua vida não foi fácil e que nunca teve o pai como exemplo. “Eu tive a sagacidade, desde criança. Eu já dizia: - Eu vou ser diferente do pai que eu tenho. A minha mãe sempre foi viúva de marido vivo”. A mãe de Márcio sempre foi a responsável pelo sustento da família; era funcionária pública estadual. Quando ela viajava a trabalho, ele ficava responsável por administrar a casa com o pouco dinheiro que a sua mãe deixava. Atualmente, dentre os irmãos, o participante é quem assiste os cuidados necessários à sua mãe, hoje idosa e adoentada:

Dos meus doze para quatorze anos, minha mãe teve que viajar muito a trabalho e ela deixava o dinheirinho contado. Apesar de eu ser o filho do meio, era eu que fazia as coisas, ia no mercado, comprava as coisas, tinha alguém que vinha e fazia um bife ou uma besteira para a gente comer. Assim eu aprendi e ganhei a minha autonomia, sozinho. Em alguns momentos, sozinho em casa, hoje, em digo: poxa, com quatorze anos eu era homem formado, era homem no sentido próprio (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

Márcio, emocionado, relatou que sempre buscou oferecer à família o que construiu de melhor, fazendo questão de batalhar diariamente para proporcionar as melhores oportunidades à esposa e aos filhos.

Rosa e Márcio disseram que a família Santos mantém boa relação de proximidade com a família de origem dela. Entretanto, pouca convivência com a família de origem de Márcio, uma vez que seus irmãos não possuem tanto contato entre si, encontrando-se ocasionalmente, exceto com a sua mãe, sempre presente na relação com Rosa e os filhos.

No que concerne à história de formação do casal, estão juntos há dezessete anos. Conheceram-se por meio da internet; ele morando à época em Salvador e ela em Aracaju. No início do relacionamento, Rosa tinha 19 anos e Márcio 32 anos. No mesmo ano em que se conheceram, a família de Rosa retornou para Salvador e ela continuou em Aracaju, morando com a irmã mais velha. No quarto mês de namoro, o casal descobriu que Rosa estava grávida, e, por se tratar de uma gestação não planejada, emergiram alguns conflitos no casal: decidir acerca da continuidade da

gestação, os custos de um filho, considerando o pouco tempo de relacionamento e às incertezas em relação à construção de uma família. Rosa, especialmente, relatou que nesta época viveu “muitos conflitos internos por ter engravidado muito jovem”, em uma fase inicial de namoro, sem estrutura financeira e emocional, além de ter ressaltado que não aproveitou a adolescência com liberdade, por ter recebido uma educação rígida de seus pais.

Rosa encontrou em Márcio o apoio e a possibilidade de juntos conduzirem os cuidados com o filho. Ambos, ao lembrarem-se deste período, consideraram que foi uma fase muito difícil e conturbada. Na entrevista com Márcio, para pedi-la em casamento, ele lembrou o que disse à esposa neste momento:

Olha, eu não vou dizer a você que sinto o que você está sentindo, mas a decisão que você tomar eu vou te apoiar. Agora saiba, se você quiser ter o filho, ele vai ter um pai, uma casa. Se você quiser morar comigo, você vem morar comigo e a gente começa uma família aqui e agora. Eu não vou dizer a você que tire ou que tenha, porque é você que está carregando (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

Os pais informaram que Luís foi muito bem acolhido por todos da família e que teve um “enxoval maravilhoso”. O primogênito foi uma criança muito amada e sociável, com uma infância considerada tranquila. Atualmente, ele foi retratado pelos pais como um adolescente “amável, atencioso, responsável e preguiçoso”, conforme Márcio. Foi dito também que ele é “muito sensível, carinhoso, um meninão, uma criança”, de acordo com fala de Rosa.

Nesta fase inicial do casamento, passaram a morar juntos em Salvador, em um apartamento próprio, onde ele já residia anteriormente. Nesta época, Márcio trabalhava como representante comercial na área de confecção e Rosa como operadora de telemarketing. Quando Luís completou seis meses de vida, o casal decidiu adquirir uma máquina de costura e investir em um negócio próprio de bordados, iniciando as atividades em um quarto pequeno no próprio apartamento.

Os dois trabalhavam juntos dividindo tarefas, ou seja, enquanto Rosa manuseava a máquina executando os desenhos dos bordados, Márcio ficava responsável em prospectar clientes. Desde esta época, Rosa vem participando de cursos profissionalizantes com o intuito de aprimorar suas habilidades e qualificar-se. Com as conquistas profissionais, o casal empreendedor conseguiu ampliar a empresa, que inicialmente contava com dois funcionários e hoje possui um quadro de quinze, o que evidencia o empenho de ambos e o crescimento do negócio da família.

Passados dois anos, o casal planejou a chegada da segunda filha, Laura. Nesta época, Luís foi inserido na educação infantil em uma escola de pequeno porte localizada próximo à residência da família. Como a criança não apresentou uma boa adaptação nesta instituição, pois chorava muito, os pais buscaram um novo espaço, também perto de sua casa. Contudo, esta mudança não trouxe modificações no comportamento da criança, que sempre apresentou dificuldades na escola, recorrendo constantemente a aulas de reforço até os dias de hoje.

O crescimento da empresa favoreceu a mudança no padrão econômico da família, que adquiriu um apartamento de maior porte em um bairro de camada média alta. Matricularam os filhos, Luís, na época com nove anos, na mesma escola que Márcio estudou, citada por ambos como de boa qualidade de ensino e projetos pedagógicos. Márcio afirmou que a oportunidade de ter estudado nesta instituição o fez ter acesso ao convívio com pessoas de maior poder aquisitivo, possibilitando que ele e os irmãos “transitassem entre dois mundos muito distintos”, uma vez que eram pobres, mas que a sua mãe não hesitou em esforçar-se para oferecer-lhes boas escolas, uma vez que era professora e a educação sempre foi uma prioridade para ela.

5.2.2 Os participantes e suas concepções de autonomia frente às suas práticas educativas

Rosa e Márcio afirmaram que têm preocupação com as questões que envolvem a autonomia dos filhos desde o nascimento deles, como podemos observar a seguir:

Eu acho que desde que eles nascem, porque, querendo ou não, a partir do momento que eles já nascem, você quer que eles trilhem aquele caminho sozinhos. Você fazer por si. O caminhar, o andar, o comer, isso é autonomia. Chupar um bico sozinho é uma questão de autonomia, você ensina e eles têm que correr atrás para continuar, traçarem os caminhos dele (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Eu sempre me preocupei com isso, com eles se resolverem sozinhos. A autonomia, eu penso muito assim, em rua, andar sozinho, frequentar a casa de colegas, isso tudo. Autonomia é uma coisa bem ampla. Eu sou totalmente a favor que a pessoa pense e aja por ela mesma, mesmo que erre (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

Contudo, no decorrer das falas de Rosa, percebemos que as práticas e sentimentos parentais são bem distintos entre Márcio e Rosa. Especificamente em relação à figura materna, vemos uma ambivalência de sentimentos. Ela reconheceu

que mesmo considerando a importância dos pais em adotar práticas educativas que estimulem a autonomia dos filhos, muitas vezes, não favorecem o desenvolvimento desta capacidade nos filhos. A participante explicou as suas condutas dizendo que, futuramente, quando os filhos ingressarem na fase adulta, com novas demandas, ela acredita que eles responderão adequadamente:

É como se a gente – pais – não quisesse. No fundo a gente quer dar autonomia, mas no fundo tem medo de perder – os filhos –, de ficar sozinha, a solidão. Eles vão ganhar o mundo e, querendo ou não, vai ficar somente eu e ele – Márcio. Então, neste sentido, eu fico mais presa a isso e Márcio quer que eles ganhem o mundo, que eles enfrentem sozinhos (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Na minha casa, eu batalho para que eles tenham autonomia sobre a vida deles [...]. Lógico que eu quero que eles sejam independentes, mas eu não quero que, para criar essa independência, eles passem pelo que eu passei. Então, eu acho que eu peço nisso aí, posso estar pecando. Eu posso não estar dando a base para formar, para que eles tenham uma autonomia lá na frente, mas, independentemente daquilo que eu estou dando aqui, muita coisa é a vida, eles precisam somente abrir os olhos para isso (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Identificamos um dado que consideramos relevante na fala de Rosa acerca do olhar que apresenta em relação ao filho Luís, ao enxergá-lo ora como um adolescente e ora como uma criança. No início de sua entrevista, logo após lançarmos a questão disparadora, a qual compreendeu o convite à participante compartilhar a sua experiência como mãe de filho (a) adolescente, relacionando suas práticas educativas com desenvolvimento da autonomia do filho, Rosa fez referência a uma conversa ocorrida recentemente entre eles:

Ontem teve uma questão lá em casa e parecia com isso, porque Luís pediu para ir para uma festa e ele tem 15 anos: - Minha mãe, a censura é 15 anos. Aí eu disse: - Está bom, se a censura é 15 anos você acha que pode ir para esta festa. Ele disse: - *Eu acho que eu posso ir para essa festa*. Eu acho que ele não tem maturidade para ir para uma festa desse nível. Ele não sabe nem a dimensão que é uma festa dessa. Eu não sabia e fui pesquisar e vi que era um evento para 40 mil pessoas. Na idade que ele se encontra, ele acha que tem poder para ir para onde ele achar que deve ir, que ele tem responsabilidade e eu acho que não é assim. Como eu disse a ele: - Você não tem maturidade, você não tem conhecimento do que é uma festa de largo, de rua. Eu acho que para a gente fazer algumas coisas você precisa ser maduro, ser responsável, saber que ali você está propenso a acontecer várias coisas. Você precisa saber lidar com as situações e ele não sabe nada disso ainda. É completamente imaturo, ele é uma criança, um adolescente. Na verdade, ele não é mais uma criança, ele é um adolescente que está passando para a fase adulta. Eu enxergo ele como um adolescente e enxergo ele como uma criança (risos), porque ele acha que tem maturidade, mas eu vejo que ele não tem maturidade. Eu acho que eles só podem depois dos 18 anos, como eu tive acesso às coisas depois dessa idade (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

A entrevistada demonstrou, ainda, uma autocrítica quanto às possíveis consequências das suas práticas educativas para o desenvolvimento dos filhos: “Eu acho que neste quesito eu falho mais do que Márcio, porque superprotejo e a superproteção pode dificultar a busca por autonomia, porque eles podem ficar mais acomodados”. Frente a este posicionamento de Rosa, ela afirmou que o filho vem assumindo uma postura questionadora e defensiva, como é possível verificar em mais uma conversação que afirmou ter tido com Luís:

Hoje aconteceu uma situação que ele me pediu para eu comprar uma coisa e depois ele disse que tinha dinheiro. Eu perguntei aonde ele conseguiu dinheiro e ele disse: - *Você está achando que eu fiz o quê? Que eu estou vendendo alguma coisa?* Ele já foi se defendendo. Eu disse a ele que eu tinha perguntado apenas aonde ele tinha conseguido dinheiro, porque eu sei que eu não dei dinheiro esta semana. *Foi o que sobrou do almoço*, ele respondeu. E eu disse: - Pronto, foi uma pergunta que eu fiz apenas. Ele está agindo como se a gente não confiasse nele, achasse ele uma criança, de se induzir fácil. *Minha mãe, eu só vou pegar drogas se eu quiser*. Ele achou que eu estava achando que ele ia utilizar drogas, que ia beber, ia aprontar. Ele acha que a gente prende demais, que não confia nele. Está muito questionador nesta dureza que ele acha que nós somos. Na verdade, eu (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Márcio também identificou comportamentos imaturos no filho, mas demonstrou adotar frequentemente condutas positivas e de maior incentivo, orientando-o em situações cotidianas do dia a dia. Demonstrou que, desde a infância de Luís, vem adotando práticas educativas que tendem a favorecer a autonomia do filho:

Há muitos anos atrás, Luís, com uns sete anos, mais ou menos, tinha que pagar alguma coisa no colégio, uma taxa de vinte e poucos reais de um passeio na escola. Aí eu disse a Luís que levasse o dinheiro e pagasse na tesouraria. Rosa disse: - *Mas ele vai perder o dinheiro*. Rosa, se perder o dinheiro, perdeu. Infelizmente a gente não vai testar Luís com o pagamento de mil reais, então a gente vai pegar um boleto de dez, quinze reais e vai dar a ele para pagar no lugar certo. Aí ela disse: - *Mas não é na tesouraria, tem um funcionário*. Mas ele vai se virar, ele vai procurar saber qual o funcionário, para quem dar o dinheiro, ele vai resolver este assunto. Então eu comecei com Luís desse jeito, a lidar com o dinheiro e assim foram algumas vezes e fluiu normalmente (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

Outras falas de Márcio sustentam tal posicionamento, dentre elas, destacamos dois exemplos que detalham a sua conduta em oferecer à Luís suporte e orientação em situações cotidianas. Desta forma, Marcio favorece ao filho enfrentar novos desafios e demandas do período:

SITUAÇÃO 1

Ele fez o Enem no ano passado e foi próximo de uma estação de metrô. Eu já tinha ido várias vezes de metrô de lá de casa para Nazaré para ir à Fonte Nova com ele. Aí ele nem esperava, mas no dia que ele foi fazer a prova, me ligou e eu disse: - Luís, você está na escola, não é? Você lembra a padaria que compramos água? Ele disse: - *Lembro, pai.* E dessa padaria você chegaria na entrada do metrô? – *Pai, eu acho que chegaria.* Então assim, eu orientei Luís a ir sozinho. Olha, eu vou estar o tempo todo com você. Não vou te ligar mais para você não ficar pegando o celular no meio da rua, mas quando você entrar no metrô, procura um segurança e diz: - Olha, eu quero soltar na estação Centro Norte. Você se orienta com ele e só toma informação de segurança ou de policial. Aí você salta na estação. Mas quando o metrô estiver chegando, me liga que eu já vou estar lá te esperando. E ele tomou, e isso foi um teste para começar a dar autonomia em algumas coisas para ele. Porque quando eu falei algumas vezes para Rosa isso, ela disse: - *Não, você é louco, largar Luís na rua, meu filho.* Pelo perigo que seria (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

SITUAÇÃO 2

Recentemente a minha mãe fez uma cirurgia e Luís ficou na escola, que é próximo do local, para almoçar lá mesmo. Eu e Rosa também almoçamos perto, porque minha mãe tinha terminado a cirurgia e estávamos escolhendo o restaurante. Quando, de repente, passa Luís. Rosa vê Luís andando no meio da rua com quatro colegas. Rosa aí (fez um gesto de espantado). Aí eu peguei Rosa e disse: - Calma, calma, fique quieta, vamos ver para onde ele vai. Quer dizer, eu estou testando ele. Rosa disse: - *Eu disse a ele que não fosse andando até o Mc Donald's com os colegas.* Eu disse: - Rosa, ele está com quatro meninos e é uma oportunidade dele começar a se desenvolver, se soltar, em busca da autonomia dele. Aí Rosa dizia: - *Mas eu vou pegar ele, e tal,* e eu dizia: - Rosa, calma. Você vai ficar calada, quieta e vai esperar ele dizer. Se você chegar para Luís e disser você foi para rua e tal aí ele pode esconder, mentir. Vamos ver o que ele vai contar, justamente para testar também a confiança dele. E foi exatamente isso que eu fiz. Ela ficou quieta, não falou e quando ele chegou eu perguntei: - Como foi o seu dia? Está almoçando direito na escola? Aí ele disse: - *É, pai, eu não comi na escola.* Não? Você comeu aonde hoje? - *Eu fui lá no Mc Donald's.* Eu disse: - Legal. E como é que foi? - *A gente foi andando.* Aí sondei, é uma forma de preparar. Não sei se está certo ou não, mas o fato é que não existe escola para pai e mãe (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

Nas situações 1 e 2 retratadas acima, é possível identificar divergências quanto aos estilos e práticas educativas entre eles: Márcio revela adotar práticas educativas que facilitam o filho adolescente experienciar tarefas típicas da idade, alegando que desta maneira está “testando e sondando o filho como uma forma de prepará-lo” e Rosa, por sua vez, se revela mais protetora. Tal ideia se apresentou ao longo do discurso de ambos os entrevistados.

Vale ressaltar que Márcio demonstrou preocupação quanto aos comportamentos imaturos do filho. Neste momento, ele chega a fazer um comparativo com a sua própria história de vida e a se inquietar com a idade que Luís já possui e com a sua pouca demonstração de autonomia: “Poxa, com 14 anos eu era homem

formado, era homem no sentido próprio (tom de indignação). Eu era formado. Eu nunca cheguei a dizer isso a Luís, mas eu já disse a Rosa”. A fala seguinte ilustra a maneira como o pai o incentiva e o orienta, vislumbrando uma modificação de conduta por parte do filho:

Luís, mude o olhar filho, olhar de campeão. Mostre quem é você! [...] E você tem que se impor [...] Cada lugar você se coloca de uma forma, você tem que saber se portar na rua. Você tem que tirar o professor de banca, é você quem tem que tirar. Você ver que Aroldo vem e diz que você não precisa de banca, mas você faz questão da banca para lhe dar segurança (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

Nas falas de Márcio e Rosa, identificamos que Luís sente-se insatisfeito frente a pouca permissão recebida, inclusive em situações que já integram a rotina de um adolescente, tais como ir andando com os colegas ao Mc Donald's, próximo a escola, ou ir a um show em que a censura comporta a sua idade e os seus amigos foram autorizados pelos pais. Dentre as falas trazidas pelos entrevistados a elegida para evidenciar tão inferência é a de Rosa quando compartilha: “Ele só me disse que eu estava sendo dura demais, tanto eu quanto o pai, e que queria proibir e guardar ele numa redoma. Eu disse não, não é isso (risos)”.

No decorrer da entrevista de Márcio, este também se referiu ao mesmo evento, mas, apesar de ambos não concordarem com a ida do filho ao show, alegando a sua pouca maturidade, o pai demonstrou ter mantido um diálogo mais aberto e flexível com o filho, como podemos observar abaixo:

- E como é que eu vou lhe soltar no meio de 40 mil pessoas? Conquiste primeiro isso, que você vai ter. Eu lido mais ou menos desta forma. Eu sou mais... É porque Rosa tem uma cabeça mais fechada. Eu penso assim. Agora, não é porque eu também acho que ele é imaturo para isso, que... Mas se ele tivesse mais maturidade, eu ia chegar para ele e dizer: - você quer ir para a festa Mix? Você vai. Mas ele ia e ele não saberia que eu ia. Eu estaria de longe. Eu sou a favor de que meu filho passe pela experiência, mas eu tenho que saber aonde ele está pisando. Eu acho Luís muito imaturo até perante colegas da escola que andam com ele, muito imaturo. Eu acho muito fácil dele cair na pila das pessoas, exemplo: ah, você tem que experimentar, estou me referindo às drogas. Olha, aquela gata está a fim de você e está usando e você não vai experimentar? Ela não vai ficar com você porque você não experimentou. Eu tenho medo de Luís disso, dele não saber dizer não, de ser convencido, de não ter argumentação e personalidade forte para não usar (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

Em ambas as entrevistas com os genitores, vemos práticas educativas e estilos parentais divergentes entre o casal. Para Márcio, os aspectos autoritários e superprotetores nas condutas da esposa não favorecem a autonomia dos filhos. Rosa afirmou ser o esposo “muito mais compreensivo do que ela”, bem como também

indicou adotar práticas educativas mais superprotetoras. Neste cenário, compartilhamos os pensamentos de Márcio e Rosa, respectivamente, os quais ilustram tais dados:

A superproteção? Eu fui buscar as minhas – referindo-se à sua história de vida – e ele não está tendo ainda – se referindo aos espaços que eles dão aos filhos para correrem atrás de seus objetivos. Eu acho que a minha maneira facilita mais a autonomia do que a de Rosa. Ela segura mais e eu facilito mais. Eu sou um facilitador da autonomia e Rosa talvez fosse mais uma trava. Nesse lance mesmo de escola, ele deveria ter a autonomia dele. Ele chega em casa, estuda, faz toda a rotina, mas eu não sei até que ponto, se na hora que cria a dificuldade ele vai buscar, ou se ele espera o professor de banca chegar para ir buscar aquela dificuldade. Então, eu não sei se dá o professor de banca é estar sendo um facilitador para a autonomia dele ou se está travando a autonomia dele [...]. Sempre foi diferente. Eu tenho práticas mais ousadas. Eu não faço com os meus filhos aquilo que eu acho que não seria necessário pela dificuldade que a gente tem em nos manter, para a sobrevivência, pela vida, pelo trabalho. E Rosa é assim, de dar carão, de pegar pesado, de brigar. Eu chego no extremo, mas eu demoro muito, eu vou relevando, vou tentando. As nossas práticas são bem diferentes (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

Ele – Márcio – é muito mais compreensivo do que eu. Tipo assim: - Lucas, você tem que ir por este caminho aqui, mas é mais duro e cheio de pedras porque você tem que enfrentar as batalhas da vida. Já a mamãe já diz: - Então vamos tentar ir por este outro caminho aqui. Vou tentando driblar mais as situações e pode ser um erro. Um erro de mãe, mas não de todas (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Estas diferenças foram mais uma vez trazidas claramente por Rosa, ao assumir a sua dificuldade em manter práticas de cuidados maternos compatíveis com a fase de desenvolvimento em que os filhos se encontram. Tal dado se evidencia quando a participante faz uma referência à rotina da família:

Eles – os filhos – acham que há muito tempo eles já deveriam por si só acordar sozinhos, tomar café, preparar a mesa, se arrumarem, Laura pentear o cabelo. Márcio acha isso também. Mas quem coloca o café sou eu, quem penteia o cabelo sou eu, quem arruma o sutiã de Laura sou eu (risos). Então, assim, eu sou mais brigona, mas neste sentido também abafa um pouquinho (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Outro dado revelado nesta família diz respeito ao grau de proximidade afetiva entre pais e filhos. Vemos, na fala abaixo, que Márcio referiu pouca intimidade entre ele e a filha, sendo mais próximo do filho Luís. O mesmo afirmou que não sabe dizer os reais motivos para tal distanciamento entre ele e Laura, mas que a mãe costuma orientar a filha, por ser mulher, e o pai orientar o filho, por ser homem. Do mesmo modo, o entrevistado relatou que isso pode ocorrer também devido a alguns “probleminhas” envolvendo o casal:

Eu sempre me preocupei com isso, com ele – Luís – se resolver sozinho. Eu acho muito importante isso. Toda vez que eu lhe respondo, eu também penso em Laura. Laura ficou muito assim: é mulher, tem hiperatividade e ela ficou muito para a mãe. Talvez seja machismo da minha parte, a mãe orienta porque é mulher, o pai orienta porque é homem [...]. Educar mulher é mais difícil e com Laura eu tenho uma barreira enorme [...] Laura criou uma barreira tão grande em relação a mim. Eu não sei se é porque eu e Rosa temos alguns probleminhas e Rosa cria, eu não sei se ela vê isso e reflete a mesma coisa. Aí eu fico muito na minha, deixo muito ela para Rosa. Hoje mesmo elas tiveram desavenças porque ela briga muito com Luís. De manhã cedo, eu não vi, mas Rosa me disse depois que deu um tapa nela. Foi uma merda no café da manhã. Laura chorando. Eu não sei como fazer, porque eu quero pegar para dar um carinho, um afago, de ter esta liberdade (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

Os pais informaram, como um acordo entre eles, que Rosa se ausenta da empresa três tardes da semana para acompanhar os filhos em suas atividades extraescolares. Ela, de maneira geral, é a responsável por ficar mais tempo na assistência aos filhos, sendo, para Márcio, as questões relacionadas com a casa as quais envolvem a assistência direta aos filhos, uma responsabilidade de Rosa. Conforme Márcio, ele tem um importante papel de oferecer sustentação à esposa. Abaixo uma passagem que ilustra tal dado, assim como também informações no que tange à resolução de conflitos entre o casal:

De um modo geral, Rosa é mais responsável pelos dois. Apesar de, hoje em dia, não sei se é machismo, eu não sei, tudo é difícil, porque assim, a casa é responsabilidade de Rosa, dela gerir tudo, mas é ela saber que ela tem um homem por detrás, para na hora que ela errar saber que eu estou ao lado dela para ajudar a consertar. Eu vejo muito isso, tanto é que as coisas acontecem e eu vou lá dando pitaco e volta e meia ela se queixa de que eu sou ausente. Mas eu digo: - Olha... eu estou por detrás, sou a sustentação e você é a minha. A atitude que ela toma, um mata e o outro esfola. Se Luís fizer uma merda muito grande e ela for lá e pau, a depender da hora, eu vou lá também e pau. Isso é horrível, tem que controlar e isso acontece muito mais com Laura do que com Luís (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

5.2.3 Para além do contexto familiar: relato dos pais sobre outros contextos e interações do(s) filho(s) adolescente(s)

Nas falas dos entrevistados, outros ambientes de interação que o filho em desenvolvimento participa ativamente foram contemplados, suas relações interpessoais, incluindo familiares – participação da família extensa de Rosa –, amigos, atividades no âmbito escolar e extraescolar – reforço escolar, curso de inglês –, inserção da secretária doméstica na organização familiar. Algumas destas referências já apareceram em falas anteriores dos participantes, outras serão pontuadas neste subcapítulo.

Márcio e Rosa reconheceram o círculo de amizade do filho como sendo favorável para o seu desenvolvimento, pois são vistos como meninos "bons", estudam juntos desde a 1ª série e pertencem às famílias do mesmo grupo social deles. Estes dados aparecem nas duas passagens abaixo de Rosa e Márcio respectivamente:

Ele não tem um círculo de amizades ruim. Ele anda com estes amigos desde a 1ª série. Eu conheço as famílias, são meninos bons. Muitas vezes, o que eu fico chateada com ele é sobre o que ele considera mais importante e ele leva mais consideração às amizades e eu sou da base mais família. Os amigos são mais importantes do que a irmã, a avó, a família e isso eu me chateio. Mas como as amizades são boas para ele, neste sentido as influências têm sido boas (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Os amigos podem favorecer, porque ele pode se comparar a autonomia que os outros têm com a dele e até se questionar: - Por que Michel vai para o Vila Mix e eu não vou? Então ele estaria questionando a falta de autonomia dele, dele ter a liberdade, de ser senhor de si em um momento desse. O grande exemplo de autonomia que Luís teve foi à viagem para os Estados Unidos. Ele passou vinte e poucos dias fora e foi tudo bem. Soube administrar o dinheiro e tudo direitinho. Ele até brigou com Michel que é este colega de infância, precisando até a mãe ter que intervir, porque Michel fazia um pandemônio dentro do quarto, de cueca, meia, de deixar roupa suja toda misturada e Luís se chateava com isso (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

Márcio ressaltou, inclusive, que os amigos do filho podem servir de parâmetros para Luís se questionar acerca das práticas educativas adotadas por ele e Rosa, possibilitando-o novos aprendizados. Trouxe também a experiência proporcionada com a viagem de Luís sozinho à Disney, como uma experiência que favoreceu o desenvolvimento da autonomia do filho, pois envolveu maiores contextos de interação e acesso a outras culturas.

Ambos incluíram em suas narrativas a influência das funcionárias domésticas na vida dos filhos. De acordo com Rosa, “de uma maneira ou de outra, as funcionárias interferiram na formação deles desde a infância”, mas que na adolescência os filhos “já acham que são donos de si” e que isso pouco ocorre. A atual trabalha na residência da família Santos há oito anos e é muito querida por todos. “Nossos filhos respeitam ela e isso nós não abrimos mão”. Márcio verbalizou a respeito da interferência da funcionária doméstica como positiva e também negativa para os filhos, pois a mesma ajuda “a fazer a comida, a arrumar, mas atrapalha”. Nesta última fala, ele refere-se ao fato dele e da esposa não oportunizarem cotidianamente estes hábitos aos filhos por conta de ofertarem “esta estrutura que atrapalha um pouco”.

Na narrativa abaixo, ao trazer situações cotidianas vivenciadas em família, observamos suas críticas em relação à esposa, a qual, segundo ele, não contribui

para Luís e Laura assumirem posturas autônomas em relação aos filhos tomarem parte nas tarefas da casa e se responsabilizarem por elas:

Ajuda porque tem que fazer a comida, a arrumar, mas atrapalha. Porque tem uma prática que eu acho que deveria ser feita. Antigamente eu ia para a casa de minha tia eu fazia a minha cama [...]. Mas também Rosa, pelo amor de Deus!! 5 horas da manhã, 5:15 tem que está todo mundo se arrumando, de prontidão. As 6:10 tem que está todo mundo de café tomado, dente escovado. Aí Luís poderia aprontar a cama dele, mas não faz. Então, se você tem uma empregada isso aí atrapalha. Tânia ficou doente, fez uma cirurgia e ficou 60 dias, e apesar de Rosa ser rígida, ela não segue uma rotina, ela não é obediente, tipo assim: todo mundo vai lavar seus pratos. Ela não conseguia fazer isso. Isso é você ter autonomia, é você estar em casa sozinho, fazer aquilo que você vai comer. Lucas até faz o lanche dele e depois lava tudo. Você saber morar sozinho, por exemplo. Lucas para a gente foi para barra. Certa vez ele ficou em casa sozinho, fez um beiju e tinha farinha para todo lado. Mas você tem que chegar para ele e dizer: - Você tem que lavar. Então, mesmo tendo empregada em casa, você também precisa cuidar daquilo que está a sua volta. De certa forma esta estrutura atrapalha um pouco. O próprio café da manhã que Rosa prepara para eles. Eles poderiam fazer isso. Laura estes dias, não sei porquê, estava preparando o sanduíche dela de noite e colocou na geladeira para o outro dia. Então isso é dar autonomia. Laura gosta de fazer o macarrão que eu faço e eu tento fazer com ela, eu acho que isso é dar autonomia (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

5.2.4 O participante frente à adolescência do(s) filho(s)

Rosa e Márcio demonstraram preocupações e desafios que enfrentam para educar filhos adolescentes nos dias atuais, as quais estão relacionadas às consequências do processo de urbanização e industrialização. Márcio referiu o aumento da criminalidade. Rosa relatou sobre influência do livre acesso à tecnologia na vida dos filhos, bem como às dificuldades que enfrenta pela necessidade de redefinição nos padrões entre pais e filhos, baseada na valorização de um relacionamento pautado no diálogo:

É difícil demais no mundo de hoje. Eu tenho Luís, com 16 anos, que é um menino que não vai na rua só. Não vai porque dias de hoje é difícil soltar uma criança na rua. Há cinco anos atrás, quando Luís já tinha os seus 11, 12 anos, já era difícil, imagine hoje com a criminalidade do jeito que está (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

É difícil porque o mundo está muito diferente do que vivemos. As coisas estão muito mais fáceis no acesso a tudo e mais difícil de você controlar. O celular virou uma arma, o acesso fácil à mídia virou uma arma nas mãos dos filhos e para você competir com o que eles têm acesso é difícil. Então, tudo que a gente procura ensinar para eles sempre tem um argumento (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Como uma queixa típica dos pais com filhos adolescentes, Rosa referiu que, nos eventos que envolvem a família extensa, Luís tem demonstrado falta de interesse em participar, pois prioriza se entreter com o mundo virtual. Tal dado se evidencia abaixo:

Luís não quer mais participar de eventos da família. Difícil ele querer estar em família. Ele vai obrigado porque não tem acordo. Ele não quer ter um acordo. Ele senta na cadeira, fica com o celular mexendo e com o fone no ouvido conversando interagindo com os amigos, mas não com as pessoas que estão ao redor dele (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Observamos sentimentos de incertezas e inseguranças presentes nas verbalizações de ambos os genitores. Márcio afirmou: “não sei se está certo ou não, mas o fato é que não existe escola para pai e mãe. A gente vai errando, acertando, errando, errando, errando, aí acerta e depois desfaz tudo. Pelo amor de Deus. É desse jeito mesmo”. E Rosa abordou: “somos uma família tradicional, com erros e acertos, mas tentando a todo custo colar sempre o que quebra”. Ela chegou a indagar-se a respeito de sua condução no exercício da maternidade:

Eu me faço essa pergunta, porque criar, educar filhos não tem uma receita e cada dia mais eu me conscientizo disso. É você tentando. Se vamos acertar, só lá na frente para saber. Eu, às vezes, acho que eu sou dura demais, às vezes, maleável demais, então realmente eu não sei se estou no caminho certo. Eu acho que estou no caminho certo (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

No cerne das dificuldades apresentadas pelos participantes no processo de educar seus filhos na contemporaneidade, Rosa referiu utilizar parâmetros pautados na educação que ela recebeu de seus pais, buscando adaptar-se às rápidas mudanças ocorridas na sociedade, em diversos âmbitos, inerentes ao momento histórico atual:

Eu procuro dar educação a eles parecida com a educação que eu tive. Por que eu falo parecida? Porque hoje eu não posso usar as mesmas armas, digamos assim, que meus pais utilizaram comigo, porque é diferente. Hoje tudo se transforma. Por exemplo, se eu bato como antigamente, hoje não pode nem dar uma palmada, e antigamente não tinha isso. Então, se causa motivo de revolta. Se eu brigo demais, cria um afastamento. Então, na verdade, até para os pais orientarem hoje é diferente de antigamente. Você hoje tem que ter um cuidado muito maior. Então, aonde que o filho de quinze anos ia debater como ele, levantar tantos questionamentos como ele levantou quando a mãe diz um não? (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

No decorrer de suas falas, vemos que as dificuldades financeiras enfrentadas outrora por Rosa, bem como a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família, conforme visto em resultados apresentados na primeira categoria da família

Santos, são aspectos relacionados pela participante com o processo de gradativa formação dos seus filhos em direção à fase adulta:

Eu me baseio por mim aos quinze anos. Eu comecei a trabalhar com esta idade e eu já tinha independência a partir desta idade. Eu não vejo ele – Luís – com este perfil, ele não tem. E não vejo ele aos dezoito anos como eu já tinha, que eu trabalhava em dois lugares. Mas é por isso que eu digo que são situações que a vida traz. A vida que eu tive fez com que eu tivesse tido autonomia mais cedo. A vida que Luís e Laura têm faz com que eles joguem isso mais para frente, então não é um fator tão importante de ter a independência deles tão cedo. No meu caso foi por dificuldade financeira que eu tinha, somos cinco irmãs. Porque quanto mais cedo você sente as dificuldades mais você quer correr atrás, mais você quer ir além. Quanto mais você tem as coisas na mão, mais tardio vai empurrando com a barriga. A não ser quando dá aquele estalo e você diz: por mais que eu tenha tudo na minha mão eu quero ser independente, eu vou correr atrás. Como tem muitos casos aonde a família tem, mas os filhos não querem ficar na dependência dos pais (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Por fim, Márcio também trouxe uma reflexão acerca do *ser e viver* a adolescência nos dias de hoje, traçando um paralelo entre às suas expectativas e preocupações como pai, em relação ao futuro do filho, à atuação deste diante da vida, englobando a influência dos demais adolescentes que estão à sua volta:

É aquele desafio de você querer que seja um ser humano melhor do que você. Poxa, eu me acho um cara muito justo e sério, preocupado com as outras pessoas, apesar de não fazer nada ou não poder fazer. E batalhador. Eu quero tudo isso para eles, e muitas vezes você briga, impõe, porque você sente que ele não está assimilando. Os adolescentes de hoje não têm aquela garra, são muito mais descansados. E eu não vejo estes adolescentes olhando para o futuro, até os de lá do prédio mesmo, os da idade deles, são muito sem garras, sem força. E assim, as boas universidades hoje são dos cotistas, você só entra depois dos cotistas e eles não estão nem vendo isso ainda, poxa. Os adolescentes, no geral, não reconhecem a educação, a cultura. Luís foi para os EUA e eu acho que ele não aproveitou nada porque se ele está bem adiantado no inglês, como é que ele se saiu lá? Ele fica com vergonha de falar inglês. Eu, numa oportunidade de ir aos EUA com o curso de Luís, eu mesmo iria comprar a minha coca-cola, o meu sanduíche (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

5.2.5 Discussão do caso: Família Santos

Refletindo sobre os dados encontrados nesta família, identificamos que Rosa e Márcio trouxeram as suas concepções de autonomia exemplificadas em suas práticas educativas cotidianas, havendo diferenças significativas entre eles no que se refere aos estilos e práticas educativas adotadas. Tal dado pode ser observado na fala de

Márcio quando explicitou que, quando ele e a esposa discutem sobre Luís poder comprar pão sozinho ou não, estão refletindo a respeito de questões que envolvem a autonomia do filho.

Márcio e Rosa afirmaram que, desde o nascimento dos filhos, se preocupam em assumir práticas educativas que favoreçam a autonomia destes. Porém, Márcio apresentou mais coerência entre as suas intenções e práticas educativas, se comparado a Rosa. As condutas de Márcio mostraram-se permeadas pelo diálogo, suporte e orientação em situações cotidianas. Desta maneira, podemos perceber que ele adota práticas educativas indutivas visando favorecer o desenvolvimento da autonomia do filho. São exemplos: ainda na infância de Luís, o permitiu que levasse à tesouraria da escola o pagamento do passeio escolar, após ter convencido à esposa sobre a importância para o filho de tal permissão. Já na adolescência de Luís, o acompanhou até o metrô para que dali o filho fosse sozinho realizar a prova do Enem, explicando-lhe passo a passo sobre a necessidade de ficar atento com as questões que envolvem a sua segurança, ou quando concordou que o filho, na companhia dos colegas da escola, fosse caminhando até o Mc Donald's, localizado no mesmo bairro. Ele referiu-se à criminalidade como um dos seus maiores medos que envolvem a liberdade de circulação do filho, mas demonstrou não ser este um aspecto que o impede de autorizá-lo a vivenciar experiências sem a presença dos pais no âmbito externo à casa, pois reconhece a importância de tais vivências para o filho.

A respeito das práticas educativas indutivas adotadas pelos pais, Hoffman (1975) refere que são aquelas que indicam às crianças e/ou adolescentes as conseqüências de seu comportamento sobre o ambiente, sobre outras pessoas, e sobre si mesma, proporcionando à reflexão sobre os aspectos lógicos da situação. O autor acrescenta que funciona como um meio de controle indireto, que coloca o indivíduo como responsável pelas conseqüências de seus atos.

Do mesmo modo, observamos nos exemplos apontados acima estratégias educativas de Márcio que estimulam a autonomia atitudinal do filho, bem como a sua autonomia condutual. A primeira compreende a percepção de metas pelo exame das oportunidades e desejos, considerando os processos cognitivos para criar as possibilidades de fazer suas próprias escolhas e se evidencia quando os jovens são hábeis para definir suas metas e pensar sobre seus atos (NOOM, DEKOVIC; MEEUS, 2001). A autonomia condutual, de acordo com estes autores, refere-se à percepção de estratégias pelo exame do autorrespeito e controle, capacidade de tomar decisões

e tratar os próprios assuntos sem a ajuda dos pais. Consiste no processo regulador do comportamento adolescente, no desenvolvimento de estratégias e habilidades para alcançar as suas próprias metas.

Em contrapartida, Rosa, embora tenha ressaltado a importância dos pais favorecerem a autonomia dos filhos, revelou adotar práticas superprotetoras com aspectos autoritários. Demonstrou rigidez às suas crenças e a valores vivenciados em sua família de origem, bem como dificuldades em lidar com as mudanças sociais, as quais exigem novas condutas no manejo com os filhos. Em outras palavras, Rosa estabelece condutas guiadas por um modelo mais hierárquico frente aos filhos, tendo utilizado de argumentos que perpassam pela idade e posição hierárquica para a obediência destes. A este respeito, Caldana (1998) acrescenta que, tais aspectos estão relacionados à falta de um padrão de educação que integre práticas educativas coesas, tanto entre as famílias quanto dentro de uma mesma família, e às transformações nas relações familiares ocorridas com a transição de um ideal tradicional para o moderno.

Nesta perspectiva, apontamos para as constantes tensões nas relações pais e filhos no processo de transição geracional, nas quais há confronto de valores entre as gerações. A este respeito, Coelho (2005) afirma que:

O descompasso vivido por esses sujeitos, os mais velhos, leva-os a rever e a reformular seus valores, a partir dos conflitos, e, ao mesmo tempo, continuar a tradição. Da mesma forma, os mais jovens estão questionando esses valores antigos e trazendo novos, numa velocidade contemporânea que dificulta a cristalização da experiência, trazendo confrontos mais constantes (COELHO, 2005, p. 201).

Desta maneira, fazendo referência à forma como Rosa foi educada, esta referiu que “competir com o que eles têm acesso nos dias de hoje é difícil”. À isso, Pratta; Santos (2007) afirmam que, no momento que o pai ou a mãe vê-se envolvido com o processo educativo dos filhos, esses valores entram em choque, o que leva a se perceberem destituídos de um referencial para seguir. Muitas vezes, se mostram contraditórios na educação dos filhos, resultando em práticas educacionais inconsistentes que influenciam no desenvolvimento.

Cervený *et al* (1997), ao discorrerem sobre os efeitos para os filhos em famílias cujas decisões e autorregulação são limitadas, destacam as repercursões para os jovens que tendem a ficar mais dependentes e menos seguros. Foi uma queixa de Rosa quando se referiu aos comportamentos reativos apresentados por Luís,

chegando a referi-lo como “um adolescente imaturo e rebelde”. Nichols; Schwartz (1998) dizem a este respeito que os pais que impõem suas preocupações aos filhos deixam a eles pouca escolha além de “se conformar ou se rebelar”.

Sustentando-se nesta ideia, Bowen; Keer (2009) referem que:

[...] em uma família pobremente diferenciada, emotividade e subjetividade têm uma forte influência nas relações familiares. A alta intensidade de emotividade ou pressão por união não permite a uma criança crescer para pensar, sentir e agir por si mesma. A criança se comporta em reação aos outros. Um bom exemplo disso é um adolescente rebelde. Sua rebeldia reflete a falta de diferenciação que existe entre ele e seus pais. O rebelde é uma pessoa altamente reativa onde o “self” é pobremente desenvolvido. Ele se comporta em oposição a seus pais e aos outros; estes, em troca, são suficientemente inseguros de si, reagindo automaticamente ao comportamento expresso pelo rebelde. A maioria de seus valores e crenças é formada em oposição às crenças dos outros (BOWEN; KEER, 2009, p. 93).

No ensejo da discussão em relação às atitudes de Rosa e às reações do filho, sobretudo quando não é autorizado a vivenciar experiências adolescentes no âmbito externo a casa, adentramos ao conceito de diferenciação e pertencimento da teoria Boweniana (1991). A superproteção e os comportamentos mais rígidos de Rosa parecem não favorecer o processo de diferenciação do filho, ou seja, o seu desenvolvimento fim de que possa se tornar uma pessoa emocionalmente independente, um indivíduo com capacidade de pensar, sentir e agir por si mesmo (BOWEN, 1991).

Para o autor supracitado, diferenciar diz respeito à singularidade do sujeito, aos aspectos específicos que cada membro familiar possui e pretende que seja respeitado pelos demais, o que o torna ímpar e diferente de qualquer outra pessoa, mesmo daquelas pertencentes à sua família de origem. Isso seria equivalente à falta de autonomia emocional, de acordo com a categorização de Noom, Dekovic; Meeus (2001) a qual compreende os delicados processos de independência emocional em relação aos pais e aos pares. Ou seja, realmente ocorre quando o jovem sente confiança em definir suas metas, independente dos desejos dos pais ou dos pares.

Neste viés, correlacionando às concepções de autonomia de Rosa com as suas práticas educativas, a genitora referiu que, “querendo ou não”, a autonomia dos filhos é desenvolvida naturalmente, em decorrência da necessidade de adaptação ao meio ambiente, desde os primeiros anos de vida por meio do “caminhar, andar, comer”, e os pais têm o importante papel de intermediar os filhos neste aprendizado. Entretanto, conforme visto ao longo de toda a entrevista, mesmo ao ponderar que tem consciência

do papel dos pais neste processo, a participante demonstrou dificuldades em facilitar a independência e autonomia dos filhos, explicando que isso se deve por receio dos filhos “crescerem e irem para a vida”, chegando a se indagar sobre o que seria dela futuramente na companhia apenas do esposo, por medo da solidão no futuro.

Autores como Carter; McGoldrick (1995); Cerveny; Berthoud e *et al* (1997; 2002) referem que o período em que os filhos saem de casa pode ser bastante delicado para os pais, pois tendem a fazer uma retrospectiva de suas histórias pessoais e também conjugais, sendo preciso novos parâmetros relacionais que comportem as necessidades atuais.

Segundo Cerveny (1997; 2002), são indícios de divergências entre o casal que possui filhos adolescentes: crises individuais dos cônjuges, conflitos que surgem em função de divergências no modo de educar os filhos e, ainda, dificuldade de construir modelos inter-relacionais adaptativos, necessários às novas demandas da família nesta fase do ciclo vital. Márcio referiu que há “alguns probleminhas” vivenciados pelo casal, bem como Rosa também verbalizou acerca de turbulências no casamento. Diante do pouco relato dos participantes acerca das dificuldades conjugais, retomamos a história de formação do casal, ocorrida a partir da gestação inesperada de Luís e em época inicial de namoro entre Márcio e Rosa. Este foi um período marcado por grande turbulência do casal, que decidiu unir-se devido à gestação do primogênito, além da história de vida de Rosa, que não vivenciou a adolescência como gostaria e não teve vida social até os vinte anos, conforme referiu.

Neste sentido, Berthoud; Begami (1997), ao discutirem sobre a base na qual se estrutura uma nova família na união de duas pessoas, relatam que, apesar dos objetivos que unem um casal serem revistos e se alterarem ao longo do casamento, os objetivos que originam a união são determinantes para o tipo de estrutura conjugal que será estabelecido. Acrescentam, ainda, que o período de nascimento do primeiro filho é momento de transição e mudanças profundas e irreversíveis nos níveis individual, conjugal e familiar, que, por um lado, as recompensas podem ser maravilhosas e intensas, mas, por outro, marcado por ansiedades, conflitos e angústias, além de um forte sentimento de responsabilidade.

Logo, as dificuldades de Rosa, em permitir ao filho alcançar a autonomia, revelam contradições em sua conduta educacional, e que parece interferir tanto na formação dos filhos quanto na dinâmica da família como um todo. É possível inferir que o olhar de Rosa sobre o filho, considerando-o imaturo e, por vezes, “como uma

criança”, tende a reforçá-lo a permanecer em um lugar de não amadurecimento, dependência e insegurança e, por sua vez, a fortalecer suas práticas educativas de maior proteção, pouca legitimação e autorização para novas experiências.

Em situações em que o filho Luís, aos dezesseis anos, não conquistou a autorização para ir caminhando junto aos colegas da mesma idade até o Mcdonalds, próximo à escola, ou ir ao show com estes colegas conhecidos dos pais, geram tensões na família, uma vez que o adolescente tem naturalmente apresentado comportamentos de maiores contestações, passando a não aceitar facilmente os “nãos” que recebe dos pais. Autores como Luisi; Filho (1997); Cerveny (1997; 2002); Carter; McGoldrick (1995) abordam a respeito da muitas transformações vivenciadas pelas famílias que possuem filhos adolescentes, as quais exigem adaptações na sua estrutura e organização para lidar com as necessidades e interesses do adolescente dentro e fora da família. Estes costumam trazer novos elementos de possíveis contestações e confrontos com os pais, mas que até então eram mantidos sob intenso controle.

Neste cenário familiar, Márcio cumpre o papel de mediador das comunicações. Neste sentido, ele faz intermediação de situações cotidianas entre a mãe e o filho, sobretudo no que diz respeito a superproteção. Podemos perceber que, quando ele faz isso, é buscando acordos com Rosa, por discordar da esposa, na tentativa de minimizar os impactos para o filho do que afirmou considerar atitudes que limitam a autonomia dele. Cerveny (2002) chama atenção para a necessidade dos cônjuges que têm filhos adolescentes negociarem as regras e valores a serem adotados na educação dos filhos:

Algumas vezes, ambos são mais ou menos flexíveis, o que diminui os conflitos entre os padrões a serem adotados; porém, quando um dos cônjuges deseja adotar padrões que, para o outro, configuram-se como excessivamente flexíveis, surge a necessidade de negociação das regras, o que nem sempre é bem sucedido (CERVENY, 2002, p. 78).

O mesmo é equivalente à dinâmica da família Santos, porém considerando a rigidez de Rosa e a necessidade de negociação das regras com Márcio. Desta maneira, podemos questionar a respeito de como estas diferenças entre práticas e estilos parentais na educação repercutem na formação do filho, isto é, até que ponto sucessivas práticas tão divergentes entre os pais interferem nas respostas que Luís apresenta ao longo do seu desenvolvimento e em relação ao ganho de autonomia.

Desta maneira, a partir do observado nas entrevistas, é possível afirmar que Rosa adota práticas educativas que se aproximam do estilo parental autoritário, onde há um maior controle e regras impostas, caracterizado por Baumrind (1966) como pais rígidos, com maior controle, regras impostas. Isso normalmente provoca atitudes de submissão por parte dos filhos que acatam momentaneamente as regras, ainda que discordem delas.

Em contrapartida, as práticas educativas apresentadas por Márcio se aproximam de um estilo parental do tipo autoritativo ou autorizante, o qual, segundo Baumrind (1966), reflete o alto envolvimento, controle e apoio parental, com limites e regras claras, comunicação aberta entre filhos e pais. Estes incentivam a autonomia, independência e a individualidade dos filhos. Do mesmo modo, se mantêm disponíveis ao diálogo, trocas e discussões sobre os modelos e regras estabelecidas, estimulando condutas maduras, a análise das consequências de seus atos, promovendo valores positivos. Algumas práticas educativas de Márcio, neste sentido, podem ser elucidadas: a instrução dada ao filho no dia da realização de sua prova do Enem e a conversa com a esposa e o filho no dia que este decidiu ir andando ao Mc Donald's com os colegas²⁴.

Por fim, cabe elencar algumas práticas educativas que Rosa e Márcio empenham como investimento na formação dos filhos, as quais caracterizam práticas adotadas pela camada média urbana: curso de inglês, balé da filha Laura, reforço escolar do filho Luís, acompanhamento psicológico dos dois filhos, viagem à Disney de excursão como uma experiência citada por Márcio favorável à autonomia do filho, pois envolveu contexto maiores de socialização com os amigos e acesso à outra cultura.

Vale ressaltar que o fato deles serem donos do próprio negócio favorece maior flexibilidade nos horários de Rosa para acompanhá-los em suas atividades extra escolares, em três turnos à tarde da semana. Já Márcio relatou permanecer menos tempo em casa em virtude do seu ritmo de trabalho mais intenso, chegando a afirmar que ele não sabe dizer se é machismo ou não, mas que ele entende que em uma casa a mãe deve ser a responsável pelos filhos e o pai tem o papel de dar sustentação, tanto emocional quanto financeira.

²⁴Ver situações 1 e 2 na página 97.

5.3 FAMÍLIA SOUZA

5.3.1 Breve história de vida do participante, de formação do casal e do(s) filho(s) adolescente(s)

A família Souza é composta por Giovani, 47 anos, Alana, 41 anos e os filhos Wagner e Valentina, respectivamente 16 e 10 anos. Giovani possui graduação em Direito, é policial rodoviário federal aposentado e Alana é formada em Administração. São sócios proprietários de uma farmácia e de uma clínica de atendimento multidisciplinar em um bairro popular de Salvador, cidade onde residem, juntamente com o irmão mais velho de Giovani e a sua esposa. Nestes empreendimentos, Alana exerce a função de administradora, embora a gestão administrativa seja compartilhada pelos quatro sócios.

Os filhos são estudantes de uma escola tradicional e particular. Wagner estuda no 1º ano do ensino médio e Valentina no 5º ano do ensino fundamental. A família reside na cidade de Salvador, Bahia, afirma ser católica não praticante, de etnia branca. Eles residem em apartamento próprio, em um bairro de camada média da cidade. Informaram renda familiar de dez a vinte salários mínimos.

Alana encontra-se no oitavo mês de gestação de Roberto. Esta foi uma gravidez não planejada, ocorrida cinco anos após vasectomia de Giovani. O casal já tinha decidido não ter mais filhos e estava vislumbrando “aproveitar a vida, viajar mais e viver mais o casamento, uma vez que os filhos já estão crescidos”, conforme fala de Alana.

Inicialmente, a gravidez de Roberto foi recebida com grande resistência por parte de Alana, mas aos poucos foi superando os impactos iniciais. Com o tempo, ela buscou adaptar-se a esta nova realidade, com a ajuda de sua psicóloga que já a acompanhava anteriormente. Alana citou as mudanças que todos os membros da família vêm enfrentando em relação à chegada de um novo membro, por exemplo, a necessidade de adaptação da filha Valentina para dividir o seu quarto com o novo irmão, embora esta tenha recebido a notícia muito bem.

O casal se conhece há dezessete anos. No primeiro mês de namoro, passaram a morar juntos e seis anos depois oficializam a união no civil e religioso. Alana e Giovani descreveram a relação entre eles como um acontecimento que veio agregar um a vida do outro. A esse respeito, conforme afirmou Alana, uma relação “intensa

desde o início”. O primeiro filho nasceu após três anos de relação, tendo sido uma gravidez não planejada, embora facilitada pelo casal:

Não foi uma gravidez planejada, mas a gente sabia que aquilo podia acontecer, porque eu já tomava remédio há muito tempo e o meu útero e ovário estavam um pouco reduzidos por isso. Então a médica disse: - Se você não parar de tomar medicação você corre risco de quando quiser engravidar ter que fazer tratamento. Aí combinamos de parar. A gente fazia tabelinha, como prudência. Acho que com dez meses, sem nenhum método contraceptivo, eu engravidei (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Consideram o relacionamento satisfatório e saudável, com boa comunicação e parceria entre eles, dividindo as responsabilidades quanto à educação dos filhos, embora a maior presença na rotina destes seja maior por parte de Alana, uma vez que Giovani sempre se ausentou para viagens a trabalho. Reconhecem-se como pais cuidadosos e presentes na vida dos filhos; costumam levá-los e buscá-los em seus compromissos; fazem questão de conhecer os amigos dos filhos e trazê-los para o convívio da família. Sobre o que é ser adolescente, em determinado momento da entrevista, Giovani apresentou a compreensão a seguir:

Adolescência para mim é uma fase em que se vivencia um turbilhão maravilhoso, que coisa gostosa da zorra. Daqui a pouco nada presta, daqui a pouco está uma alegria. Adolescente é massa, porque quando chega vibrando, quando apaixona, ave Maria do céu! Tem coisa mais maravilhosa do mundo? [...] Que vibração! Mas adolescente também tem aquela parte que se acha o centro do mundo (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

No que se refere à história de vida de Alana, esta nasceu em Feira de Santana, cidade localizada a 117 km da capital baiana. Deixou a casa dos pais e veio para Salvador, na adolescência, cursar o seu terceiro ano do ensino médio, sendo que posteriormente fez curso preparatório para o vestibular e adentrou a faculdade de Administração. Seus pais não foram muito participativos na educação dos filhos e costumavam adotar práticas mais proibitivas. Tal dado aparece na fala de Alana a seguir:

O que eu tive de bom quero conservar, o que dificultou busco não repetir. Tive uma criação de muito não pode isso, não pode aquilo. Com quinze anos eu não podia sair sozinha com as amigas, com o namorado. Não podia muita coisa e isso me dava margem de sair escondida, de mentir e eu não quero isso para meus filhos (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Com relação à história de vida de Giovani, este é o filho mais novo de cinco irmãos, oriundo de uma família de camada média baixa. Nasceu na cidade de Milagres, cidade localizada a 238 km da capital baiana, onde seus pais residem até hoje. Descreveu que eles sempre mantiveram uma boa relação entre eles, de

"respeito, união, boa comunicação", sua mãe trabalhava como revendedora da Avon e também em uma "vendinha de pequeno porte", na companhia do seu pai, de propriedade do casal.

Segundo ele, recebeu uma educação rígida quanto aos valores morais e regras claras de condutas. Entre o pai e a mãe encontrava maior espaço para o diálogo com o pai, mas foi com o seu irmão mais velho, com quem sempre manteve uma relação de muita afetividade e referência, que aprendeu a importância do diálogo para a vida. Mantinha uma relação conflituosa com a mãe, com pouco diálogo, considerando-a como autoritária e que não hesitava em recorrer a punições físicas em suas práticas educativas:

Com meus pais a minha relação era de tranquilidade, muito mais com meu pai. Com minha mãe, quando eu não apanhava de manhã apanhava de noite. Minha mãe era até interessante, minha mãe vinha para me bater e eu ficava quietinho. Depois ela que ia para o canto chorar (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Vemos na fala acima a dinâmica de interação entre Giovani e os seus pais e o registro de punições físicas como recurso disciplinar utilizado por sua genitora. Identificamos que para ele a família é um referencial a ser seguido. Giovani em sua vida segue muito dos valores aprendidos, explicitamos abaixo uma conversa que ele teve com um sobrinho em que chamava a sua atenção para a importância de este escutar o pai, de segui-lo como uma referência, como ele próprio sempre buscou fazer:

Olha, você precisa muito ouvir seu pai quando ele for falar algo a você. Ele disse: - Ah, porque eu não vou votar em ninguém meu tio. Aí eu disse: - Por que você não aproveita e chega assim: - Meu pai, quem é que você acha que eu devo votar? - Por que você não pergunta para ele? Se você não quer votar em ninguém, faça o seguinte, pergunte a seu pai porque, no mínimo, ele sabe o que vai acontecer. O político, depois quando vier falar com seu pai, sabe que o voto de seu pai não é só o voto de seu pai, é o dele e o seu, então ele vale por dois, você está dando moral a seu pai. E eu vi que ele (pai) estava olhando de lá e isso é uma coisa que eu pratico. Às vezes, quando eu chego em minha cidade, por ser pequenininha, várias pessoas chegam e me perguntam: - E aí, vai votar em quem? - Rapaz, eu tô esperando meu pai me dizer, porque quem vive aqui é ele, então o cara vai ter que bajular ele, olha que interessante! (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

No período da adolescência, Giovani e seus irmãos foram morar na casa de parentes na cidade de Salvador com a finalidade de estudar, pois seus pais viam no estudo a única maneira de garantir um futuro promissor aos filhos. Em diversos momentos da entrevista, o participante ressaltou o acesso à educação como uma prioridade na formação de filhos, cabendo aos pais manterem-se vigilantes neste aspecto. Buscando reforçar o seu ponto de vista, acrescentou que, para uma boa formação dos seus filhos, ele e a esposa não se abstêm de buscar ajuda

especializada, quando necessário, ressaltando o que ele considera diferença do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico:

Porque, às vezes, as pessoas até confundem um pouco. Ah não, fulano tem experiência. Ele tem experiência prática que se adequa a todos os casos, mas com o conhecimento científico, acadêmico, você atinge uma gama maior de problemas, consegue mais soluções. Não que seja de todo ruim o conhecimento prático, mas o conhecimento acadêmico, eu particularmente entendo que é um conhecimento mais amplo. Um conhecimento da experiência da pessoa é à base do achismo e o conhecimento científico é no que eu acredito. Então, nessa busca de dificuldade na vigilância do adolescente, se a gente não está conseguindo, a gente vai para o conhecimento científico (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Valter, o filho mais velho, hoje adolescente, é considerado pelos pais como um jovem alegre e de muitos amigos. Foi uma criança peralta, destemida e saudável, embora a mãe tenha relatado o sofrimento do filho na primeira infância em decorrência dos episódios de refluxo e sinusite. Para a participante, este foi um período muito difícil e estressante, potencializado pela sua inexperiência como mãe. Relatou que, após o nascimento do primogênito, foi necessário à sua mãe vir do interior onde mora para ajudá-la, mas que, com o tempo, foi se adaptando às demandas e apresentando superações. Abaixo uma passagem que ilustra este período de dificuldades:

Valter nasceu com problema de refluxo que só foi diagnosticado com um mês, então ele chorava muito. Depois começou a fazer tratamento de refluxo e ele deu uma acalmada, mas ele sempre foi muito chorão, quando era pequeno. Até uns cinco meses, chorava demais, chorava. E eu, como mãe de primeira viagem, era uma agonia. Por conta do refluxo, ele teve muita crise de sinusite, passava todo mês com uma crise. Eu entrei com a homeopatia e foi divino, pois ele melhorou muito. Nunca mais teve problema, agora sempre foi muito danado, arteiro. Menino de subir, bater a testa não sei quantas mil vezes (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

5.3.2 Os participantes e suas concepções de autonomia frente às suas práticas educativas

Alana referiu a sua concepção de autonomia como sinônimo de independência, conforme vemos na fala a seguir: "Eu acho sinônimo de ser independente, você conseguir fazer aquilo ali sozinho, sem uma ajuda, resolver, se virar". Para esta entrevistada, os pais devem se preocupar em desenvolver a autonomia desde a primeira infância dos filhos e possuem grande responsabilidade neste processo, estimulando-os cotidianamente por meio de suas práticas educativas:

Eu acho que os pais devem se preocupar desde que deixou de ser neném, quando começa a ter condições de fazer as coisas só. Você tem que botar, uma mínima coisa, tomar banho só. É ajudar dentro de casa, faça isso, faça aquilo, bote para fazer isso. Valentina já tem idade dela, ela tem as obrigações dela, levantou dia de domingo, arrume sua cama. Cadê? Já arrumou suas coisas? Bote tudo arrumadinho. Esses dias eu me surpreendi. Coloquei ela para arrumar a mala para a viagem e disse: - Ajude a mamãe. Fui dando umas coisas a ela e dizendo: - Vá colocando na mala. Eu me surpreendi, quando eu olhei a forma como ela arrumou, colocou uma em cima da outra, tudo arrumadinho, nem eu acreditei, porque, aí eu digo, se eu não colocasse para fazer, eu nunca ia saber que ela tinha essa capacidade de fazer dessa forma. A gente já tem que botar para fazer para irem criando autonomia (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Tendo discorrido a respeito da autonomia relacionada ao comportamento do adolescente, Giovani mencionou que:

Eu entendo que a autonomia é a capacidade do adolescente de se virar sozinho em tudo. Com que tem de alimento para preparar, o que tem de roupa para passar, o que tem de amizade para fazer, o que tem de ter, de conseguir andar com as próprias pernas (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Giovani afirmou também ser muito importante e um dever dos pais manterem diariamente a vigilância em relação às condutas dos filhos. Neste sentido, para ele, os pais necessitam “guiá-los” (sic) em suas atividades cotidianas, bem como “orientá-los” (sic) para serem cidadãos que reflitam sobre as suas ações e apresentem valores como o respeito ao próximo. Tal dado se evidencia quando Giovani compartilha o seguinte pensamento:

Entendo que é dever meu – de pai – e de Alana – como mãe – fiscalizar para ver se está tratando bem ou mal o colega. É dever nosso saber se está sendo respeitoso com o funcionário do prédio, da escola, daqui de casa. Observar no trato, por exemplo, se ele chegou para a secretária e disse: - *Ah, você fez uma comida que não presta.* Opa! Venha cá, calma! O que é isso? *É que eu não gostei da comida.* Ah, tudo bem! Ela trabalha para fazer comida aqui em casa e, se você não gostou, você chega para ela e diz: - Tem como fazer uma comida com alguma coisa diferente? Porque essa não me agradou muito. Não precisa ser agressivo e dizer que não gostou ou diminuir as pessoas. Não, você pode muito bem dizer que não gostou, mas não precisa ser agressivo. É dever nosso de pais direcionar e vigiar. Aí é que entra na prática o que fazer. Aí vem o que, tanto eu quanto Alana, ao vigiar, vamos descobrindo o que ele poderia fazer melhor como, por exemplo, ser responsável pelo estudo ou como está tratando as pessoas. A gente descobre formas de guiá-los, porque o jovem por si só ele extravasa em tudo, extravasa nos sentimentos pequenos. Ele extravasa quando ele está com um problemão na frente dele, minimiza também. Ele diz: - Não, isso é uma coisa pequena, eu tenho prova, eu tenho três provas amanhã pela manhã e hoje eu dou uma olhada, já estou sabendo de tudo porque assisti a aula inteira. Acha que já está sabendo de tudo, no outro dia vai e quebra a cara. Dever nosso de pais chegar antes, venha cá, você vai ter prova de quê? Estudou? Cadê os exercícios? (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Com relação às divergências de posturas existentes entre Giovani e Alana, ambos referiram que Alana adota práticas educativas mais protetoras em comparação a Giovani, e, para eles, este é um comportamento esperado, tipicamente maternal. Podemos observar nas passagens abaixo:

Porque Alana é mãe, tem aquela coisa do medo para tudo. De estar no shopping, e eles querem ir comprar um salgado e ela diz: - Peraê que eu vou lá comprar. Eu digo bota o dinheiro na mão, deixe ele ir lá comprar, *ah, mas vai lá comprar o salgado*. Mas é lá do outro lado da praça, então daqui estou olhando. Então nisso assim, eu acho que eu solto mais, tanto que eu boto Valentina e Valter para fazer. Já Alana? Ave Maria! Vai buscar Valter no sábado 7, 8, 9 horas da noite por que teve um aniversário, não sei o que, digo: - Vai voltar de táxi, tira foto! Meu Deus, ele vai tirar foto de táxi Giovani? Sim, vai tirar foto da placa do táxi quando sair de lá. Hoje em dia está indo de Uber, ela está mais tranquila, menos agoniada, ou vai de táxi e volta, mas nisso eu acho que eu dou autonomia, eu acho que ela prende mais. Eu acho que, desde pequeno, eu sempre soltei com vigilância. Eu acho que, desde pequeno, ela sempre segurou (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Eu acho que ele – Giovani – é muito mais de soltar do que eu. Acho que mãe, aquela coisa assim, protege mais, a gente acha que ele não consegue ainda. Giovani é muito mais assim de pegar e liberar os meninos. E eu fico querendo prender. Ele é de soltar e eu digo, peraê, não, olhe, é perigoso. Aí eu fico arrumando desculpas para poder segurar (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Alana afirmou ter mais receios em relação ao filho Valter adotar práticas educativas mais protetoras. Afirmou não impedir que o marido adote práticas educativas mais autorizantes que visam estimular um comportamento mais autônomo no filho, como se vislumbra a seguir:

O risco que ele vai passar eu acho que não vale a pena. Giovani já acha que eu devo deixar. Teve uma vez que o pai disse: - Hoje ele vai de ônibus. Eu disse: - Então não estou nem aqui para ver. Eu também não posso dizer a ele que ele não vá fazer, porque o filho é dele também, então a gente tem muito essa coisa assim, olha, você tem certeza? Mas olha, eu estou fora. Assim eu não presencio, entendeu? Porque isso me faz sofrer, mas eu também não digo, não vai. Ele acha que vai então. Aí ele foi com ele, desceu paro o ponto de ônibus, mostrou como era que pegava um ônibus, colocou ele dentro do ônibus, disse: - Esse ônibus vai parar. Orientou ele. Valter chegou lá e ligou para o pai: - Cheguei. Para mim mandou mensagem: - Cheguei vivo. Eu, graças a Deus, amém. Por mim não iria. Mas ele deixou Valter passar por essa experiência. Eu acho que quando a gente não dá margem, não dá espaço para o adolescente experimentar... não tem como, como é que vai ser criado assim? Não pode isso, não pode aquilo? Então limita, tem que deixar. Agora tem que deixar com segurança, porque o mundo de hoje tem muita coisa perigosa (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Pai e mãe revelam que sempre buscam adotar práticas educativas que incentivam o desenvolvimento dos filhos, mantendo uma relação de proximidade permeada por diálogo. Em relação ao filho Valter, afirmaram que este é receptivo ao

diálogo, normalmente não demonstrando resistência para seguir as regras e acordos estabelecidos:

Quando você não deixa, não pode isso, não pode aquilo, a criança não experimenta, então não sabe o que é, não sabe por que nem tem condição de fazer, então eu acho que o que dificulta é você podar, mas acho que também você pensar assim, que não tem capacidade: ah meu filho não sabe fazer isso. Às vezes sabe e você se surpreende com a forma dele fazer, porque se você não deixar você não tem como saber. Esse achar que não sabe, acho que prejudica, então tem que deixar, mas assim tudo com limite, na base da segurança (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Então assim, pode tudo, agora o que é dentro do certo e do combinado. Seu pai e sua mãe querem saber onde você está e o que você está fazendo. Raramente eles pedem alguma coisa que não pode. Ele pede para ir para qualquer lugar, pode. Mas vai com quem? Quem vai estar lá? Você sabe das coisas (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Buscamos sempre o diálogo, não tenha dúvida, o tempo todo eu tenho buscado muito isso. Mas essa de conversa não era assim, não tinha essa veia, essa visão. Alana não, ela sempre teve. Alana é uma pessoa diferenciada, ela tem essa, ela tem um pavio curto, mas ela tem essa linha de conversa, de bater papo. De conversar e é muito proveitoso, toda conversa que ela tem com Valter surte muito efeito. Eu sinto de que tudo que eu faço influencia muito no que Valter faz, ele olha muito. Talvez por essa ligação pai e mãe, mãe, pai e filho, mas o que mais surte efeito na relação com ele é o diálogo, é a conversa (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Os genitores referiram em suas falas que levam em consideração as características de personalidade de seus filhos em seus processos de educar. Nas passagens abaixo podemos identificar:

O pai e a mãe têm que dar condições, mas cabe a personalidade também de acompanhar. Então assim, cada um responde de uma forma. Não ache que porque você deu e que todos vão responder da mesma forma, não. Às vezes tem um que responde que você nem dá, ele se vira. Por exemplo, o que eu não tive. Eu, quando tinha quinze anos, não tinha essas coisas, eu nunca tive meu pai e minha mãe para me orientar, é assim, é assado, faz assim, não faz, não tive isso, mas eu me saí na vida por mim só. E ele não, a gente tem disponibilidade, mas ele ainda não responde assim da forma que eu acho que ele deve responder. Já Giovanni, diz: - Alana, não é assim, é no tempo dele, eu, quando tinha a idade dele, era assim mesmo, ainda era pior (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Ah! Você consegue enxergar o filho que você tem, se ele tem autonomia para fazer as coisas. Eu não enxergo os meus filhos com autonomia para fazer as coisas. Eu vejo os meus filhos com características diferentes. Vejo Valter que já é adolescente. [...] Ele se acha: - O assunto eu já sei. Mas quando ele vê a nota apertar, fica preocupado. Então, eu digo: - Como é interessante. É muita personalidade dele, do se achar, ele achou que já sabe, mas não é um cara de responder, não é um cara de desobedecer (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Pai e mãe enfatizaram ser importante o alto envolvimento e participação assídua na vida dos filhos. Desta forma, eles adotam estratégias que incentivam a

maior proximidade entre eles, buscando envolver todo o núcleo familiar. Entre as estratégias adotadas está o estímulo à leitura em conjunto, praticada diariamente às noites, ao deitarem para dormir. Esta ideia foi desenvolvida pelos pais visando estimular o hábito da leitura, uma vez que consideram, especialmente, o filho imaturo para assumir sozinho as suas responsabilidades com os estudos:

A gente ajuda ainda em relação ao estudo. Acho que ele ainda não tem a maturidade para perceber como é que tem que ser. Foi dado todos os recursos para ele e ele ainda não conseguiu, porque a gente já orientou e já deixou: é com você. E ele não correspondeu. Quando a gente chega junto ele corresponde mais. Detesta ler, aí o que é que a gente faz? Uma estratégia para não ficar aquela de forçar fazer a leitura. Mas como é que não vai ler? Tem que ler. Aí o que é que acontece? Chega de noite, eu ou o pai vamos para a hora da leitura. Um fica com a pequena e outro fica com ele. Então vai todo mundo junto ler, eles querendo ou não, mas tem aquela hora da leitura, que a gente aproveita e acompanha. Um estimulando o outro (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Ele só faz, se a gente fizer isso; se não fizer, ele não ler. Então, não é melhor fazer? Mas acho que falta maturidade dele de sacar que ele tem que fazer, que ele precisa, e que se não fizer ninguém vai fazer por ele. É como eu digo: meu filho se você não estudar e se não fizer dessa forma ninguém vai abrir sua cabeça, seu pai e sua mãe não têm como rachar sua cabeça e colocar conteúdo dentro, só depende de você. Então ainda falta isso, entendeu? A gente fica puxando ele para realidade o tempo todo, mostrando a ele que se não for assim não tem jeito, se não for assim você não vai atingir a média, você não vai passar de ano (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Sem ele perceber, eu faço de tudo para acompanhá-lo. Para brincar com os colegas deles, porque eu acho essa vigilância necessária. Então eu adoto isso, porque a gente já tem o corre-corre do dia-a-dia, você não fica em casa o dia-a-dia. Você já tem a própria escola que você não está na hora do recreio, você não está na hora que sai da escola. Quando eu estou em casa, eu tento, por mais que tenha o transporte para dias eventuais, eu levo ele e a irmã na escola (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Como exemplificado nas passagens acima e também observado ao longo das duas entrevistas, Alana e Giovani demonstraram utilizar constantemente estratégias de reforço e recompensa, principalmente em relação às obrigações escolares dos filhos. Estes sempre alcançaram a aprovação nos anos letivos. Na fala de Giovani, abaixo, percebemos algumas dessas estratégias quando ele disse que atendeu a um pedido do filho de viajar pela terceira vez à Disney, desta vez com os colegas em excursão, bem como a possibilidade do filho escolher para qual restaurante ir, após apresentar respostas positivas na escola:

Ele já tinha ido nos dois anos anteriores. Quando que ele foi pela primeira vez, inclusive, um ano antes a gente falando em Disney, dizendo que a gente poderia ir e ele disse: - *Peraê e faz como?* Eu respondi, se você ler uma hora todo dia, a gente vai. Aí, todo dia ele lia, de domingo a domingo, melhorou nota em tudo, português, geografia, história, na 5^a, 6^a, 7^a série. Então eu digo,

oh se você ler uma hora todo dia... Ave Maria! Aqueles livrinhos de *Ben 10* ele leu a coleção toda, leu muito. Agora mesmo, para estimular a pequena a ler, eu coloquei em cima da estante um monte de livros, e eu fiz um concurso e disse, quem chegar próximo da televisão primeiro ganha um prêmio, ela já sabe, se ela chegar na televisão, ela vai ganhar um skate que é o que ela quer; aí ela vem de noite: - Mamãe, mamãe, a leitura, aí ela pega um livro para vir ler (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Mas quando ele está com a nota baixa ou não deu muita atenção para escola ou, às vezes, foi grosso com a mãe, aí eu já não levo [*referindo-se à casa dos colegas*] e digo para ele que eu não estou levando por causa disso. Mas teve uma nota boa, pego a irmã, vamos celebrar, vamos brindar. Quer ir comer onde? Quer comer o quê? Quer fazer o quê? A gente pratica isso aqui tanto com Valentina, quanto com Valter. Cumpru a sua parte? Vale um algo a mais. Por exemplo, no ano passado eu disse: - Olha, você fechou o final do ano, não ficou final nem nada. Lembra o que eu te disse no começo do ano? Oh, você quer ir pra Disney, né? Quer ir pra Disney com o pessoal. Já tinha ido no ano anterior. Se não tiver nota vermelha nenhuma, você vai! Como o seu boletim foi tranquilo, sem nota vermelha, você vai com mérito! (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

A gente conversa muito. Então, assim, é aquela coisa, pode tudo, mas cada um tem o seu dever. Então aqui você pode fazer o que você quiser. Agora sua obrigação da semana é essa. Você tem seus estudos, tem suas tarefas. Pronto, não cumpru, perdeu o direito as outras coisas. Mas se fez, pronto. Quer fazer o quê? Ele estuda de segunda a sábado, ele tem aula, então tem as tarefas da semana, que ele tem que fazer, mas quando chega o domingo ele está liberado para fazer o que ele quiser. Ah, quer ir para casa de um colega, para praia, jogar um futebol, ele pode! Agora, assim, chegou no domingo ainda tem pendências de escola? Não vai, só vai quando acabar o que tem que fazer (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Giovani afirmou que, juntamente com Alana, busca não reproduzir o modelo que a sua mãe adotou em relação às punições físicas frequentes. Ele acredita no diálogo como uma ferramenta importante na educação dos seus filhos, exceto em determinados momentos, quando estes demonstram falta de respeito e desobediência em relação aos pais, pois são valores e princípios fundamentais desta família:

Não me furto de pegar um cinto e dá uma cintada. Por exemplo, Valentina, agora que está pequeninha, de chegar e dizer: - Venha cá, você desrespeitou sua mãe? Sua mãe está falando e você não está ouvindo não? Deve ter uns 90 dias mesmo, eu acho, que fiz isso umas duas vezes com ela (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

5.3.3 Para além do contexto familiar: relato dos pais sobre outros contextos e interações do(s) filho(s) adolescente(s)

É possível identificar nas falas de Alana e Giovani a importância que atribuem a convivência com familiares, amigos e profissionais prestadores de serviço – psicólogo, professores particulares e secretária doméstica. Observamos, nesta

família, que há certa valorização e abertura para a busca de atendimentos/acompanhamentos de profissionais prestadores de serviço, principalmente pelo pai, frente a alguma necessidade e/ou dificuldade apresentada pelo(s) filho(s). Esta observação é evidenciada em alguns momentos da entrevista com os pais e destacada na fala a seguir:

Quando Valentina nasceu, Valter ficou com ciúme, por conta da idade. Aí Aline: - Venha cá, como é que a gente faz? Vamos ver com um profissional, um psicólogo e fomos (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

[...] Em outro momento, por agora. Valter tem um raciocínio rápido, mas não está se dando bem nas matérias, e a gente sabe que ele poderia se dar bem, mas a gente não está conseguindo convencê-lo. Primeiro, tiramos tudo dele e não deu certo. Depois deixamos ele sair somente no final de semana, não deu certo. Pensamos: - A gente não está achando caminho, vamos procurar apoio psicológico para saber lidar com essa efervescência da idade (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

[...] Olha, eu não sei a solução. Alana, você não sabe a solução? Vamos buscar um profissional. Português está com deficiência. Qual o professor bom que a escola indica? O professor achou o quê? O que o senhor achou, professor? Acho que tem potencial, acho que dá para melhorar, a gente tem que seguir determinada linha. Ótimo, então vamos lá. Você está satisfeito, filho? Você está se sentindo menor por isso? Você acha que é bom para você? Está gostando? - Estou. Então beleza. Acertou com português, agora vamos ver matemática. Dentro da vigilância e com o discurso meu e da mãe e nisso eu acho que a gente tem uma combinação muito boa. Dentro da vigilância que a gente exerce, a gente tenta buscar um profissional que conheça para nos guiar (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Em relação à interação junto à família extensa, Giovani afirma valorizar os momentos junto à família e as contribuições advindas desta aproximação, elencando as pessoas que contribuem de maneira favorável para a formação do filho:

Eu entendo que os avós contribuem, os tios, eu prezo muito isso. Eu prezo muito quando eu vejo, por exemplo, Valter conversando com Divaldo - tio. Porque ele fica encantado conversando com Divaldo e eu tenho em Divaldo uma referência muito grande. Eu gosto quando vejo Valter conversando com minha sogra, eu gosto, ele tem a influência de minha sogra e meu sogro, pessoas que eu tenho referência, sabe? Eu gosto quando eu vou à minha cidade e Valter, com meu pai, minha mãe, meus irmãos, eu acho que essas referências são muito importantes, sabe? Eu acho, eu acredito muito nessas referências. E os colegas dele de escola, sim qual é o coleguinha que estuda com o quê? Eu gosto de ter perto, preservo, faço questão de chamar para sair junto sabe? (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Nesse cenário Alana também insere em sua fala as contribuições de outras pessoas no processo de desenvolvimento da autonomia do seu filho, *"eu acho que a família, o meio em que vive, os colegas, a escola na forma de educar, por exemplo, são relevantes no ganho da autonomia dele"*. Apesar de a sua família morar em outra

cidade, também elucidar a influência desses parentes, principalmente a avó, como segue abaixo:

Meus pais moram distante. Participam! Minha mãe tem uma convivência boa com eles, presente sempre, vem aqui e eles vão lá. Avó é um bicho que eu digo que estraga. Mãe e pai educam e avó deseduca. A minha mãe hoje se pudesse dava comida na boca de Valter. Valter diz: - Eu quero um suco. Aí minha mãe na mesma hora... Eu digo: - Minha mãe, ele sabe fazer. Mas ela levanta e vai fazer. Eu acho que avó não ajuda muito não para dar autonomia. Para a avó nunca cresce. Ela pergunta se ele vai sozinho para festa. Mas ela ajuda a educar. Se Valter estiver de castigo ela não tira. Ela respeita, colabora na educação. Não pode, não pode, está errado e pronto. Não é assim, fala, dá conselho (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Em relação à presença dos amigos na vida do filho, tanto o pai quanto a mãe, em suas explanações, trouxeram uma presença ativa. Ou seja, os amigos existem na vida dos filhos, no entanto tais companhias são acompanhadas diretamente por eles. Neste aspecto, seguem duas exemplificações extraídas das entrevistas:

A gente aqui faz uma coisa legal. Eu faço com que ele traga os amigos para casa. - *Ah minha mãe, eu quero dormir na casa de fulano.* Não, traga para dormir aqui, eu me desgasto toda, subo, desço, levo. - *Ah! Tem um jogo de futebol.* Giovani sempre sai, roda essa cidade toda. - *Meu pai eu preciso que o senhor pegue cinco coleguinhas.* - *Pego meu filho.* Para poder estar junto, ver com quem está convivendo. É melhor estar aqui junto com a gente do que lá fora. No início das férias, mesmo, ele disse: - *Meu pai, a gente alugou uma casa para passar quinze dias e eu queria chamar uns colegas.* Chame, um ou dois. Ele chamou sete. Pense que eu surtei dentro de casa com sete adolescentes! Mas botei dentro de casa, pois é bom que a gente já conhece com quem ele está convivendo. É trabalhoso, mas eu acho que vai valer a pena. Vai chegar uma hora que ele está criado para o mundo, está pronto para o mundo e você vai virar e dizer: - Eu fiz a minha parte. E aí seja o que Deus quiser! (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Valter se dá bem com os amigos. Não é aquele cara de liderança, mas tem personalidade própria e tem um jeito dele de achar as coisas, que acaba que você também afasta alguns. Aconteceu uma coisa interessante essa semana. Saíram, foram para uma comemoração de um futebol. De lá saíram para casa de um colega. Chegaram outros colegas e começaram a beber. Aí teve um menino que bebeu e teve coma alcoólico. Ele parou para cuidar do menino, pegou o telefone, ligou para a mãe do garoto, para o pai e eles foram buscar. Foi um guri que só acordou no outro dia dez horas da manhã. Ele teve essa responsabilidade. Depois conversamos com ele que eu e a mãe ficamos muito honrados. Primeiro porque ele fez a coisa certa, porque os dois são responsáveis pelo filho, e outra coisa é que ele teve iniciativa, é isso que diferencia as pessoas no que vão fazer. Tudo isso conversamos depois com ele (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Por fim, outra influência no desenvolvimento da autonomia de Valter que foi contemplada na fala do pai e da mãe foi a presença da secretária doméstica. Segundo eles, ela influencia o comportamento do filho dentro de casa, fazendo com que ele no dia a dia não desenvolva um comportamento de mais autonomia no ambiente

doméstico. Para o pai, a secretária doméstica "mima" muito o filho, contudo, ele também reconhece que não considera importante a participação do filho nesse tipo de atividade doméstica:

Eu não dou muita importância para autonomia doméstica. Eu quero que ele tenha autonomia de trabalho, de montar a empresa dele, de montar o negócio dele. E por que tem que arrumar casa? Arrumar a casa você consegue pagar um salário mínimo para uma pessoa. Porém, quando chega no domingo, que aqui estamos, aí a gente não tem empregada no dia não. Aí a gente já levanta: - Você vai arrumar a cama, tirar o lixo do banheiro, lavar os pratos, a gente se organiza. É que a gente possibilita a ele essa coisa do dia-a-dia, da comida, do fazer as coisas, de não arrumar a cama, até porque eu não quero ele perdendo tempo com isso. Quero que ele vá para os estudos ou vá se divertir. Porque hoje a gente tem condição de pagar uma empregada para cuidar dessas pequenas coisas. Mas, mesmo tendo empregada, se eu tiver aqui em casa almoçando, terminou de comer: - Pegue o prato (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Aline também mencionou a presença da secretária doméstica na vida da família, diferenciando a atuação desta profissional. Primeiramente, na função de babá, quando Valter era muito pequeno, mas como aos dois anos de idade ele foi inserido em uma escola integral e, posteriormente, quando a babá passou a funcionária para toda a casa.

Eu sempre tive babá. E aí depois que ele entrou no integral, comecei a sentir assim de ter uma funcionária para casa. É, porque, assim, passava o dia todo na escola, então assim, nesse horário a casa com prioridade, ele chegou, é o que Valter precisasse, ela estaria presente, entendeu? Então eu sempre tive babá assim para ter uma pessoa responsável assim, olha, tá ali de junto, pra na hora que a criança precisar tá ali entendeu? Para não deixar mexer com isso, se queimasse, se quebrar, não está se pendurando em uma coisa. Uma supervisão de que uma criança precisa, então sempre tive uma pessoa assim dentro de casa para isso (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

5.3.4 O participante frente à adolescência do(s) filho(s)

Giovani e Alana, ao discorrerem livremente sobre as suas concepções e práticas educativas junto ao filho adolescente, elucidaram sobre as particularidades em serem pai/mãe de um adolescente nos dias atuais:

A juventude é muito legal. O jovem, ele tem uma força motriz que você ver que tem utilizado para fazer coisa pra caramba, é uma coisa maravilhosa. Agora requer paciência, quando você pensa que está com toda paciência do mundo, você tem que ter mais paciência ainda (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Diante deste entendimento de Giovani, principalmente no que se refere à potencialidade do adolescente em consonância com a disponibilidade e paciência do adulto em orientar, podemos extrair o depoimento deste pai que:

Então é dever nosso de pais guiar, regular, porque o jovem, por si só, extravasa em tudo, nos sentimentos pequenos. Ele acha que é um problemão quando está com um problema na frente dele. Depois minimiza: - Não, isso é uma coisa pequena, eu tenho prova amanhã pela manhã. Ah, hoje eu dou uma olhada, estou sabendo de tudo só porque assistiu a aula inteira e acha que já está sabendo de tudo. No outro dia quebra a cara. É dever nosso de pais chegar antes: - Venha cá, você vai ter prova? Estudou? Cadê os exercícios? (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Alana faz um comparativo entre a sua experiência em ser mãe de um filho que se encontra na fase da infância e na adolescência. Ressaltou maiores preocupações quando este se torna adolescente, devido à falta de domínio dos pais neste período:

A preocupação é maior do que de um menino pequeno, porque quando é pequeno você fica doida para querer crescer. Você se preocupa, adoce toda hora, tem que deixar com uma pessoa que você de confiança para não tratar mal. Mas só em saber que é pequenininho, você coloca debaixo do braço porque você está protegendo. E quando grande você entregou para o mundo, criou e o mundo vai tomar conta ali agora, não pode criar ele só com você. Ele já está na idade que ele prefere sair com os colegas do que com a gente e isso acontece de modo geral (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Neste contexto de preocupação, a mãe entrevistada considera a influência do ambiente externo, “o mundo”, na vida dos filhos. Podemos perceber que ela enfatiza o quanto é difícil, trabalhoso e cansativo o processo de educar, principalmente na atualidade, considerando as múltiplas influências e demandas dos pais:

Acho que é mais difícil a gente educar dentro de casa e com o que eles se deparam lá fora. Você ensinar o que é certo e ele vê que o certo é minoria e o errado que é a maioria, então isso é difícil demais. E você dizer não, que o ideal é o respeito e, você conseguir passar isso para o seu filho e ele não vivenciar isso toda hora. No mundo de hoje eu acho que as pessoas não criam filhos. São muito poucos os filhos que você ver que tem pai e mãe para criar. Digo isso porque eu tenho muitos colegas de Valter adolescentes que eu convivo e vejo que tem atitudes diferentes. Você ver pai e mãe largarem os filhos de qualquer jeito, não acompanha. Educar é difícil e é trabalhoso. Tem que explicar todo dia a mesma coisa, chamar e orientar e dizer: - Meu filho, não vá por esse caminho, isso aqui está errado. É cansativo trabalhar o dia todo e ainda ter que fazer isso. A vontade que dá é dizer: - Deixa lá para poder a gente não ter o trabalho. Isso acho que é o mais difícil, mas não pode se cansar de falar e fazer com que ele conviva com pessoas que pensem pelo menos da mesma forma que você, porque aí ele vai ver que não é assim, que não é o diferente (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Preocupação quanto à segurança e o acesso facilitado às drogas são comuns para o pai e para mãe. Neste cenário, ao discorrer sobre o acompanhamento frente

às atividades do filho, Giovani narra um acontecimento que, por si só, engloba a postura adotada pelo pai e a resposta comportamental do garoto, a saber:

Procuro entender o que está passando. Por exemplo, recentemente aconteceu a gincana da escola e eles passaram a noite anterior lá arrumando as coisas. Eu fui fazer minha caminhada próximo, passei e vi um carro com mais dois ou três adolescentes que não eram da galera e que estavam preparando a gincana, mas eram conhecidos e estavam fumando maconha. Fiquei na minha, não falei nada para ele, mas vi o ambiente, vi que ele estava preparando as coisas com as meninas e meninos da gincana. Então eu acho que, particularmente, tento educar acompanhando. Meu sábado e domingo é para eles, eu não bebo, não saio. Se ele diz: - *Vou para o aniversário*, eu vou levar; se vai sair três horas da manhã, vou buscar e digo: - Pode dizer para os pais que eu vou levar. Claro que eu não vou em todos, mas eu tenho buscado fazer o máximo possível (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Por fim, outro dado que foi associado à realidade de pais e mães de filhos adolescentes, é o sentimento de insegurança pública, principalmente no que se refere à circulação dos filhos em ambientes e equipamentos urbanos, como vemos na fala de Alana:

Por exemplo, Giovani diz: - *Não minha filha, vamos ensinar ele a andar de ônibus*. Mas eu já digo: - *Poxa, andar de ônibus hoje? Você vai andar de ônibus e vai pegar esse ônibus aonde? E se esse ônibus for assaltado? Então assim, coisas que a gente passa hoje e que na época da gente a gente fazia, mas não era o mundo de hoje. Uma, pra Valter, um adolescente ir ao ponto de ônibus, ele precisa ver a roupa que está vestindo, não pode estar com celular na bolsa e nem na mão, porque está sujeito a vim um pivete e mandar tirar o sapato, roubar um celular. Esse risco ele corre de passar por isso. Será que vale a pena? Eu penso muito nisso. E se eu posso pegar meu filho, levar e pegar, porque vai andar de ônibus? Por mais que seja uma forma dele aprender a se virar, ele vai saber andar em Salvador, ele vai, mas não assim* (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

5.3.5 Discussão do caso: Família Souza

Por meio das entrevistas realizadas com Alana e Giovani a respeito de suas práticas educativas relacionadas ao desenvolvimento da autonomia de seus filhos adolescentes, podemos identificar três aspectos centrais em suas verbalizações, a saber: a transmissão de valores morais para os filhos, tais como o respeito ao próximo, a disciplina e a responsabilidade; a tendência pela adoção de práticas indutivas de diálogo, que proporcionam uma convivência permeada pelo apoio mútuo e afetividade no contexto familiar, tanto entre o casal quanto entre pais e filhos; e a ênfase à formação escolar.

Os achados encontrados na família Souza apontam para o uso de estratégias educativas indutivas para a criação dos filhos, com a presença de comunicação e suporte, regras familiares que visam à disciplina dos filhos, bem como o envolvimento na vida social do filho, como prioridades de Alan e Giovani. Sobre as habilidades positivas de Giovani para dialogar com o filho, buscando orientá-lo e apoiá-lo nas suas necessidades, Mondim (2008) explica que:

A habilidade dos pais em encontrar as necessidades de seus filhos para orientar e apoiar, intercambiando emoções positivas, pode revelar o grau de desenvolvimento de confiança e boa vontade para relacionar-se com os outros através de meios positivos (p. 234).

Portanto, os comportamentos valorizados pela família e esperados que sejam adotados pelos filhos devem ser ensinados pelos pais, visando o relacionamento parental favorável para o desenvolvimento saudável dos filhos. Na família Souza há indícios de condutas parentais consideradas positivas e protetoras do desenvolvimento. Segundo Conte, 2001 (*apud* Mondin, 2008), são condutas parentais favoráveis:

Uma condução calorosa, demonstração a aceitação do filho, a sua valorização pessoal, além do apoio às suas iniciativas, encorajamento ao desenvolvimento de competência social, frequência de interações mais positivas do que mais aversivas, expressão contínua de afeto positivo, modelos de pais apropriados que favorecem a identificação dos filhos com eles, incentivo ao desenvolvimento da autonomia, como capacidade de fazer escolhas e da autodireção, aplicação de métodos racionais e verbais de disciplina e minimização de brigas e agressões entre os familiares (p. 237).

Disso decorre que, a partir dos resultados elencados nas categorias de análise no tópico anterior, é possível perceber que Alana e Giovani buscam atingir os objetivos disciplinares traçados para Valter: além de acompanhar e orientar, implicá-lo diante das consequências do seu próprio comportamento, deixando claro o que é esperado dentro do subsistema familiar. Tal afirmativa é consoante com a explicação de Hoffman (1975) a respeito da disciplina indutiva. Para este autor, envolve práticas educativas que comunicam aos filhos o desejo dos pais de que ele modifique o seu comportamento, induzindo-o a obedecer, direcionando-o para as consequências do seu comportamento, proporcionado, com isso, uma compreensão dos seus atos.

As práticas educativas indutivas, tanto de Alana quanto de Giovani, envolvem principalmente o incentivo através da concessão de privilégios. Isso pode ser observado na verbalização de Giovani sobre permitir o filho escolher para qual

restaurante ir quando o mesmo obtém êxito nas provas, assim como pela terceira vez autorizá-lo ir à Disney com os colegas porque não teve nota vermelha no boletim.

Do mesmo modo, relataram também a adoção de estratégias coercitivas de punição, quando necessário, justificando para o filho a solicitação da mudança de comportamento. Vemos no relato de Alana que, a partir do momento que Valter não cumpre as suas obrigações escolares, perde o direito às outras coisas. Igualmente, Giovani referiu que, quando Valter não apresenta boas notas ou não emprega a atenção devida para as atividades escolares ou se for “grosseiro” com a mãe, ele fica sem a autorização para ir à casa dos colegas, explicando-lhe o motivo.

Olhando o que foi aqui brevemente narrado, podemos notar que ambos demonstram envolvimento com o filho no processo de educar e que, em vista disso, o relacionamento do pai com o filho, da mãe com o filho e da mesma forma o relacionamento conjugal é permeado pelo diálogo e respeito.

Convém mencionar também que a análise das práticas educativas desempenhadas por Alana na educação de Valter aponta para um comprometimento de Alana e Giovani no exercício dos seus papéis de pai e mãe. Isso é evidenciado nos relatos que, por sua vez, são permeados por uma preocupação com a efetividade de suas práticas vislumbrando um futuro promissor e autônomo para Valter.

Como foi dito no início desse tópico, estes pais compreendem que, é por meio do estudo a melhor forma de preparar os filhos para um futuro promissor. Tanto Giovani quanto Alana relataram acompanhar diretamente tudo o que se relaciona com a educação formal do filho, valorizando o acesso à cultura e a formação profissional. Para isto, investem na escolha da escola, em curso de idiomas e na adoção de comportamentos familiares que reforcem o estudo, como o hábito da leitura em conjunto e as premiações para quem alcançar o melhor resultado.

De modo geral, a partir dos dados extraídos nas duas entrevistas, Alana e Giovani apresentam pensamentos convergentes quanto à qualidade na relação conjugal, e isso provavelmente reflete em suas práticas educativas. A partir dos dados apresentados na primeira categoria de análise, tivemos acesso a alguns períodos da relação deles. Vimos que Alana se sobrecarregou quanto aos cuidados com os filhos, devido ao fato de Giovani trabalhar fora de Salvador em regime de plantão, potencializado pelo padrão de relação que ele mantém com a sua família de origem, de muita proximidade, subtraindo a possibilidade dos quatro estarem na convivência familiar com mais frequência.

Todavia, recentemente, algumas mudanças nos papéis e organização na família Souza, porém passaram a ocorrer. Com a proximidade do nascimento do terceiro filho do casal e após a aposentadoria de Giovani, ultimamente ele passou a acompanhar mais diretamente os filhos em suas rotinas e adotar mais diálogo com os filhos. De acordo com Berthoud (1997), a chegada de um novo membro na família é uma das razões que provoca a necessidade de revisão nos papéis e funções de cada membro da família, fazendo com que desejos e expectativas sejam confrontados com a realidade vivida.

Por conta disso, verificamos a grande interferência e participação de membros da família extensa na vida dos filhos – os avós e o irmão mais velho de Giovani. Além disso, foi visto a preocupação em transmitir às suas crianças os valores da família e de estimular a convivência delas com a família de origem paterna. Diante de tais colocações, é importante considerar a concepção apresentada por Petrini *et al* (2007 *apud* MOREIRA; RABINOVICH, 2015) ao afirmarem que a família deve ser concebida como um bem relacional importante e lugar no qual se dá o aprendizado de valores que favorecem as relações humanas.

Também foi possível observar a necessidade de Giovani em corresponder às expectativas e responder com obediência em relação aos seus pais, enfatizando principalmente a relação de maior proximidade, alta legitimação e respeito que mantém especialmente com o seu pai. Este aspecto, inclusive, pode justificar a ênfase dada por Giovani à importância atribuída a família na condução do processo educativo dos filhos.

Apresentando um posicionamento diferente de Giovani, no que diz respeito ao padrão de relação estabelecido entre Alana e a sua família de origem, marcado por um maior distanciamento e menor comunicação entre os membros, podemos inferir que Alana estabelece uma relação com fronteiras mais rígidas com a sua família de origem, ou seja, mais restritivas, cujos limites provocam distanciamento e promovem autonomia, crescimento e desenvolvimento de recursos próprios (MINUCHIN, 1982), com relações mais desligadas entre ela e seus pais. Alana assegura que: “Quando eu tinha quinze anos não tinha essas coisas, eu nunca tive meu pai e minha mãe para me orientar, é assim, é assado, faz assim, não faz, não tive isso, mas eu me safei na vida por mim só”.

Verificamos a disponibilidade dos dois em acompanhar o filho em suas atividades, revelando maior disponibilidade e amadurecimento de Giovani, ultimamente, frente à participação na vida dos filhos. Embora Alana tenha assumido

que, de modo geral, adote práticas educativas mais superprotetoras, em relação ao esposo, por ter alguns receios com a falta de segurança, este dado parece não comprometer a boa comunicação e respeito quanto às decisões que cada um dos genitores toma em relação ao filho.

No que tange às questões advindas da fase de adolescência do filho, constatamos que Giovani adota estratégias de monitoramento em relação a Valter. Ele ressalta que, nesse período da vida, é necessária maior vigilância dos pais, e, para isso, não se abstém em participar do cotidiano dos filhos, inclusive ficar disponível para levar e buscar nas atividades sociais.

Alana, por sua vez, apesar de mencionar um contexto de insegurança social, se remeteu como diferencial da fase, o comportamento apresentado de modo geral pelos adolescentes: o de deixarem o estudo em um segundo plano, exigindo dos pais um maior controle. Especificamente citou também a preferência dos jovens por estar na companhia dos amigos.

Em meio a estes aspectos, a entrevistada também associou os traços de personalidade do filho com as demandas da adolescência, ponderando que Valter é um adolescente colaborativo e de fácil convivência, demonstrando obediência aos pais e que, portanto, não há uma rebeldia típica do adolescente.

Diante do que foi observado nas entrevistas, pai e mãe integram aspectos comportamentais e afetivos envolvidos na educação do filho. Os seus aspectos comportamentais se aproximam do estilo autoritativo ou autorizante, conforme classificação apresentada por Baumrind (1966). Eles mostraram-se flexíveis e abertos ao diálogo, trocas e negociações de acordos e regras no processo educativo do filho, que, segundo esta autora, estimula condutas maduras e à análise das consequências de seus atos. Desta forma, há promoção de valores positivos, permeado pelo alto envolvimento, controle e apoio parental, com limites e regras claras, comunicação aberta entre filhos e pais. Logo, podemos depreender que incentivam a autonomia, independência e a individualidade dos filhos.

5.4 DISCUSSÃO GERAL

Este subcapítulo entabula uma discussão geral a partir dos resultados referenciados nas análises individuais de cada caso apresentado, os quais compõem as três famílias em estudo: Família Silva, Família Santos e Família Souza. Assim, fechamos os objetivos de pesquisa que vêm sendo respondidos ao longo deste estudo de casos múltiplos.

As entrevistas possibilitaram acessar as práticas relatadas pelos pais e mães entrevistados, seus valores e crenças acerca da vinculação, e, conseqüentemente, do processo educativo dos seus filhos. Os valores e crenças acerca da vinculação dos pais norteiam as práticas educativas parentais, “que dizem respeito a como os pais monitoram, controlam e socializam seus filhos” (SAMPAIO, 2007). De acordo com Macarini *et al* (2010), as crenças dos pais a respeito da educação dos filhos constituem uma possibilidade de compreender o comportamento parental. Isso torna possível o acesso aos diferentes modelos culturais, proporcionando, assim, avanços no entendimento das relações mútuas estabelecidas entre a cultura e o indivíduo.

Desta maneira, a análise dos dados permite identificar particularidades existentes em cada uma dessas famílias. Os seis participantes demonstram um alto envolvimento no cuidado com os seus filhos, visando à formação de sujeitos autônomos. No entanto, os três casais diferem entre si em relação às suas dinâmicas familiares e à transmissão de valores, as quais, segundo Macedo; Kublikowski; Berthoud (2006) remetem à questão dos estilos parentais adotados ou ao conjunto de práticas utilizadas para cumprir esta finalidade.

De modo equivalente, observamos diferenças nas práticas educativas adotadas entre pais e mães no interior das famílias. Isso evidencia as particularidades das suas compreensões acerca das práticas educativas relacionadas ao desenvolvimento da autonomia de seus filhos.

Abarcando a posição de Minuchin; Fishman (1990) sobre família, os dados encontrados nesse estudo reafirmam a premissa da perspectiva sistêmica de que a família é um grupo natural que busca desenvolver os seus próprios padrões de interação, que tanto constituem a estrutura familiar quanto governa o funcionamento dos seus membros, delineando sua gama de comportamento e facilitando sua convivência.

Quanto às concepções de autonomia dos participantes, constatamos que estas foram definidas a partir de ideias como: se resolverem sozinhos, poder de decisão, serem donos do próprio destino – auto direção –, serem independentes. Estas ideias aparecem nas falas de cada participante que compartilharam o seguinte pensamento a respeito da autonomia relacionada às suas práticas educativas direcionadas aos seus filhos adolescentes:

Quadro 2: Os participantes e suas concepções de autonomia. O desenvolvimento da autonomia na educação de filhos adolescentes: um estudo em famílias de camada média urbana. Salvador, 2017.

FAMÍLIA	NOME	CONCEPÇÕES DE AUTONOMIA
Silva	Karla	É Maria saber no momento o que é o melhor para ela. Ela fazer as coisas sem precisar de muita ajuda, de muita permissão, saber até onde ela pode ir e até onde ela não pode ir.
	Rodrigo	Autonomia é deixar que eles resolvam algumas coisas que eles precisem e que eles tenham condição de resolver sozinho, lógico que dentro de um grau de complexidade considerando a idade deles. Eu penso isso e acredito que Karla também. Tudo o que eles puderem resolver por conta própria eles devem resolver, não tem que a gente resolver para eles. Se eles acharem que não vão dar conta porque é alguma coisa em um grau de complexidade maior, aí falam com a gente.
Santos	Rosa	Eu acho que desde que eles nascem, porque querendo ou não, a partir do momento que eles já nascem você quer que eles trilhem aquele caminho sozinhos. Você fazer por si. O caminhar, o andar, o comer, isso é autonomia. Chupar um bico sozinho é uma questão de autonomia, você ensina e eles têm que correr atrás para continuar, traçarem os caminhos dele.
	Márcio	Eu sempre me preocupei com isso, com eles se resolverem sozinhos. A autonomia, eu penso muito assim, em rua, andar sozinho, frequentar a casa de colegas, isso tudo. Autonomia é uma coisa bem ampla. Eu sou totalmente a favor que a pessoa pense e aja por ela mesma, mesmo que erre.
Souza	Alana	Eu acho que os pais devem se preocupar desde que deixou de ser neném, quando começa a ter condições de fazer as coisas só. Você tem que botar, uma mínima coisa, tomar banho só. É ajudar dentro de casa, faça isso, faça aquilo, bote para fazer isso. A gente já tem que colocar para fazer, para ir criando autonomia.
	Giovani	Eu entendo que a autonomia é a capacidade do adolescente de se virar sozinho em tudo. Com que tem de alimento para preparar, o que tem de roupa para passar, o que tem de amizade para fazer, o que tem de ter, de conseguir andar com as próprias pernas.

Além disso, identificamos que todos os seis entrevistados compreendem a autonomia como um processo contínuo e que ocorre desde a infância dos filhos. Destacamos as falas de Rosa e Alana respectivamente:

Eu acho que, desde que eles nascem, porque querendo ou não, a partir do momento que eles já nascem, você quer que eles trilhem aquele caminho sozinhos. Você fazer por si. O caminhar, o andar, o comer, isso é autonomia. Chupar um bico sozinho é uma questão de autonomia, você ensina e eles têm que correr atrás para continuar, traçarem os caminhos dele (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Eu acho que, desde cedo, desde que deixou de ser a neném, que começa a ter condições de fazer as coisas só. Você tem que botar, uma mínima coisa, tomar banho só. É ajudar dentro de casa, faça isso, faça aquilo (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Os dados obtidos nas entrevistas são consonantes com a literatura que correlaciona o conceito da autonomia como um processo ativo, que ocorre de maneira gradual, iniciado desde o princípio de nossa existência e que perdura por todo o processo de desenvolvimento do indivíduo (REICHERT; WAGNER, 2007). Segundo Teixeira; Lopes; Guimarães (2014) trata-se de um fenômeno orientado pelos pais, em que o grande desafio do sujeito envolve o desejo de ser autônomo e, ao mesmo tempo, o de preservar a ligação com a família e a sociedade. Estas autoras também chamam atenção para as variáveis internas e externas que influenciam no processo de desenvolvimento da autonomia em jovens adolescentes – a autoridade dos pais, a autoestima do filho, a estrutura e comunicação familiar, o ambiente emocional familiar e a percepção do sujeito em desenvolvimento sobre o contexto em que está inserido.

Nesse quesito, de forma unânime, foi identificado que os entrevistados já discutiram em seus cotidianos, de maneira indireta, sobre esta temática relacionada aos filhos, nas mediações de suas práticas educativas e diálogos entre os casais quanto à educação ofertada. Ainda, mesmo quando os pais e mães entrevistados consideraram a autonomia como um processo natural ao próprio crescimento, se remeteram ao alcance de suas práticas e estilos parentais adotados como favoráveis ou desfavoráveis ao desenvolvimento desta habilidade em seus filhos adolescentes.

A perspectiva acima é ilustrada nas falas dos entrevistados Rosa e Rodrigo, respectivamente, os quais reconheceram que algumas de suas práticas educativas podem não favorecer a autonomia dos filhos:

Lógico que eu quero que eles sejam independentes, mas eu não quero que, para criar essa independência, eles passem pelo que eu passei. Então eu acho que eu peço nisso aí, posso estar pecando. Eu posso não estar dando a base para formar para que eles tenham uma autonomia lá na frente, mas, independentemente daquilo que eu estou dando aqui, muita coisa é a vida, eles precisam somente abrir os olhos para isso (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Agora, a autonomia doméstica, isso a gente não desenvolve aqui, nem eu nem Karla e eu acho que nisso a gente negligencia muito (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Considerando os conteúdos das seis entrevistas realizadas, vemos que as concepções de autonomia dos pais e mães estão relacionadas às suas crenças a respeito do processo de educar. Estas crenças abarcam: as diferentes nuances do desenvolvimento de cada filho, mediante as expectativas destes pais e destas mães, quanto a trajetória dos filhos e a visão que têm sobre eles; as questões da conjugalidade; a história de vida anterior ao casamento; aspectos relacionados à situação socioeconômica da família; e a influência de outros contextos de interação dos seus filhos, por meio da vida em sociedade, dentro de uma compreensão sistêmica, e, portanto, relacional.

Tais conduções sobre o processo de educar refletem a própria construção dos participantes em relação ao exercício dos papéis de pai e mãe. Com isso, acabam experienciando a parentalidade com os filhos, em um processo vivido relacionalmente, visto que é no dia a dia que constroem e desconstroem os significados, atitudes e dimensões do que é ser pai ou mãe na contemporaneidade. Neste universo, homens e mulheres são diariamente convidados a revisar seus lugares como atores sociais no exercício parental. A despeito disso, Coelho (2005) discorre que:

O estudo da parentalidade, isto é, do fenômeno de geração e educação dos filhos implica considerar níveis diferentes do fenômeno, em relação às experiências subjetivas do homem e da mulher e as regras de relação entre eles, ao assumirem as funções e papéis de pais e de mães, nos diferentes contextos sociais e culturais. As histórias destes atores, como parte do grupo a que pertence – família, classe social, gênero e etnia – constituem a narrativa que fazem de si, nas duas dimensões, da paternidade e da maternidade. Ser mãe ou pai são facetas da identidade pessoal, social e psicossocial, construídas no exercício da paternidade e da maternidade, nas interações sociais (COELHO, 2005, p. 211).

Em face do exposto, é primordial dizer que qualquer estudo voltado para as práticas educativas parentais em famílias nucleares deve considerar desde os aspectos subjetivos dos indivíduos, os quais, conforme Sarti (1999, p. 101), “reagem singularmente às relações internas e que trazem à convivência cotidiana a experiência também singular com o mundo exterior”, até dimensões mais complexas relacionadas aos contextos sociais e culturais mais amplos de interação.

Neste sentido, Scabini (1992 *apud* Pratta; Santos, 2007) aponta para a família como um sistema dentro de um outro sistema maior – o sistema social –, sofrendo influências constantes deste, além de influenciá-lo também. Assim, constitui-se como

uma organização complexa de relações entre os seus membros, que tem por finalidade organizar, produzir e dar forma a essas relações (SUDBRACK, 2001).

De forma equivalente, Donati (2008, p. 65-66) aponta que toda a compreensão acerca do sistema familiar deve abarcar a família como uma relação social – portanto não meramente biológica ou psicológica –, dotada de características próprias, em que consiste num entrelaçamento de elementos objetivos e subjetivos, que “pode ser realizada só pelas pessoas, mas precede e vai além das pessoas, atendendo às necessidades mais fundamentais, quer da pessoa quer da sociedade”. Assim, considerando a complexidade das relações familiares, a família caracteriza-se a partir da natureza das relações estabelecidas entre os seus membros, isto é, a maneira como interagem entre si e como se encontram vinculados nos diferentes papéis e subsistemas familiares (MINUCHIN, 1982; MINUCHIN, *et al*, 2008; NICHOLS; SCHWARTZ, 1998).

Neste estudo, no que tangem às relações estabelecidas dentro do subsistema parental, podemos observar que, em todas as três famílias, tanto a figura paterna quanto a materna ocupam uma posição hierárquica diante dos filhos e são centrais nas tomadas de decisões. Mesmo quando um deles não está no acompanhamento direto do adolescente, as situações mais centrais que envolvem os filhos são discutidas e decididas pelo casal. Este dado se afina com o que Colapinto; Minuchin (1999) referem:

Os padrões que organizam a hierarquia do poder aparecem em toda família. Eles definem os caminhos que a família utiliza para tomar decisões e controlar o comportamento de seus membros. Os padrões de autoridade são aspectos particularmente importantes da organização familiar. Esses padrões carregam o potencial para a harmonia e o conflito e estão sujeitos a ser desafiados à medida que os membros da família crescem e se modificam. Padrões de autoridade claros e flexíveis tendem a funcionar bem. Outras famílias, no entanto, têm padrões menos funcionais para chegar às decisões e poucas habilidades para resolver suas diferenças (COLAPINTO; MINUCHIN, p. 23-24).

Abordando esta questão com uma maior amplitude, Bronfenbrenner (1979/1996) postula três características que se estabelecem nas relações dentro da família: a reciprocidade, o equilíbrio de poder e o afeto. Estas três características foram evidenciadas nas dinâmicas familiares relatadas pelos seis participantes. Eles, por sua vez, por meio de suas práticas educativas, sinalizaram que, como em qualquer relação, o que uma pessoa faz dentro de um sistema influencia a outra, e vice-versa, caracterizando assim o que o autor supracitado denomina de reciprocidade. Vale

ressaltar que, pelo fato do sistema familiar ser uma organização complexa, e considerando a reciprocidade das relações, é esperado que um dos participantes seja mais influente do que o outro.

Quanto à reciprocidade, na Família Silva, Karla demonstrou exercer maior influência na dinâmica familiar, especialmente no que se refere à educação dos filhos, com a predominância de práticas educativas mais permissivas. Quando mais isto ocorre mais Rodrigo tende a recorrer às práticas educativas que regulam o comportamento dos filhos e vice-versa. Tal dado aparece claramente no discurso de Karla quando verbaliza: “as vezes eu paro para pensar que, talvez, Rodrigo fosse um pai mais para a frente se não fosse eu [...]. Às vezes, eu penso que ele põe mais freio porque ele tem que frear os três (risos). Talvez ele fosse mais permissivo se não fosse eu”.

Da mesma maneira, na Família Santos, os receios de Rosa em relação aos riscos que o filho corre no âmbito externo ao da casa, em decorrência da vulnerabilidade do contexto social urbano, refletem em uma falta de flexibilização das suas atitudes, as quais são questionadas tanto pelo esposo Márcio quanto pelo filho Luís, conforme vimos nas falas trazidas por ambos os genitores. Os aspectos rígidos e autoritários da educação de Rosa influenciam em toda a dinâmica familiar, pois envolvem um conjunto de práticas que postergam as vivências de novos desafios e demandas que são próprias da adolescência. Tais práticas educativas possivelmente contribuem, por exemplo, para o filho Luís ser mais imaturo, quando comparado aos seus colegas da escola, conforme fala do genitor. A postura de Rosa, por sua vez, repercute nas ações do seu esposo Márcio que, em determinados momentos, faz aliança com o filho buscando favorecê-lo viver determinadas experiências que a esposa não permitiria. A fala do participante Márcio evidencia tal aspecto:

Aí Rosa quer pegar Lucas e eu.... Não é mentira, mas eu digo a ele, nós temos que fazer aqui entre a gente e depois levar para sua mãe. Não é mentira, porque senão sua mãe vai logo... Foi como foi o dia do metrô, por exemplo, que fizemos aquilo e eu disse a ele que a mãe dele iria saber de tudo. Tanto é que, quando Rosa soube, ela: - Ai meu Deus! (ENTREVISTA, MARCIO, 2016).

Em relação à Família Souza, Alana descreveu que há, atualmente, maior alinhamento entre o casal no acompanhamento da rotina dos filhos, com mais diálogo e participação de Giovani. Vale ressaltar que a reciprocidade, de acordo com Aun (2007), tem em si o diálogo como o elemento mais importante e não diz respeito apenas ao relacionamento das pessoas entre si, mas ao seu comportamento, à sua atitude uma

com a outra. Contudo, ainda que a reciprocidade pressuponha a interdependência, essa abertura passou a ocorrer com maior frequência após a recente aposentadoria de Giovani e atual gestação do terceiro filho do casal, visto que anteriormente Alana era quem detinha uma maior influência diária na dinâmica familiar.

As características apontadas acima ocorrem com naturalidade no decorrer do processo educativo. Sobre isso, Bronfenbrenner (1979/1996) considera que, numa relação, a extensão em que um é mais influente do que o outro – e esta condição é saudável e confortavelmente aceita – é definida como equilíbrio de poder. Ou seja, este autor refere que a participação da criança em uma díade oferece a oportunidade de aprender a lidar com relações de poder, sendo que uma situação favorável para o desenvolvimento da pessoa é aquela em que o equilíbrio de poder gradualmente se alterar em favor da pessoa em desenvolvimento.

Nesta perspectiva, pensando nas vivências dos adolescentes referenciados neste estudo, é salutar dizer que, com o desenvolvimento dos filhos, cada vez mais os pais naturalmente vão assumindo outra posição. Isso é decorrente, entre outros aspectos, das influências que são marcantes no período da adolescência e necessárias para o estabelecimento da identidade do indivíduo, bem como do seu crescente ganho de autonomia. Assim, esta fase é assinalada, também, pelo confronto da autoridade parental, havendo um desafio entre controle e equilíbrio imersos em mudanças de valores. Os pares e grupos de iguais ganham, nesse momento, um sentido de unidade na medida em que o adolescente se afasta dos vínculos afetivos familiares, repercutindo numa sensação de fragmentação de sua identidade (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; TEIXEIRA; LOPES; GUIMARÃES, 2014; CERVENY, 1997, 2002; ROUSSET, 2009).

Além de reciprocidade e equilíbrio de poder, a outra característica apontada anteriormente – e que desempenha papel fundamental para o desenvolvimento – é o afeto. Os processos evolutivos tendem a ocorrer de forma mais adaptada quando as relações dentro de uma díade são mais positivas e com maior afetividade (BRONFENBRENNER, 1979/1996).

Reichert (2011) corrobora com o pensamento acima ao considerar que o equilíbrio entre as dimensões autonomia e apego também ocorre no processo de aprendizagem que se estabelece entre pais e filhos, sendo o comportamento dos pais um importante parâmetro para os jovens no aprendizado de habilidades sociais e

individuais. Desta forma, a qualidade das relações, desde a infância, é primordial para o processo de diferenciação mais intensamente vivido na etapa da adolescência.

Neste aspecto, todos os seis entrevistados demonstraram adotar práticas educativas em conjunto com vivências afetivas positivas com os filhos. Mesmo quando discordam de um determinado comportamento, atitude e/ou impõe medidas restritivas, eles os fazem visando uma maior proteção. Inclusive, na percepção de seus cônjuges, os excessos cometidos por estas mães ou pais durante o ato de educar são encarados como demonstração de afeto e cuidado. Dentre as falas trazidas pelos entrevistados a elegida para evidenciar tal inferência é a de Giovani:

É, porque Alana é mãe, tem aquela coisa do medo para tudo. De estar no shopping, vai comprar um salgado: - Peraê que eu vou lá comprar. Eu digo: - bota o dinheiro na mão, deixe ele lá ir comprar. Ela diz: - Mas vai lá comprar o salgado? Mas é lá do outro lado da praça (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Além disso, considerando os estilos parentais e a divisão de funções de pais e mães na educação dos filhos adolescentes, identificamos que apenas na Família Santos os progenitores apontam divergências mais rígidas em suas práticas: Márcio se aproxima do estilo parental autorizante e Rosa do estilo parental autoritário. Esta demonstrou a falta de um padrão de educação que integre práticas coerentes e uniformes, haja vista também a sua dificuldade em lidar com as novas exigências do filho adolescente e por recorrer aos parâmetros vivenciados por ela na adolescência.

Quanto a isso, Pratta; Santos (2007) acrescentam que, no momento que o adulto, agora pai ou mãe, vê-se envolvido com o processo educativo dos filhos, esses valores podem entrar em choque, o que leva tais indivíduos a se perceberem destituídos de um referencial para seguir. Muitas vezes se mostram contraditórios na educação dos filhos, resultando em práticas educacionais inconsistentes que influenciam no desenvolvimento destes.

Durante a entrevista, Rosa também afirmou ter receio do filho ganhar autonomia por medo de perdê-lo. Segundo Preto (1995), a tarefa da adolescência desencadeia sentimentos de perda e medo de abandono na maioria das famílias: na medida em que os adolescentes fortalecem suas alianças fora de casa, sua participação em casa é reduzida.

A narrativa de Rosa evidencia tais inferências:

Katharine, para mim eu acho que depois dos 18 anos, como eu tive acesso às coisas depois dessa idade. Eu procuro dar educação a eles parecida com

a educação que eu tive. Por que eu falo parecida? Porque hoje eu não posso usar as mesmas armas, digamos assim, que meus pais utilizaram comigo, porque é diferente, hoje tudo se transforma. Às vezes, acho que eu sou dura demais, às vezes maleável demais, então realmente eu não sei se estou no caminho certo (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Nesta perspectiva, apontamos neste estudo para uma associação entre o estilo parental materno e comportamentos mais autônomos dos filhos. Karla apresentou uma postura de legitimar as competências dos filhos e de elevar a autoestima deles. Para tanto, ela adota práticas educativas indutivas permeadas pelo diálogo e incentivo. Afirmou que não superprotege os filhos, apresentando um discurso que se aproxima do estilo autorizante.

Os resultados encontrados na família Silva apontam para um clima parental favorável para o desenvolvimento da autonomia dos filhos. De acordo com Marinho (2001 *apud* Mondin, 2008), um dos pontos básicos no processo de educação dos filhos refere-se ao desenvolvimento da autoestima, sendo esta compreendida pela autora como a maneira pela qual uma pessoa se sente em relação a si mesma, estando a autoestima e o afeto familiar intimamente interligados.

Dentre os adolescentes referenciados pelos participantes das três famílias estudadas, os da família Silva foram os que mais apontaram para comportamentos autônomos, inclusive assumindo sozinhos as suas obrigações escolares. Por exemplo, a mãe referiu que a filha Maria decide sozinha estudar menos no período da gincana, uma vez que, por iniciativa dela, buscou tirar melhores notas em unidades anteriores.

A ideia supracitada aparece nas falas de Karla que compartilha os seguintes pensamentos:

É Maria saber no momento o que é o melhor para ela. Ela fazer as coisas sem precisar de muita ajuda, de muita permissão, saber até onde ela pode ir e até onde ela não pode ir. Por exemplo, ela vira para mim e diz: - Mãe, eu vou para, você pode me levar? - Levo, eu levo. Se ela dali quiser ir sozinha no Mcdonalds, se ela precisar cumprir uma tarefa não sei aonde, pegar um táxi, tal e tal, ela tem autonomia para isso. Ela tem cartão de crédito que eu já dei. Os dois têm cartão de crédito. Mas é muito interessante, o cartão é dependente do meu e o limite quem coloca sou eu, quem deu foi eu. (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

[...] Tudo que ela pensava em se meter eu dizia, vá, vá porque é uma experiência (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

As viagens, a escola, tudo, tudo que ela quis se meter. – Mãe, eu quero participar da feira de cultura, você me ajuda? Eu tenho que montar o estande. Vamos montar a estande. - Mãe eu quero fazer a expo ciência e eu escolhi um tema que é diabetes, é da sua área, você consegue para mim folhetos informativos, você consegue patrocínio com representante de laboratórios?

Bora, Bora, consegue, consegue, consegue, entendeu? Eu sempre estimei (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Os comportamentos autônomos dos filhos Maria e Pedro foram explicitados nas falas de Karla e Rodrigo. Dentre elas destacamos:

Com relação ao estudo, eles são muito autônomos. Raramente pedem a gente para ajudar. Às vezes pedem, mas eles cumprem os horários deles de estudo, fazem as atividades escolares, administram as obrigações de escola (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Porque eles são felizes, eles são cobrados. Se questione se seu filho for infeliz. Mas se ele está feliz e ele é muito cobrado, continue cobrando [...] O caminho é esse mesmo, deixa eles se sentirem cobrados, vão ser a vida toda, vão ter chefe, vão ter patrão. Se eles não cumprissem, eu mudaria. Ia me machucar um pouquinho, mas eu mudaria. Por exemplo, a nota vai vir mais baixa agora e isso ela me avisou: - *Mãe, as minhas notas vão vir mais baixas.* Mas o que ela fez: na primeira unidade ela tirou notas, ela já faz prevenção, e tira notas bem altas. Chega na gincana, as notas caem. Na terceira unidade, ela tem um ótimo desempenho de novo, ela tem esse grau de organização que é difícil o adolescente ter (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Em relação aos comportamentos de Rosa, esta apresentou contradições entre desejar e ao mesmo tempo recear a autonomia dos filhos, por medo de perdê-los futuramente. Com isso, assumiu superprotegê-los, demonstrou rigidez e aspectos autoritários, se aproximando do estilo parental autoritário. Apresentou dificuldades em flexibilizar exigências impressas anteriormente.

Teixeira; Lopes; Guimaraes (2014) sinalizam que é necessário que pais e mães revisem a herança familiar e introduzam mudanças ligadas à autoridade, ao estilo de vida e à disciplina adotada, com novos arranjos firmados entre pais e filhos. Desta forma, vai-se garantindo o pertencimento e a herança significativa que instrumentalizam o jovem a ampliar seus horizontes e a experimentar circunstâncias que gerem nele um grau mais elevado de independência.

Como uma das possíveis consequências de tais condutas adotadas por Rosa, o filho Luís apresenta baixa maturidade emocional, de acordo com os genitores. Inclusive, quando comparado aos colegas de escola, ele tem dificuldades na vida escolar ao longo de toda a vida e comportamentos rebeldes, ainda segundo falas dos pais. Com relação a tais comportamentos, Bowen (1991) sinaliza que quanto maior o alto nível de reatividade, menor a maturidade emocional.

As narrativas de Rosa evidenciam tal inferência:

Eu acho que neste quesito eu falho mais do que Márcio porque superprotejo. A superproteção pode dificultar a busca por autonomia porque eles podem ficar mais acomodados (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

A relação é: eu vou nas dificuldades. Como eu não quero que eles tenham as mesmas dificuldades que eu passei, eu superprotejo eles. Eu dou ferramentas para eles procurarem isso mais lá na frente (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

É como se a gente – pais – não quisesse. No fundo a gente quer dar autonomia, mas no fundo tem medo de perder – os filhos –, de ficar sozinha, a solidão. Eles vão ganhar o mundo e, querendo ou não, vai ficar somente eu e ele – Márcio. Então, neste sentido, eu fico mais presa a isso e Márcio quer que eles ganhem o mundo, que eles enfrentem sozinhos (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Lógico que eu quero que eles sejam independentes, mas eu não quero que para criar essa independência eles passem pelo que eu passei. Então, eu acho que eu peço até nisso aí, posso estar pecando. Eu posso não estar dando a base para formar para que eles tenham uma autonomia lá na frente, mas, independentemente daquilo que eu estou dando aqui, muita coisa é a vida, eles precisam somente abrir os olhos para isso (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Abaixo, destacamos verbalizações de Rosa e Márcio em relação aos comportamentos de baixa maturidade do filho Luís:

Ele acha que a gente prende demais, que não confia nele [...] Eu enxergo ele como um adolescente e enxergo ele como uma criança, porque ele acha que tem maturidade, mas eu vejo que ele não tem maturidade (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Eu acho que, para a gente fazer algumas coisas, você precisa ser maduro, ser responsável, saber que ali você está pensando a acontecer várias coisas. Você precisa saber lidar com as situações e ele não sabe nada disso ainda. É completamente imaturo, ele é uma criança, um adolescente (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Eu tenho Lucas com 16 anos que é um menino que não vai na rua só. Não vai porque dias de hoje é difícil soltar uma criança na rua (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

Em relação às práticas educativas apresentadas por Alana, esta demonstrou se aproximar do estilo parental autorizante, com comportamentos de negociação/troca, com o uso da disciplina positiva, estabelecimento de regras e supervisão constante. Eventualmente demonstrou também ser necessária a aplicação de alguma estratégia para a redução dos comportamentos do filho Valter, por exemplo, se o mesmo não se responsabilizar com os estudos, perde o direito de escolher as suas atividades aos finais de semana.

As verbalizações de Alana que melhor evidenciam tal inferência:

Mas no dia-a-dia a sempre procura fazer isso aí, tipo: ah o que é colocar um filho para se virar só, claro. Fazer as coisas, assim, eu acho que ele muito mais do que eu. Acho que mãe, aquela coisa assim, protege mais. A gente acha que ele não consegue ainda. Giovani é muito mais assim, de pegar e liberar os meninos (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Eu acho que dificulta o ganho de autonomia quando você poda. Quando você não deixa, não pode isso, não pode aquilo, a criança não experimenta. Então não sabe o que é, não sabe que nem tem condição de fazer. Acho que também você pensar assim, que não tem capacidade não ajuda: - Ah meu filho não sabe fazer isso. Às vezes sabe e você se surpreende com a forma dele fazer. Porque se você não deixa, então, você não tem como saber. Esse achar que não sabe, acho que prejudica. Tem que deixar, mas assim, tudo com limite, na base da segurança (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Verbalizações de Alana e Giovani em relação aos comportamentos do filho:

Tem horas que eu digo, não é assim. Aí ele para, ouve. Ele não é criado como aquele menino que não sabe fazer nada, que tem medo de tudo (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Ele é bem responsável. Na viagem para a Disney, em excursão, quando ele dormia ele pegava e arrumava as coisas dele toda, deixava pronto para outro dia de manhã. Na hora que dissessem assim: vai sair. Ele já estava pronto. Depois a gente conversando com ele, perguntamos: E aí Valter, como é que era? - *Os meninos deixavam tudo desarrumado. E você? Deixava tudo arrumadinho. O último a tomar banho era sempre eu porque eles ficavam perdendo tempo procurando sapato, camisa, não sei o que. Eu esperava tomarem banho. Quando terminavam, aí eu tomava, ficava pronto e tinha gente se aprontando ainda.* Eu disse: que legal (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Conversar é muito proveitoso. Toda conversa que ela – mãe - tem com Valter, surte muito efeito. Eu sinto que tudo que eu faço influencia muito no que Valter faz. Ele olha muito. Talvez por essa ligação pai e mãe e filho. E o que mais surte efeito na relação com ele é o diálogo, é a conversa (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Eu acho que ele tem autonomia compatível à idade dele. Por exemplo, o que ele faz no dia-a-dia. Vai pra escola, vai almoçar, volta, pega táxi, e não é mais solto ainda porque Aline segura mais, se ela soltasse, se deixasse eu soltaria mais ainda (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Diante da relevância da qualidade dos processos educativos parentais impetrados como fatores que norteiam o desenvolvimento da autonomia desde a infância, vale discutir o papel parental na contemporaneidade, tomando como ponto de partida a realidade apresentada pelos participantes deste estudo de casos múltiplos. Assim, podemos pensar numa possível correlação entre a qualidade das relações conjugais e a influência sobre o desenvolvimento de padrões de cuidado dos filhos.

O que foi dito acima se aproxima do pensamento de Braz; Dessen; Silva (2005) quando afirmam que o relacionamento marital tem sido apontado, recentemente, como um fator preponderante para a qualidade de vida das famílias, particularmente no que tange às relações que pais e mães mantêm com seus filhos. Sendo que, segundo estas autoras, o ajustamento conjugal, as formas de comunicação e as estratégias de resolução de conflitos empregadas pelo casal influenciam o

desenvolvimento de padrões de cuidado dos filhos e a qualidade das relações entre os genitores e seus filhos.

Entre os casais entrevistados, as famílias Silva e Souza descreveram a presença de mais diálogo entre os genitores sobre o processo educativo dos filhos, com tomadas de decisões em conjunto, a fim de promoverem práticas educativas que favoreçam a autonomia dos filhos. Não significa dizer que os genitores não diverjam de percepções entre eles, o que naturalmente ocorre porque envolvem valores e crenças individuais, mas procuram encontrar meios de equilibrar os seus modelos parentais:

Família Silva:

[...] é claro que, por a gente ser muito diferente na educação deles, a gente chega a muitas conclusões juntos. Por exemplo, se um disser não o outro não vai dizer sim, se o outro já disse um não taxativo, então a gente não deixa nossos filhos nessa dúvida: *minha mãe deixou, meu pai deixou*, que poderia acontecer muito. A gente é tão diferente, mas nas coisas cruciais, por exemplo, viajar, dormir na casa de algum colega, participar de alguma coisa que vai ter algum risco a gente combina antes (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Família Souza:

Não tem conflito entre a gente sobre eles. Eu acho que a medida certa. Também tem horas que eu digo, peraê, não é assim, então, peraê, isso aqui está perigoso. Aí ele para, ouve. Então assim, acho que um acaba equilibrando o outro em relação a isso, aí fica no ponto certo assim (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Vale ressaltar que os achados neste estudo apontam para estes participantes como pais que se aproximam do estilo educativo autorizante. Quanto aos impactos de estilos parentais educativos semelhantes na educação do adolescente, Reichert (2011) descreve que:

Isso é um aspecto promissor no que se refere à necessidade de referência e à consistência familiar que o adolescente tem nesse período de vida. Essa coerência na maneira de educar os filhos pode vir a ser um fator de proteção no desenvolvimento dos jovens (REICHERT, 2011, p. 93).

Em consonância com o que vem sendo exposto acerca dos aspectos relacionados aos subsistemas conjugal e parental no interior das famílias, temos a concepção de Hoffman (1995):

As famílias são exemplos notáveis de entidades que mudam através de pulos. Os indivíduos que formam uma família estão crescendo (pelo menos parcialmente) de acordo com um projeto biológico interno, mas os agrupamentos mais amplos dentro da família – os subsistemas e as gerações – devem passar por mudanças maiores uns em relação aos outros. A tarefa da família é produzir e treinar novos grupos de seres humanos para serem independentes, formarem novas famílias e repetirem o processo, enquanto

os grupos mais velhos perdem o poder, declinam e morrem. A vida familiar é uma contínua troca de guarda multigeracional (HOFFMAN, 1995, p. 86-87).

As famílias, deste modo, devem adequar-se de maneira que respondam às demandas oriundas de cada etapa desenvolvimental dos seus membros, bem como do meio sociocultural em que estão inseridas. O ciclo de vida individual ocorre dentro do ciclo de vida familiar, considerado contexto primário, e acontecimentos externos à família acabam interferindo no desenvolvimento da pessoa (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Neste mesmo sentido, Scabini; Ranieri (2011) dizem:

Nas diversas fases do ciclo vital, pais e filhos são chamados, na medida de suas diversas responsabilidades e papéis, a colocar em prática os processos de redefinição das relações e de regulação das distâncias e disponibilizar recursos adequados para enfrentar os diversos desafios e a encontrar novas e mais adequadas modalidades de funcionamento para responder às novas tarefas evolutivas, às novas necessidades de seus membros, às novas demandas internas e externas. Pais e filhos estão envolvidos neste processo, bem como toda a família e o contexto social mais amplo no qual a família está inserida (SCABINI; RANIERI, 2011, p.173).

Mais radicalmente no período da adolescência, ocorrem intensas transformações relacionais entre pais e filhos. Isso porque, segundo Cervený; Berthoud (2001), encontram-se em momentos diferentes de transformação. Isto é, os adolescentes costumam questionar valores e regras familiares, preocupando-se intensamente com o futuro, enquanto seus pais se encontram em uma etapa de questionamento profissional, de reflexão e de transformação, também repensando o futuro.

Constatamos que todos os participantes, ao apresentarem aspectos de suas dinâmicas familiares sob a ótica da educação de seus adolescentes, trouxeram em seus discursos suas concepções acerca da adolescência. Dentre as falas trazidas pelos entrevistados, as elegidas para evidenciar tão inferência são:

A gente sabe que adolescência é um momento de efervescência do ponto de vista emocional. Então, tem muitas influências. O núcleo familiar deixa de ser tão importante e o núcleo deles de amizade, de grupinhos, este passa a ser a referência deles e, se tiver alguns desvios graves, isso aí pode marcar a vida deles para o resto da vida (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Adolescência, para mim, é uma fase em que se vivencia um turbilhão maravilhoso, que coisa gostosa da zorra. Daqui a pouco nada presta, daqui a pouco está uma alegria. Adolescente é massa, porque quando chega vibrando, quando apaixona, ave maria do céu! Tem coisa mais maravilhosa do mundo? [...] Que vibração! Mas adolescente também tem aquela parte que se acha o centro do mundo (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Em determinados momentos, as concepções acerca da adolescência apresentaram-se permeadas pelas suas experiências de vida somadas às experiências pelas quais os seus filhos vêm passando. Em sua entrevista Rosa descreve que:

É difícil porque o mundo está muito diferente do que vivemos. As coisas estão muito mais fáceis no acesso a tudo também e mais difícil de você controlar. O celular virou uma arma, o acesso fácil à mídia virou uma arma nas mãos dos filhos e para você competir com o que eles têm acesso é difícil. Então, tudo que a gente procura ensinar para eles sempre tem um argumento [...] Eu procuro dar educação a eles parecida com a educação que eu tive [...] Porque hoje eu não posso usar as mesmas armas, digamos assim, que meus pais utilizaram comigo, porque é diferente [...] Por exemplo, se eu bato como antigamente, hoje não pode nem dar uma palmada, e antigamente não tinha isso. Então, se causa motivo de revolta. Se eu brigo demais, cria um afastamento. Então, na verdade, até para os pais orientarem hoje é diferente de antigamente. Você hoje tem que ter um cuidado muito maior. Então, aonde que o filho de 15 anos ia debater como ele, levantar tantos questionamentos como ele levantou quando a mãe diz um não? (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Neste íterim, os pais entrevistados apresentaram discursos retratando as dificuldades de se educar adolescentes na contemporaneidade. Tais falas envolveram aspectos como: a alta criminalidade urbana, que apareceu na fala de todos os participantes; receios com o uso de drogas – Rodrigo e Giovani –; o acesso fácil por parte dos adolescentes à conteúdos positivos e negativos advindos da tecnologia de informação – Rodrigo e Rosa –; a falta do reconhecimento em relação ao contexto em que vivem: “eu não vejo estes adolescentes olhando para o futuro [...] são muito sem garras, no geral, não reconhecem a educação, a cultura” – Márcio; e os parâmetros pelos quais os próprios pais foram educados, conforme declararam todos os participantes.

Vale advertir que todos os entrevistados consideraram a responsabilidade de monitorar as ações dos filhos como uma das principais funções relacionadas aos papéis de pai e mãe de adolescentes na contemporaneidade, principalmente considerando um contexto de incertezas e violência:

Se você deixa a criança ou o adolescente mais solto, eles vão ter que se virar, mas, talvez, eles se virem de uma forma equivocada. Não é viver a vida como eu disse, mas dar um rumo porque, se você não tiver por perto olhando as situações que estão ocorrendo, eles podem tomar um rumo equivocado (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

A nosso ver, frente aos grandes desafios em educar os filhos nesta fase, a família necessita incorporar novos parâmetros e exigências ao seu cotidiano familiar.

Reichert (2006) acrescenta que a sensação de “certo” ou “errado” que balizava atitudes e estratégias utilizadas pelos pais há décadas atrás já não os acompanha na contemporaneidade. Apresentando um argumento ainda mais abrangente, esta autora chama atenção, neste processo, para a importância dos pais em fomentar a autonomia dos filhos, buscando oferecer um ambiente de independência familiar e conduzindo-os a um exercício da responsabilidade.

Assim, neste período, se faz necessário introduzir mudanças na dinâmica familiar, o que implica em acordos entre os pais e os filhos. Essas mudanças estão relacionadas:

À autoridade, disciplina, estilo de vida, estilos de educação e comunicação e devem ocorrer sob duas perspectivas: sob o olhar do adolescente, saber se localizar, enfrentar os novos desafios e as demandas do período; sob o olhar dos pais, permitir que os jovens assumam seus novos papéis, sua autonomia (RÍOS-GONZALES, 2005 *apud* REICHERT, 2011, p. 90).

Tendo em vista a colocação das autoras supracitadas, é válido destacar a flexibilidade como característica fundamental no processo de enfrentamento de novos desafios, tanto por parte dos pais como dos filhos, nesta etapa do ciclo vital. Isso porque as novas demandas dos adolescentes exigem que os pais revejam as suas práticas educativas de maneira que consigam estabelecer uma interação efetiva com eles, com padrões mais adaptados à maturidade progressiva dos filhos (CERVENY, 1997; 2002).

Em decorrência dos critérios de inclusão na presente pesquisa, podemos observar que a idade dos participantes varia entre 37 e 53 anos, ou seja, dos seis entrevistados cinco encontram-se na meia idade, vivenciando o que Cerveny (1997) refere como um processo de transição emocional, tentando alterar alguns padrões de relacionamento; além de que, paralelo a essas vivências, com os filhos adolescentes, estes pais estão começando a cuidar de seus próprios pais agora idosos (CERVENY, 1997). Tal dado aparece no discurso de Márcio, quando mencionou ser ele o principal cuidador de sua mãe idosa e que também conta com o apoio da sua esposa Rosa nessa assistência.

No que se refere às vivências junto aos seus adolescentes, de forma unânime, todos os participantes relataram que seus filhos preferem a companhia de suas turmas a companhia dos pais e/ou familiares, ou até mesmo a jogar videogame, como evidenciado nas falas de Karla. Neste momento, ela trouxe a dificuldade que encontra com o filho aos

finais de semana para que ele participe de reuniões familiares, e de Rosa, sobre o comportamento do filho nas reuniões familiares, em querer ficar apenas no celular.

Além disso, vimos que os interesses dos filhos em andar com grupos de pares e trazer os amigos para a casa da família são fomentados por todos os entrevistados. Isto evidencia, por sua vez, a tentativa destes em manter uma proximidade com os grupos de referência dos filhos. Assim, todos demonstraram considerar essas relações como favoráveis ao amadurecimento pessoal e social de seus filhos, inclusive no que se refere ao ganho de autonomia. Márcio retrata explicitamente este ponto quando compartilha que:

Os amigos podem favorecer, porque ele pode se comparar a autonomia que os outros têm com a dele e até se questionar: por que Michel vai para o Vila Mix e eu não vou? Então ele estaria questionando a falta de autonomia dele (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

Acerca da importância do grupo de iguais para o desenvolvimento da autonomia dos adolescentes e construção de identidade, Preto (1995) afirma que esta é uma necessidade que se acentua na fase da adolescência. Ainda segundo o autor, “os adolescentes precisam aventurar-se fora de casa para se tornarem mais autoconfiantes e independentes, sendo que as alianças fora de casa aumentam, e a influência dos iguais se torna mais forte” (p. 229).

Minuchin; Fishman (2003), abordando esta questão com maior amplitude, asseguram que, em famílias com filhos adolescentes, as novas fronteiras entre pais e filhos devem permitir o contato e ao mesmo tempo libertar o adolescente para vivenciar certas experiências por si mesmo. Neste processo, sobretudo o grupo de companheiros exerce poder, funcionando como uma cultura em si mesma, com seus próprios valores sobre sexos, drogas, álcool, maneira de vestir, política, estilo de vida e sobre futuro, exigindo que a família interaja com um sistema forte e muitas vezes competitivo. Neste cenário, Sarti (1999) afirma que:

A importância fundamental da família para o jovem está precisamente nesta possibilidade de manter o eixo de referências estruturantes que a família representa, como lugar de apego, de segurança, como de proteção, mas que neste momento – mais radicalmente ainda do que em outros do ciclo de vida familiar – precisa abrir espaço para o outro, justamente para continuar sendo lugar de acolhimento. A questão da abertura ao outro na família apresenta-se como particularmente radical neste momento, em face da necessidade do jovem de outros referenciais para construir sua própria história, porque a condição do jovem implica em instaurar o conflito entre apego e autonomia como uma experiência estruturante (SARTI, 1999, p. 102-103).

Diante da afirmativa da autora supracitada, é importante considerar que a família tem valor fundamental em acomodar as necessidades referentes à autonomia dos adolescentes, devendo o apego e controle dos pais ser renegociado em todos os níveis.

É importante também destacar que os resultados alcançados neste estudo revelam que todos os seis entrevistados referiram ao processo de gradativa formação dos seus filhos em direção à fase adulta, articulando as suas concepções de autonomia à independência financeira. A isso, seguem exemplificação das ideias acima, quando Rosa e Rodrigo verbalizam:

Não vejo ele aos dezoito anos como eu já tinha, que eu trabalhava em dois lugares. Mas é por isso que eu digo que são situações que a vida traz. A vida que eu tive fez com que eu tivesse tido autonomia mais cedo. A vida que Luís e Laura têm faz com que eles joguem isso mais para frente. Então não é um fator tão importante de ter a independência deles tão cedo (ENTREVISTA, ROSA, 2016).

Acho importante para os filhos eles tomarem rumo na vida. Aí eu acho realmente um sucesso a nossa experiência como pais. Eu não acho que filho tenha que ficar grudado, enraizado na barra da saia de pai e mãe não. Tanto a menina quanto o menino. Eu quero que os dois vão para rua e quero que os dois se autossustentem e que ganhem muito dinheiro e acredito que a via seja pelo estudo (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Aprofundando o tratamento desta questão, compartilhamos o pensamento de Singly (2000) que traz uma compreensão a respeito do processo de individualização:

Essas distâncias entre as duas dimensões do processo de individualização – autonomia e independência – é o que hoje diferencia cada vez mais os jovens e os adultos. Assinalo a importância do momento em que os jovens adultos vivem ainda esta distância pelo prolongamento da escolaridade e pelas dificuldades em obter um primeiro trabalho estável, enquanto as gerações precedentes (ao menos para os homens, já que a maioria das mulheres era inativa profissionalmente) tinham acesso a essa independência econômica muito mais rapidamente. Tudo se passa como se, nas sociedades contemporâneas, o modelo de identidade pessoal, completa, só pudesse ser elaborado muito tardiamente e os jovens adultos sofressem por não conseguir chegar a essa conjunção entre autonomia e independência (SINGLY, 2000, p. 18-19).

Neste sentido, a discussão aludida acima por Singly (2000)²⁵ ganha ainda mais relevância neste estudo na medida que os participantes, assim como os seus filhos referenciados, fazem parte de um extrato de camada média urbana. Ou seja, vivencia características peculiares de um grupo privilegiado da sociedade e sofrem influências,

²⁵ Compreendemos que o termo utilizado pelo autor para abarcar as duas dimensões, autonomia e independência equipara-se ao conceito de individuação ou diferenciação de Bowen, que define o indivíduo com um grau saudável de distanciamento emocional da sua família de origem. Sujeitos mais diferenciados, que pensam, sentem e agem por eles próprios tendem a alcançar mais autonomia (BOWEN, 1978).

tanto positivas quanto negativas, advindas dos ambientes socializadores frequentados por integrantes desta classe social.

Neste âmbito, a maneira como os pais e mães atuam no processo de educação de seus filhos deve ser pensada dentro de um contexto sociocultural mais amplo. Neste estudo, todos os participantes declararam fazer altos investimentos em qualidade de ensino. Para isso, contratam os serviços de profissionais e serviços especializados, como profissionais de psicologia²⁶ e professores de banca para dar suporte e acompanhar a vida escolar dos filhos, estes relatados pelo pai e/ou mãe das Famílias Santos e Souza.

Além disso, todos os seis entrevistados demonstraram que a realidade vivenciada, proveniente da condição socioeconômica da camada média, repercute em suas práticas educativas de maior proteção quanto à liberdade de circulação dos filhos. Isso foi observado em proporções diferentes em relação a cada família, bem como em cada pai e mãe no interior de cada sistema familiar. Vemos estratégias educativas e concepções de autonomia muito distintas, por exemplo, entre as Famílias Silva e Santos. Na Família Silva, Rodrigo afirmou ser “a família a alternativa para dar individualização aos filhos” (sic). Já Rosa, Família Santos, diferentemente, afirmou que os filhos alcançarão autonomia por meio “das vivências proporcionadas pela vida”, sugerindo um desconhecimento a respeito do papel fundamental da família para o crescimento e individuação autônoma por parte dos filhos nessa fase.

Conforme dito anteriormente, na Família Santos ficou bastante evidente os medos de Rosa em permitir que o filho Luís transite em ambientes externos a casa, o que se mostrou, inclusive, um motivo de tensões entre ela e o esposo Márcio, por ele considerar as restrições exageradas. Na Família Silva, os pais também trouxeram seus medos com relação à falta de segurança urbana, por exemplo, de violência sexual, referida por Rodrigo, mas demonstraram que, de modo geral, não impedem que os filhos vivenciem as suas experiências, desde que seja garantida proteção. Da mesma maneira, na Família Souza, os pais trouxeram suas preocupações com a violência urbana. Ainda que Alana tenha se revelado mais temerosa com assaltos e roubos em relação ao seu esposo Giovani, demonstraram encontrar um ponto de

²⁶ Conforme explicitado no capítulo quatro da presente dissertação, o qual discorreremos a respeito da metodologia adotada, dissemos que o acesso aos participantes deste estudo ocorreu mediante psicólogos da minha rede profissional que realizam atendimentos às famílias, sendo, portanto, estes pais e filhos acompanhados por estes profissionais.

equilíbrio o qual favorecesse o filho Valter vivenciar as suas experiências em ambientes públicos – andar de ônibus.

As ideias supracitadas são exemplificadas nas falas a seguir:

Família Santos

Porque quando eu – Márcio – falei algumas vezes para Rosa isso, ela disse: - Não, você é louco, largar Luís na rua, meu filho! Pelo perigo que seria (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

Família Silva

O que segura um pouco a autonomia deles é a segurança, os limites que eu e o pai damos é em relação à segurança e nisso a gente fala a mesma língua. Quando tem algum risco físico de algum sequestro, acabou ali a autonomia deles (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Realmente acho que eu fico mais na cola até porque eu sou uma pessoa preocupada com as questões de risco, riscos de tudo, de violência sexual, a questão de droga (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Família Souza

Valter vai voltar de táxi, eu digo, tira foto da placa (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

O risco que ele vai passar eu acho que não vale a pena. Giovani já acha que eu devo deixar. Teve uma vez que Giovani disse: - *Hoje ele vai de ônibus*. Eu disse: - Então não estou nem aqui para ver. Eu também não posso dizer a ele que ele não vá fazer, porque o filho é dele também. A gente tem muito essa coisa assim, olha, você tem certeza? Mas olha, eu estou fora. Assim eu não presencio [...] E se esse ônibus for assaltado? Então, assim, coisas que a gente passa hoje e que na época da gente a gente fazia, mas não era o mundo de hoje. Para Valter, um adolescente ir para o ponto de ônibus, ele precisa ver a roupa que está vestido, não pode estar com celular nas mãos, porque está sujeito a um pivete mandar tirar o sapato, roubar o celular. Esse risco que ele corre de passar por isso, será que vale a pena? Eu penso muito nisso. Se eu posso levar e pegar meu filho, por que vai andar de ônibus? Por mais que seja uma forma dele aprender a se virar, ele saber andar em Salvador, mas assim... (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

As falas acima chamam atenção na medida em que a classe social impõe limitações claras, sobretudo na lógica como as organizações familiares ordenam as suas experiências. Isto é, a pertença a um ou outro segmento social implica diferenças em termos dos valores vivenciados.

Neste seguimento, Chaves (2006) reflete que a família e outras instituições sociais estão interligadas, resultando daí a valorização das diversas influências de todas as instituições que fazem parte de outros contextos e que podem, de certa forma, ser corresponsáveis pelo desenvolvimento. Logo, mesmo que a família seja concebida como um espaço privilegiado de proteção, também vive o desafio e as

tensões constantes dos vários sistemas em que está inserida: cultural, econômico e histórico, em uma interrelação dinâmica vivenciada entre seus membros e os sistemas mais amplos.

Nas três famílias em estudo, pais e mães apontaram algumas dinâmicas de interação de seus filhos com outras pessoas e ambientes externos ao universo familiar do adolescente, os quais exercem influências sobre estes e na aquisição de autonomia. Isso quer dizer que, embora a família ainda mantenha o seu papel específico durante todo o processo de desenvolvimento dos seus membros, sendo os pais os principais agentes, é evidente a importante interferência de outros elementos e ambientes de interconexões na fase da adolescência (BRONFENBRENNER, 1979/1996; 2011). Citemos como exemplo que emergiram da própria investigação a escola, o trabalho dos pais, os grupos de iguais, os profissionais que lidam com o sujeito neste momento evolutivo, além dos fatores demográficos e contextuais.

Nas falas trazidas pelos participantes, verificamos interferências do mesossistema – o ambiente de trabalho dos pais – sobre o microsistema familiar, assim como influências do macrosistema – referentes a elementos da cultura em que estão inseridos. Isto proporciona reflexões sobre os impactos destes fatores sobre as práticas educativas parentais e autonomia dos adolescentes em desenvolvimento. Bronfenbrenner (2011), além de retratar a respeito da bidirecionalidade em relação à pessoa e ao ambiente em que ela atua, afirma que os filhos influenciam os próprios ambientes onde se encontram, quando iniciam uma atividade nova, ou quando começam a estabelecer algum tipo de vínculo com outras pessoas e, logo, são influenciadas ao mesmo tempo pelos que estão ao seu redor.

Um ambiente comum frequentado pelos adolescentes referenciados neste estudo é mesma escola tradicional e bem conceituada localizada na cidade de Salvador, sendo esta uma particularidade não intencional encontrada nesta pesquisa e que reafirma a priorização na educação e formação dos filhos.

Os participantes referiram como estratégias educativas relacionadas à formação, aprendizagem e desenvolvimento da autonomia dos filhos: a prática de esportes – todos os filhos das três famílias praticam e/ou já praticaram esportes; o aprendizado de línguas estrangeiras – as três famílias referiram que seus filhos fazem curso de inglês paralelo à escola; aulas de violão – especificamente os filhos Pedro,

família Silva, e Valter, família Souza²⁷; aulas de dança e balé – especificamente das filhas Maria, família Silva, e Lara, família Santos; viagens ao exterior, com o objetivo de proporcioná-los lazer e acesso a outras culturas²⁸, incluindo viagem em excursão à Disney, referenciada pelas três famílias, o que pode representar para a classe média um marco de transição da infância para a adolescência. A possibilidade de realização de intercâmbio também apareceu nas narrativas de Rodrigo e Karla, Família Silva e Giovani, Família Souza.

Dentre todos os investimentos relatados pelos pais e mães, destacamos o estudo e a dedicação dos filhos à vida escolar como um aspecto que assumiu maior relevância para os entrevistados, sendo a educação formal apontada como a promotora do sucesso na futura carreira profissional e realização pessoal dos filhos. Segundo Rosset (2009, p. 264), “estudar e/ou trabalhar é a forma de preparar-se para o futuro, de acordo com as características econômicas, sociais e culturais da família”. Neste estudo com famílias de camada média urbana, em que vimos ser desnecessário a inserção dos filhos no mercado de trabalho para complementação de renda, a dedicação ao estudo assumiu um papel central dentre as exigências de todos os participantes, acompanhada do monitoramento dos pais e mães quanto ao cumprimento das obrigações e deveres escolares dos jovens.

Desta maneira, verificamos que os pais e as mães participantes incluem em suas práticas educativas acordos firmados junto aos filhos, os quais exigem bons resultados nas avaliações escolares. Quando isso ocorre, os filhos costumam ser recompensados podendo escolher qual o programa fazer aos finais de semana, conforme vimos na Família Souza; ou ter mais liberdade para sair aos finais de semana com os amigos, segundo a Família Silva. Do contrário, a depender da situação, afirmaram também aplicar a privação de privilégios. Segundo Hoffman (1975), esta é uma das estratégias coercitivas comumente utilizadas pelos pais para controlar os comportamentos de seus filhos. A fala de Giovani melhor evidencia tal inferência:

Quando ele está com a nota baixa ou não deu muita atenção para escola ou, às vezes, foi grosso com a mãe, aí eu já não levo [*referindo-se à casa dos colegas*] e digo para ele que eu não estou levando por causa disso. Mas teve uma nota boa, pego a irmã, vamos celebrar, vamos brindar. Quer ir comer onde? Quer fazer o quê? A gente pratica isso aqui, tanto com Valentina, quanto com Valter. Olha, cumpriu a sua parte, superou, foi acima do que queria? Vale um algo a mais. Por exemplo, no ano passado eu disse: - Você

²⁷ Segundo informações extraídas do caderno de campo da pesquisadora, não tendo aparecido nas narrativas do pai, Giovani, e da mãe, Alana, ao longo das entrevistas.

²⁸ Karla referiu às viagens como possibilidade para os filhos “ampliarem a visão de mundo”.

fechou o final do ano e não ficou em final de nada. Lembra o que eu te disse no começo do ano? Você quer ir à Disney com o pessoal, né? Já tinha ido no ano anterior, mas como o seu boletim foi tranquilo, sem nota vermelha, você vai com mérito! (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

Outro fator que merece destaque é escolaridade. O nível de escolaridade dos entrevistados pareceu ser um elemento fomentador desta busca por um melhor desempenho escolar dos filhos. Dois dos três pais entrevistados, Rodrigo e Giovanni, e duas das três mães, Karla e Alana, possuem nível de escolaridade superior completo, e Rosa e Márcio possuem o ensino médio. Observamos, nos relatos dos pais e mães com nível mais elevado de escolaridade, maior promoção de vivências em família visando estimular a aprendizagem, com maior engajamento e participação dos pais junto aos filhos. Para sustentar tal pensamento, trazemos as falas de Giovanni, Alana, Karla e Rodrigo, respectivamente, quando compartilham algumas experiências:

Família Souza:

Agora mesmo, para estimular a pequena a ler, eu coloquei em cima da estante um monte de livros e fiz um concurso: quem chegar próximo da televisão primeiro ganha um prêmio. Ela já sabe. Se ela chegar na televisão, ela vai ganhar um skate que é o que ela quer. Aí ela vem de noite: - *Mamãe, mamãe, a leitura*. Ela pega um livro para ler (ENTREVISTA, GIOVANI, 2016).

[...] quando a gente chega junto ele corresponde mais. Então, vamos aqui, venha. Detesta ler. Aí o que a gente faz? Uma estratégia para não ficar aquela leitura forçada. Ele fica: - Poxa, minha mãe! Mas tem que ler, como é que não vai ler? Chega de noite e eu ou o pai dizemos: - É hora da leitura. Um fica com a pequena e outro fica com ele. Então vai todo mundo junto, vai ler, eles querendo ou não. Mas temos juntos a hora da leitura e que a gente aproveita para acompanhar ele (ENTREVISTA, ALANA, 2016).

Família Silva:

Tem uma coisa na educação deles que a gente sempre falou a mesma língua, por exemplo, viajar. Viajar a família toda junto para o exterior. Faz parte da viagem visitar museu. Naquele país a gente tentar falar a língua daquele país. Dormimos os quatro no mesmo quarto. A viagem para a gente é uma experiência, muito, muito... a gente tem que sair dali crescidos. Então, a gente estuda o país que a gente vai visitar antes, os quatro. Então a gente sempre fez estas coisas assim e isso eu acho que foi uma influência muito grande para eles. Os dois têm uma visão de mundo muito interessante. De qual país gostariam de morar, aprender a se virar (ENTREVISTA, KARLA, 2016).

Eu acho que para mim estudo é um ponto que a gente não tem o que questionar. Na minha concepção o momento do estudo é agora [...] O tempo inteiro eu digo: - O caminho para vocês crescerem é o caminho do estudo, não tem outra alternativa (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Segundo Bronfenbrenner (2011), a estabilidade das condições da vida familiar assume a força de um elemento sistêmico influente no desenvolvimento subsequente do status socioeconômico da família. Este autor destaca que o desenvolvimento social

não se aplica apenas ao indivíduo, mas também à organização social da qual faz parte, sendo que todas as variações não agem somente no *status* social de determinada pessoa dentro de um grupo, mas abarca toda a estrutura do próprio grupo, ou seja, na frequência, nas forças, nos padrões e na base das interrelações que ligam o grupo, dando-lhe um caráter próprio:

Os processos de desenvolvimento humano que ocorrem dentro de um contexto podem variar de forma substancial segundo os atributos pessoais de outras pessoas significativas presentes no contexto. Particular importância é dada as qualidades dos outros que são desenvolvimentalmente instigadoras para o sujeito (BRONFENBRENNER, 2011, p. 187).

Assim, no que concerne à realidade proporcionada pelo poder aquisitivo das famílias estudadas, o alto investimento na educação formal pode garantir um padrão de vida satisfatório e que esteja em conformidade com os padrões estabelecidos pela classe social em questão. Como exemplo, temos os participantes Rodrigo e Giovanni, oriundos de famílias desfavorecidas economicamente e que, por meio do estudo formal, alcançaram ascensão social. O primeiro tornou-se médico e o segundo formou-se em Direito e é servidor público federal aposentado. Com base nisso, trazemos as contribuições de Singly (2000):

[...] a independência, e principalmente a independência econômica, é a maneira pela qual o indivíduo pode, graças aos seus recursos pessoais retirados diretamente de sua atividade, depender menos dos próximos; a autonomia é o conhecimento do mundo no qual essa pessoa vive: mundo definido pela elaboração tanto de regras pessoais, quanto no caso de vida em comum, de regras construídas na negociação entre várias pessoas. Quando essas duas dimensões estão reunidas – independência e autonomia – então o indivíduo moderno tem o sentimento de estar livre, pelo menos na sua vida privada (SINGLY, 2000, p. 18).

Nessa citação, o autor, ao relacionar a autonomia ao conhecimento do mundo onde se vive, parece estar pensando principalmente no mundo do público. Isso porque, se por um lado, o acesso fácil em decorrência do poder aquisitivo proporciona privilégios e facilidades a estes jovens, por outro pode colocar em risco a capacidade do adolescente em desenvolver a sua autonomia no âmbito privado.

Assim, das três famílias, duas queixaram-se de falta de autonomia dos filhos na esfera do lar e trouxeram a presença da funcionária doméstica no cotidiano da família, desde o nascimento dos filhos, como um fator que contribui para estes não terem aprendido a desempenhar e a assumir suas responsabilidades com as tarefas da casa. Muller (2008) retrata, neste sentido, que:

Talvez pudéssemos arriscar dizer que alguns jovens não estariam adquirindo assim tanta autonomia com relação ao mundo privado, da casa. Ou melhor, estariam sim aprendendo, antes de saber fazer alguns afazeres, a negociar com outras pessoas as regras para que estas atividades lhes sejam oferecidas (MULLER, 2008, p. 228).

A afirmativa acima nos remete à fala de Giovani, o qual relatou que ele não atribui muita importância para a autonomia dos filhos no âmbito doméstico, explicando a isso que o seu maior desejo é que o filho tenha “autonomia de trabalho” para montar a sua própria empresa e que futuramente consiga contratar este serviço em casa. Ponderou que apenas aos finais de semana, quando a família não tem funcionária em casa, atenta-se para a necessidade dos filhos participarem da divisão de tarefas em casa.

Em contrapartida, Márcio relatou preocupação quanto à necessidade de maior vigilância por parte dos pais e mães quando na ausência da funcionária doméstica. Já Rodrigo fez uma referência aos comportamentos dos filhos mesmo na presença da secretária. Afirmou que ele e a esposa sempre negligenciaram o monitoramento dos filhos nas tarefas da casa e que, embora os filhos assumam as suas obrigações escolares, são pouco participativos nos cuidados com a casa e com as roupas e objetos pessoais, o que ele denominou de “falta de autonomia doméstica”.

As inquietações de Rodrigo a este respeito apontam para o que Rosset (2009, p. 264) diz respeito aos adolescentes “tomarem parte nas tarefas da casa, como maneira de compreender a importância da divisão de atividades do lar e a responsabilizar-se por elas”. Explicou estes comportamentos dos filhos porque eles são “papéricados”, assim como ele também foi “papéricado” em sua família de origem, no sentido de serem poupados pelos adultos quanto à participação nos afazeres domésticos.

Nesta fala de Rodrigo, bem como nas verbalizações de todos os entrevistados, observamos que eles afirmam balizar os processos educativos dos seus filhos a partir da educação que receberam em suas famílias de origem, como modelo ou antimitelo. Assim, indicam a repetição de padrões transgeracionais e intergeracionais na educação dos filhos. Neste sentido, Botton et al (2015) retrata que, “as transmissões referentes aos valores e crenças familiares são parte da estrutura do núcleo familiar, sendo os pais e mães modelos de espelhamento e identificação para seus filhos”.

Assim, as questões apontadas acima trazem reflexões a respeito de como as organizações familiares na contemporaneidade exigem uma reorganização das distribuições dos papéis e obrigações no interior das famílias, frente às intensas transformações sociais, econômicas e trabalhistas ocorridas a partir da segunda metade do século XX (SINGLY, 2000).

Adotando visões análogas, Pratta e Santos (2007) referem que diversos fatores concorreram para essas mudanças: o processo de urbanização e industrialização, o avanço tecnológico, o incremento das demandas de cada fase do ciclo vital e a maior participação da mulher no mercado de trabalho. Do mesmo modo, os autores chamam atenção para o aumento no número de separações e divórcios, para fatores como a diminuição das famílias numerosas, as transformações nos modos de vida e nos comportamentos das pessoas, bem como para as novas concepções em relação ao casamento, as alterações na dinâmica dos papéis parentais e de gênero.

Os achados neste estudo apontam para tais reflexos decorrentes das transformações pelas quais as famílias na contemporaneidade vêm passando. Um exemplo disso é que, nas três famílias nucleares estudadas, há pouca quantidade de membros na família, variando entre dois, nas Famílias Silva e Santos, e três filhos, na Família Souza. Singly (2010) também faz referência de que, nos dias atuais, cada vez mais, há uma redução na quantidade de membros nas famílias, o que pode revelar a necessidade de concentrar esforços que atendam às demandas sociais e econômicas vislumbradas pelas características da família contemporânea.

Este dado pode estar relacionado com o que Scavone (2001) aponta a respeito das mulheres e da escolha pela maternidade. Para este autor, “as mulheres brasileiras entraram no modelo de família moderna pela via de uma recusa definitiva da maternidade. A queda abrupta da natalidade foi um dos grandes impactos dos últimos anos na mudança de padrão de maternidade no país” (p. 144).

Para Scavone (2001a), nos últimos trinta anos, a condição social feminina passou por inúmeras transformações e está relacionada a processos sociais e globalização econômica, que vem acelerando a propagação de diferentes padrões de comportamento e consumo. A autora destaca o “consumo crescente das novas tecnologias reprodutivas – contraceptivas e conceptivas – que ofereceram às mulheres da década de sessenta em diante a possibilidade de escolher com maior segurança a realização da maternidade” (p. 48). Além disso, com maior acesso à educação formal e à formação profissional, as mulheres “vão, no decorrer do século

XX, ocupar gradativamente o espaço público, ao mesmo tempo em que mantêm a responsabilidade na criação do (a)s filho (a)s” (p. 50).

Neste estudo, observamos que os três pais e três mães exercem atividades profissionais remuneradas e são os responsáveis pela renda salarial e manutenção da família. Tais dados estão intimamente relacionados com o tipo de estratégias educativas utilizadas pelos entrevistados e também na qualidade do tempo destinado a educação dos filhos. Alguns destes aspectos aparecem na fala de Rodrigo quando diz:

Eu acho que os pais não podem se furtar da responsabilidade de estar de junto dos filhos. No cenário contemporâneo, a mulher vai trabalhar, porque antigamente as mulheres ficavam em casa e tomavam conta dos filhos. Hoje isso é um fato, não tem mais jeito, tem que trabalhar mesmo, até porque se não trabalhar não vai ter como realmente as coisas tomarem rumo. Mas você vai ter que ter espaço para os filhos, orientar eles, para dar alguns nortes, não tenha dúvida que isso não pode ser delegado para funcionários, para avós, então tem que encontrar tempo para isso (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

Entre os entrevistados, constatamos que os cuidados dispensados à educação dos filhos são de responsabilidade tanto dos pais, quanto das mães, com o diálogo, respeito e afeto permeando as relações familiares. Nesta perspectiva, Romanelli (1995) descreve que a emergência de modalidade de condutas alternativas no plano afetivo, entre especialmente o pai e seus filhos, não se distribui de modo uniforme entre as famílias de diferentes camadas sociais:

Como ocorre com a redefinição da divisão do trabalho, a adoção de novas práticas afetivas tende a ser mais comum entre os segmentos das camadas médias, portadores de escolarização superior e mais propensos à incorporação de formas alternativas de conduta nas relações domésticas. A tarefa socializadora da mãe, e mais do que essa incumbência específica, o conjunto das relações com os filhos são mediados tanto pela autoridade quanto pela afetividade (ROMANELLI, 1995, p. 78).

Entretanto, fazendo um comparativo entre o tempo dedicado aos filhos entre pais e mães, observamos maior participação das mães em tarefas como levar e buscar na escola e supervisionar as atividades escolares. As três mães afirmaram terem alterado as suas rotinas laborais com a finalidade de permanecerem mais tempo junto aos filhos.

Karla, Família Silva, médica, afirmou ter uma profissão “muito puxada”, e que, ainda assim, desde o nascimento da sua primogênita, passou a destinar três turnos livres durante a semana para acompanhar os filhos, permanecendo com esta disponibilidade até os dias atuais. Rosa, Família Santos, proprietária de uma empresa no ramo de

bordados, disse exercer uma função muito importante na fábrica, pois todo o restante da produção depende do seu trabalho, mas, ainda assim, reserva três turnos da semana para dedicar-se aos filhos. Da mesma forma, Alana, Família Souza, sócia-proprietária de uma clínica de atendimento multidisciplinar e de uma farmácia, locais aonde trabalha como administradora, também referiu ser a principal cuidadora dos filhos.

Podemos inferir que essa particularidade proporcionada pelo estilo de vida e tipo de inserção profissional destas mulheres acarretou um espaço mais flexível para a vivência da maternidade, podendo reservar tempo para a importante tarefa de socialização junto a seus filhos.

Assim, na contemporaneidade é comum mulheres com trabalho remunerado fora de suas casas se dividirem entre as atividades profissionais e as atividades domésticas, uma vez que ainda sejam persistentes as desigualdades entre homens e mulheres. A luta feminista para equiparação de mulheres e homens no tocante ao trabalho, aos salários, à valoração e reconhecimento social, esbarra, principalmente, na dupla jornada das mulheres.

A família nuclear, centrada no casal conjugal e que substituiu a família extensa da sociedade agrícola, é focada na reprodução e no apoio social e emocional. Nesta, a divisão do trabalho atribuía exclusivamente ao homem a produção e a função de provedor da família, enquanto a mãe ocupava-se dos trabalhos domésticos e o cuidado dos filhos (SWARTZ, 2009; WAGNER *et al*, 2005a). A família do mundo contemporâneo assume um novo perfil em respostas às demandas impostas pela sociedade urbana e exige a inserção das mulheres no mercado de trabalho e sua maior participação no sistema financeiro familiar. Segundo Petrini (2005):

A inserção da mulher no mercado do trabalho oferece espaço de realização, especialmente quando entra em jogo uma específica competência e, portanto, certo protagonismo. Em alguns casos, o exercício de um trabalho remunerado, quando não corresponde a uma premente necessidade de contribuir para as despesas familiares, abre para a mulher uma relativa autonomia de consumo, orientado para necessidades dos filhos ou da casa ou para algum interesse próprio. Ela conquista um espaço de autonomia, livre das diferentes prioridades de gastos do marido, que implicariam condicionamentos e conflitos (PETRINI, 2005, p. 30).

Este processo tem ocorrido em muitas famílias brasileiras de nível socioeconômico médio a elevado, como é o caso das Famílias investigadas neste estudo. Atualmente, em muitas organizações familiares, já se percebe uma relativa divisão de tarefas, nas quais pais e mães compartilham aspectos referentes às tarefas

educativas e organização do dia-a-dia da família, embora ainda caiba à mulher a responsabilidade majoritária pela assistência aos filhos.

Tais aspectos imprimem um novo perfil à família que se contrapõe, principalmente, à estrutura familiar tradicional, na qual o pai era único provedor e a mãe a responsável pelas tarefas domésticas e cuidado dos filhos. Reichert (2011), em relação às mudanças quanto ao papel do pai na contemporaneidade, discorre:

As buscar problematizar a paternidade na contemporaneidade, é preciso ter um olhar cuidadoso sobre os diversos aspectos que permeiam esse fenômeno. O primeiro deles é a identificação das nuances desta contemporaneidade, que tornam as relações cada vez menos generalizáveis, principalmente se considerarmos que cada vivência humana pertence a um contexto sócio-histórico-cultural determinado [...] Ser pai, atualmente, mesmo em contextos diferentes, é participar de inúmeros aspectos do desenvolvimento dos filhos, não mais se restringindo a provê-los e discipliná-lo (REICHERT, 2011, p. 107).

Apoiando-se no pensamento da autora supracitada, Romanelli (1995), ao discutir sobre as mudanças internas e rápidas sofridas nas organizações familiares, destaca as ocorridas com a perda da autoridade do marido e do pai em famílias das camadas médias urbanas:

Nas famílias das camadas médias urbanas, a autoridade parental sofre outros abalos nos esteios de sua legitimidade. Cada vez mais o chefe de família deixa de ser o principal provedor financeiro do consumo doméstico devido à participação crescente das esposas – e nunca segunda etapa, dos filhos – no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, o saber paterno perde sua eficácia, pois as experiências que ele continua a traduzir estão situadas em um passado que não é mais congruente com um presente marcado por mudanças internas e rápidas. Além disso, a hierarquia existente na família tende a ser substituída, gradativamente, por vínculos de relativa igualdade entre marido e esposa, o que mina substancialmente a autoridade do marido e do pai (ROMANELLI, 1995, p. 78).

As autoras supracitadas enunciam, ainda, que essas mudanças não acontecem de forma universal para todas as famílias. São inúmeras configurações e estruturas presentes na atualidade, contudo, no que se refere à divisão de tarefas domésticas e os cuidados com os filhos, não avançam na mesma medida da contribuição das mulheres no sustento das famílias.

Para Goldenberg; Goldenberg (1984), com os casais que vivenciam o duplo-trabalho, os cônjuges estariam igualmente envolvidos com o trabalho remunerado. Com isso, a estrutura tradicional na divisão de papéis familiares não sofreria grandes transformações. No entanto, ainda não é o que se tem nos dias atuais. Vislumbramos que junto às mudanças em curso nas famílias, nos papéis de homens

e mulheres, sejam ampliadas “a maior participação do homem no espaço familiar, todavia, ainda está distante a divisão equitativa de responsabilidades, isso para que os homens vivenciem a paternidade de modo equânime e não apenas mais participativo” (FREITAS *et al*, 2009, p. 87).

Tal dado vem explicitado nas falas de Rodrigo e Márcio respectivamente:

Karla tem um contato muito maior com eles assim no dia a dia. Eu tenho contato com eles, mas Karla está mais de junto, ela leva para escola, busca, leva para os programas (ENTREVISTA, RODRIGO, 2016).

De um modo geral, Rosa é mais responsável pelos dois. Apesar de, hoje em dia, não sei se é machismo, eu não sei, tudo é difícil, porque assim, a casa é responsabilidade de Rosa, dela gerir tudo, mas é ela saber que ela tem um homem por detrás, para na hora que ela errar saber que eu estou ao lado dela para ajudar a consertar. Eu vejo muito isso, tanto é que as coisas acontecem e eu vou lá dando pitaco e volta e meia ela se queixa de que eu sou ausente. Mas eu digo: olha eu estou por detrás, sou a sustentação e você é a minha (ENTREVISTA, MÁRCIO, 2016).

Finalmente, as postulações disponibilizadas neste capítulo permitem assegurar que os estilos e práticas educativas adotadas pelos pais e mães participantes deste estudo apresentam fortes influências para o desenvolvimento da autonomia dos filhos. Em cada uma das três famílias investigadas, pais e mães compartilharam, sob uma perspectiva ampliada, relacional, a importância da interação familiar e das experiências complexas vivenciadas no interior das famílias, bem como seus reflexos nos comportamentos de seus filhos adolescentes. Desta maneira, tendo em vista o fato de que o processo de desenvolvimento da autonomia é interdependente, destacamos o alcance relacional inserido em um marco sistêmico e incluindo todos os contextos de interações, não sendo possível compreendê-las separadamente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, tivemos como objetivo geral i) analisar a compreensão de pais e mães acerca de suas práticas educativas relacionadas ao desenvolvimento da autonomia de seu(s) filho(s) adolescente(s). Por meio da entrevista aberta, procuramos atender aos objetivos específicos: ii) investigar as concepções de autonomia para pais e mães de filhos adolescentes; iii) compreender as práticas educativas de pais e mães relacionadas ao desenvolvimento da autonomia dos seus filhos adolescentes; e iv) discutir o papel parental no desenvolvimento da autonomia de filhos adolescentes na contemporaneidade. Tudo isso para responder a questão inicial de pesquisa: como as práticas educativas de pais e mães, de camada média urbana de Salvador, contribuem no processo de desenvolvimento da autonomia de seus filhos?

Como podemos apreender da exposição teórica, mediante um olhar contextualizado nas interfaces das práticas educativas parentais, a família é um espaço privilegiado para o desenvolvimento da autonomia dos filhos. Além disso, identificamos que outras interações e contextos dos adolescentes – escola, professores, amigos, família extensa, funcionária doméstica – também exercem forte influência neste processo.

Em meio a estas questões, neste universo, pais e mães conceberam o desenvolvimento da autonomia de seus filhos adolescentes como um processo gradual que ocorre desde a infância. Observamos que cada um dos participantes apresenta especificidades em relação às suas crenças e valores que medeiam as suas práticas educativas. Estas, bem como as suas concepções de autonomia, são balizadas pelos modelos que eles receberam em suas famílias de origem e outras eles atualizam.

Da mesma maneira, as comparações entre as respostas de cada participante, mesmo abordados separadamente, e entre as famílias, colaboram para discutir as implicações da parentalidade no desenvolvimento da autonomia em filhos adolescentes pertencentes à camada média soteropolitana. Assim, um caminho possível é a adaptação mútua e ajustes entre o casal às expectativas e desejos do outro, definindo fronteiras que ampliem a autonomia dos filhos.

Importante ressaltar os aspectos complexos vivenciados no interior das famílias, como experiências únicas. Estes aspectos abarcam as questões das transições familiares ao longo do curso de vida, onde mudanças em cada membro da família afetam a família como um todo e vice-versa.

Observamos, por meio dos resultados alcançados, a necessidade de se compreender a autonomia baseada em um paradigma interdependente/relacional. Isto quer dizer que as práticas educativas parentais sofrem a interferência de um marco sistêmico o tempo inteiro, pois, mesmo antes do nascimento dos filhos, tais práticas conduzem para o modo como a díade vai se relacionar.

De modo equivalente, os participantes revelaram que a personalidade dos adolescentes é um aspecto importante a ser considerado desde o nascimento deles em seus processos educativos. Isto é, trata-se de um processo gradual, complexo e único a cada indivíduo, com implicações no processo de aquisição da autonomia e do desempenho pessoal e social do indivíduo. Assim, é sugestivo que os pais considerem a personalidade dos filhos e adaptem os seus estilos parentais e suas práticas educativas a estas características.

Ao discutirmos as questões de autonomia na educação de filhos adolescentes, na perspectiva de pais e mães, encontramos nos três casos estudados diferentes entendimentos acerca da hierarquia estabelecida entre pais e filhos e sobre as regras estabelecidas. Do mesmo modo, identificamos que os participantes apresentam em suas práticas educativas estratégias diferenciadas que envolvem maior ou menor abertura para o diálogo e flexibilização de valores e normas de conduta.

Em meio a estas questões, que se entrelaçam a adolescência, os entrevistados também trouxeram suas reflexões a respeito dos fatores de risco que circundam o universo do adolescente nos dias de hoje – violência urbana, uso de drogas, gravidez precoce - e sobre as influências positivas e negativas da mídia e do livre acesso às tecnologias.

Diante do exposto, constatamos uma dicotomia vivenciada por estes pais e mães representantes da camada média, que investem na educação dos filhos e valorizam as experiências socioculturais, lançando seus filhos para outros contextos de convivência, inclusive para experiência fora do território brasileiro. Por outro lado, ao mesmo tempo em que proporcionam tais experiências, revelaram vivenciar medos e inseguranças que restringem o desenvolvimento da autonomia dos filhos, quando se trata da circulação nas ruas da cidade.

A natureza qualitativa, pelo uso de entrevistas abertas como procedimentos de coleta de dados adotados neste estudo de casos múltiplos, se fez importante para que a condução das entrevistas ocorresse de maneira genuína, possibilitando um espaço dialógico aberto para a livre expressão. Os participantes expuseram livremente as suas experiências acerca de seus processos educativos junto aos filhos, ao mesmo tempo em que demonstraram refletir a respeito de suas estratégias educativas durante as entrevistas.

A ausência de um roteiro pré-estabelecido foi um desafio na análise dos dados colhidos que, por serem entrevistas abertas, exigiu um debruçar mais artesanal, minucioso junto a particularidade de cada participante.

Neste estudo, o microsistema família foi central, em se tratando da dimensão “contexto”. Ao estudar as questões da parentalidade, nos defrontamos com os aspectos entrelaçados da conjugalidade. Deste modo, a realização desta pesquisa despertou o nosso interesse em investigar os aspectos referentes à conjugalidade dos casais participantes em investigações futuras.

Outra possibilidade de investigação seria a inclusão dos seus filhos adolescentes como participantes diretos da pesquisa, com o objetivo de ampliar os dados trazidos pelos pais com a realidade percebida por seus filhos. Outros microsistemas com os quais a família interage, tais como escola, vizinhança, trabalho etc. poderão ser incluídos pensando no “tamanho do mundo que o adolescente conquista” e na ideia de que o sujeito supera todos os níveis do sistema.

Por fim, enfatizamos a relevância deste estudo que possibilitou uma ampliação do olhar acerca da educação de filhos adolescentes na contemporaneidade, para a formação de jovens ativos e autônomos. O estudo aqui apresentado, por abordar o desenvolvimento da autonomia em adolescentes por meio das práticas educativas empregadas por seus pais, proporcionará o avanço nas discussões em pesquisas futuras sobre esta temática, bem como poderá subsidiar o acompanhamento de famílias com filhos adolescentes.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida *et al.* Arranjos familiares de crianças das camadas populares. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 8, n. spe, p. 11-20, 2003.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 de jun. 2016.

ANDOLFI, Maurizio. A teoria dos sistemas familiares de Murray Bowen. **Terapia Familiare**, n. 68, p. 30-41, mar. 2002.

BARBOSA, Paola Vargas. **Desenvolvimento da autonomia em adolescentes: valores educativos e a legitimidade da autoridade parental**. 2014. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BARBOSA, Paola Vargas; WAGNER Adriana. A autonomia na adolescência: Revisando conceitos, modelos e variáveis. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Estudos de Psicologia**, v. 18, n. 4, p. 639-648, out/dez, 2013. Disponível em: <www.scielo.br/epsic>. Acesso em: 27 nov. 2005.

_____. Como se define a autonomia? O perfil discriminante em adolescentes gaúchos. **Temas em Psicologia**. 2015, Vol. 23, nº 4. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

BAUMRIND, Diana. Effects of authoritative parental control on child behavior. **Child development**, v. 37, 1966, p. 887-907.

BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper; BERGAMI, Nancy Benedita Berruezo. Família em fase de aquisição. Cap 3, p 48-73. *In*: CERVENY, Ceneide M de Oliveira; BERTHOUD, Cristiana M. Esper. (Orgs.). **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

BIASOLI-ALVES, Paola. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 1997, vol.10, n.2, p. 369-373. ISSN 1678-7153. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721997000200013>>. Acesso em: 7 dez. 2015.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE). jan./jun., 2007, v. 11, n. 1, p.63-76.

BOTTON, Andressa *et al.* Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 43-56, dez. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BOWEN, M. **De la familia al individuo**: la diferenciación del si mismo en el sistema familiar. Buenos Aires: Paidós, 1991.

_____. **Family Therapy in Clinical Practice**. New York: Jason Aronson, 1978.

BOWEN, Murray; KEER, Michael, E. Differentiation of Self. *In: Family Evaluation*. London. W. W. Norton & Company, 2009, cap 4, p. 89 a 111.

BUCHER-MALUSCHKE, Júlia Sursis Nobre Ferro. Do transgeracional na perspectiva sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da psicanálise. *In: Penso, Maria Aparecida; COSTA, Liana Fortunato (orgs). A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção*. São Paulo: Summus, 2008, p. 76-98.

BUCHIANERI, Luís Guilherme Coelho. **Adolescência, velocidade e tédio**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, 128 p.

BRANCO, Bianca de Moraes; WAGNER, Adriana; DEMARCHI, Karina Adriani. **Adolescentes infratores**: rede social e funcionamento familiar. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, 2008.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 1995. 210p.

BRAZ, Marcela Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora; SILVA, Nara Liana Pereira. **Relações Conjugais e Parentais**: Uma Comparação entre Famílias de Classes Sociais Baixa e Média. Universidade de Brasília. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 2005, v. 18, n. 2, p. 151-161

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996 (original publicado em 1979).

_____. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CALDANA, Regina Helena Lima. A criança e sua educação na família no início do século: autoridade, limites e cotidiano. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 87-103, ago. 1998. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1998000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 2 ago. 2016.

CALDEIRA, Bárbara Maria Santos; BARBOSA, Cláudia de Faria e CAVALCANTE, Vanessa Ribeiro Simon. Quem cuida de quem? Repensando as práticas familiares e a divisão do tempo/trabalho. *In: Dinâmica familiar do cuidador: afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos*. Salvador, Bahia: EDUFBA, 2012, cap 4.

CAMACHO, Inês; MATOS, Margarida Gaspar de. Práticas parentais educativas, fobia social e rendimento acadêmico em adolescentes. **Rev. bras. ter. cogn.** [online]. 2007, vol.3, n.2, p.0-0. ISSN 1808-5687. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872007000200003>. Acesso em: 5 nov. 2015.

CARTER, B.; Mc GOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo da vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 07-29.

CARVALHO, Mariana Sanches Della Pace de; SILVA, Barbara Maria Barbosa. Estilos parentais: um estudo de revisão bibliográfica. **Rev. Psicologia em Foco**, Frederico Westphalen, v. 6, n. 8, p.22-42. dez. 2014. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/1571/1768>>. Acesso em: 26 out. 2015.

CASSONI, Cynthia. **Estilos parentais e práticas educativas parentais**: revisão sistemática e crítica da literatura. Dissertação (Mestrado) Psicologia – FFCLRP. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Violência simbólica e organizações familiares. *In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (Org.). Família e Casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005, p. 266-277.

CECCONELLO, Alessandra Marques, DE ANTONI, Clarissa; KOLLER, Sílvia Helena. Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, num. esp., 2003, p. 45-54.

CERVENY, Ceneide M de Oliveira; BERTHOUD, Cristiana M. Esper. (Orgs.) **Visitando a Família ao longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

CERVENY, Ceneide M de Oliveira; BERTHOUD, Cristiana M. Esper. (Orgs.) **Família e ciclo vital**: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

COELHO, Sônia Vieira. Revendo os papéis na parentalidade: paternidade e maternidade. *In*: AUN, Juliana Gontijo; VASCONCELLOS, Maria José Esteves De; COELHO, Sônia Vieira. **Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais**. vol I, Fundamentos Teóricos e Epistemológicos, Belo Horizonte: Ophicina De Arte e Prosa, 2005, p.211-223.

_____, Sônia Vieira. Relações Intergeracionais na Família. *In*: AUN, Juliana Gontijo; VASCONCELLOS, Maria José Esteves De; COELHO, Sônia Vieira. **Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais**. vol I, Fundamentos Teóricos e Epistemológicos, Belo Horizonte: Ophicina De Arte e Prosa, 2005, p.197-210.

CORBISIER, Mateus Tiago. Ideais na adolescência: **falta (d)e perspectivas na virado do século**. São Paulo: Annablume: Fapesb, 2002.

COSTA, LF. Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. *In*: NASCIMENTO, AD; HETKOWSKI, TM (Orgs.). **Educação e contemporaneidade**: pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 356-371. ISBN 978-85-232-0872-1. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

CHAVES, Ulisses Herrera. Família e Parentalidade. CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira (org). *In*: **Família e...** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, cap. 3.

CHAVES, A. M.; CABRAL, A.; RAMOS, A. E.; LORDELO, L.; MASCARENHAS, R. Representação social de mães acerca da família. **Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.**, S. Paulo, 12(1), p. 11-16, 2002.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Trad. Magda França Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DARLING, N.; STEINBERG, L. **Parenting style as a context: an integrative model**. Psychological Bulletin, v. 113, p. 487-496, 1993.

DESSEN, Maria Auxiliadora. **A Ciência do Desenvolvimento Humano**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Psicologia em Pesquisa | UFJF | 5(01) | 86-90 | Janeiro-Junho de 2011.

DESSEN, M, A.; PEREIRA-SILVA, N. L. (2004). *In*: DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Universidade de Brasília: Distrito Federal, Brasil, Paidéia, 2007, v. 17, n. 36, 21-32.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI: abordagem relacional**. São Paulo: Paulinas, 2008.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. Adolescência e Saúde. **Revista Oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente**, v. 2, n. 2, p. 6-7, 2005. UERJ. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167>. Acesso em: 28 nov. 2015.

ELKAIM, Mony (Org). **Panorama das terapias familiares**. Trad.: Eleny Corina Heller. São Paulo: Summus, 1998, vol. 1.

FALCKE, Denize e WAGNER, Adriana. A dinâmica familiar e o fenômeno transgeracionalidade: definição de conceitos. *In*: **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares**. Ed: EDIPUCRS, Porto Alegre, 2014, p. 25-46.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed., São Paulo: Atlas, 2007.

GRANDESSO, Marilene. **Sobre a Reconstrução do Significado: Uma Análise Epistemológica e Hermenêutica da Prática Clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GUIMARÃES, Nina Vasconcelos. **Diferenciação do Self e o Ser Terapeuta**. 2005. Dissertação (Mestrado) Família na Sociedade Contemporânea. Universidade Católica de Salvador, Bahia.

HOFFMAN, Lynn. O ciclo de vida familiar e a mudança descontínua. *In*: CARTER, B.; Mc GOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo da vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 84-96.

HOFFMAN, M. L. **Moral, internalization, parental power and the nature of parent-child interaction.** *Developmental Psychology*, 1975, p. 228-239.

KRAUSKOPOF, Dina. El desarrollo psicológico en la adolescencia: las transformaciones en una época de cambios. **Adolesc. salud** [online]., vol.1, n.2, p. 23-31, 1999. ISSN 1409-4185. Disponível a partir <http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-41851999000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: de 05 maio de 2016.

LEAL, ANDREA FACHEL. **Uma antropologia da experiência amorosa:** estudo de representações sociais sobre sexualidade. 2003, 163 páginas. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, jan., 2003.

LERNER, Richard M. Prefácio: Urie Bronfenbrenner - Contribuições da carreira de um cientista do desenvolvimento humano pleno. *In:* BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano:** tornando os seres humanos mais humanos. Trad.: André de Carvalho-Barreto. Revisão técnica: Silvia H. Koller. Porto Alegre: Artmed, 2011, p.19-36.

LUISI, Liz Verônica Vercillo; FILHO, Raphael Cangelli. A família em fase adolescente. *In:* CERVENY, Ceneide M de Oliveira; BERTHOUD, Cristiana M. Esper. (Orgs.) **Família e Ciclo Vital:** nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p.75-100.

MACARINI, Samira Mafioletti *et al.* **Práticas parentais:** uma revisão da literatura brasileira. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, abr. 2010. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2015.

MACEDO, Rosa, Maria S, de; KUBLIKOWSKI, Ida; BERTHOUD, Cristiana M. E. Valores positivos e desenvolvimento do adolescente: uma perspectiva dos pais. **Rev Bras. Crescimento Desenvolv. Humano**, v.16, n. 2, p. 38-52, 2006. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n4/v14n4a09.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

MACCOBY, E.; MARTIN, J. Socialization in the context of the family: parent-child interaction. *In:* P. H. Mussen; E. Hetherington (Eds.). **Handbook of child psychology.** Vol. 4; Socialization, personality and social development. New York: Wiley, 1983, p.1-101.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. (Org.) **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 22. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias: Funcionamento e Tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982, cap.3, p.52-69.

MINUCHIN, Salvador; FISHMAN, Charles, H. **Técnicas de Terapia Familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MINUCHIN, Patrícia; COLAPINTO, Jorge; MINUCHIN, Salvador. **Trabalhando com famílias pobres**. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

MINUCHIN, Salvador; FISHMAN, S. Charles. **Técnicas de terapia familiar**. Trad. Claudine Kinsch, Maria Efigênia F. R. Maia. Porto Alegre: Artmed, 1990.

MONDIN, Elza Maria Canhetti. Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. **Psicol. Argum.** 2008, jul./set., v. 26, n. 54, p. 233-244, Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/pa-2498%20(2).pdf>. Acesso em: 17 de out 2016.

MULLER, Elaine. **“A Transição é a vida inteira”**: uma etnografia sobre os sentidos e a assunção da adultez. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, Recife, 2008, 284 f.

NICHOLS, Michael P.; SCHWARTZ, Richard C. Terapia familiar boweniana. *In*: **Terapia Familiar: conceitos e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

NOOM, M.J.; DEKOVIC, M. & MEEUS, W.H.J. **Conceptual analysis and measurement of adolescent autonomy**. *Journal of Youth and Adolescence*, v. 30, n. 5, p. 577-595, 2001.

OLIVA, Alfredo & PARRA, Águeda. **Autonomía emocional durante la adolescencia**. Universidad de Sevilla. *Infancia y Aprendizaje*, v. 24, n. 2, 181-196, 2001.

OMS. (WHO). **World Health Organization**. Young People's Health - a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731. Geneva: WHO, 1986.

PETRINI, João Carlos. **Pós-modernidade e família**: um itinerário de compreensão. São Paulo: EDUSC, 2003, 230 p.

_____, João Carlos, CAVALCANTI, Vanessa, R. S (Orgs.). **Família, sociedade e subjetividades**: uma perspectiva multidisciplinar. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

_____, João Carlos. **Mudanças sociais e familiares na atualidade**: reflexões à luz da história social e da sociologia. Memorandum. v.8, p.20-37, 2005. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/petrini01.htm>>. Acesso em: 10 set. 2016.

PETRINI, João Carlos; DIAS, Marcelo Couto. A família e os seus desafios na contemporaneidade. *In*: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos (Org.). **Psicologia, família e direito**: interfaces e conexões. Curitiba: Juruá, 2013. 500p. Coleção Família e Interdisciplinaridade.

PACHECO, Janaína Thaís Barbosa; SILVEIRA, Luiza Maria de Oliveira Braga; SCHNEIDER, Andréia Mello de Almeida. **Estilos e práticas educativas parentais**: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, PSICO, Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n. 1, p. 66-73, jan./mar. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1480/2797>> Acesso em: 07 nov. 2015.

PAPERO, Daniel V. A Teoria sobre os Sistemas Familiares de Bowen. *In*: ELKAIM, M. (Org.) **Panorama das Terapias Familiares**. Trad. Eleny Corina Heller. 2. ed. São Paulo: Summus, 1998, vol. 1.

PENSO, Maria Aparecida; COSTA, Luana Fortunato; RIBEIRO, Maria Alexina. Aspectos teóricos da transmissão intergeracional e do genograma. *In*: Penso, Maria Aparecida; COSTA, Liana Fortunato (Orgs.). **A transmissão geracional em diferentes contextos**: da pesquisa à intervenção. São Paulo: Summus, 2008, p. 9-23.

PICCININI, Cesar Augusto; ALVARENGA, Patrícia. **Maternidade e Paternidade**: A parentalidade em diferentes contextos. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2012, 415 p.

PONCIANO, Edna Lúcia Tinoco; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Relação Pais-Filhos na Transição para a Vida Adulta, Autonomia e Relativização da Hierarquia.

Psicol. Reflex. Crit. [online], Rio de Janeiro, vol.27, n.2, p. 388-397, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722014000200388&script=sci_arttext>. Acesso em: 30 out. 2015.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000200005>. Acesso em: 20 out. 2016.

PRETO, Nydia Garcia. Transformações do Sistema Familiar na Adolescência. *In*: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica e cols. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura para a Terapia Familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 223-245.

RECHEIRT, Claudete Bonatto. Educar para a autonomia: desafios e perspectivas. *In*: WAGER, Adriana. et al. **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 89-98.

_____. **Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais**. 2006. Dissertação (Mestrado) - Psicologia - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RECHEIRT, Claudete Bonatto; WAGNER, Adriana. **Considerações sobre a autonomia na contemporaneidade**. Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, RJ, ano 7. n. 3, 2007. (Mestrado em Psicologia) intitulada Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. *In*: CARVALHO, Maria do Carmo B. (Org). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Cortez, 1995, p. 73-87.

SARTI, Cynthia Andersen. Família e Individualidade. *In*: CARVALHO, M. do Carmo Brant de (Org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC, 1995.

_____, Cynthia Andersen. **A família como ordem simbólica**. Escola Paulista de Medicina – UNIFESP. Psicologia USP, 2004, v. 15, n. 3, 11- 28.

SARTI, Cynthia Andersen. Família e jovens: no horizonte das ações. Centro de Estudos em Saúde Coletiva. Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina. **Rev. Brasileira de educação**, n. 11, p. 99-109, 1999.

SCABINI, Eugenia & RANIERI, Sonia. Família com filhos adolescentes: a perspectiva relacional. *In*: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira. **Família e Parentalidade**: olhares da psicologia e da história. Curitiba: Juruá, 2011, p. 169-186.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero - Cad. **Pagu**, n.16, Campinas, 2001a. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332001000100008>>. Acesso em: 10 set. 2016.

SCAVONE, Lucila. **A maternidade e o feminismo**: diálogo com as ciências sociais. Cad. Pagu [online], n.16, p. 137-150, 2001b. ISSN 0104-8333. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332001000100008>>. Acesso em: 10 set. 2016.

SEGRE, Márcio; SILVA, Franklin L.; SCHRAMM, Fermin, R. **O contexto histórico, semântico e filosófico do princípio de autonomia**. Portal do Médico, 2005. Disponível em: <<http://www.portaldomedico.org.br/revista/bio1v6/conthistorico.htm>>. Acesso em: 30 out. 2015, p. 1-9.

SINGLY, François De. **Sociologia da Família Contemporânea**. Trad: Rute Esteves Mota. Armand Colin, 4. ed, 2010.

SINGLY, François de. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. *In*: PEIXOTO, Clarisse Ehlers; SINGLY, François de; CICCHELLI Vincenzo (orgs.) **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SUDBRACK, M. F. O. (2001). Terapia familiar sistêmica. *In*: S. D. Seibel & A. Toscano Jr. (Orgs.) **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, p. 403-415.

RODRIGUEZ, G.; FLORES, J.G.; JIMÉNEZ, E.G. **Metodologia da investigação qualitativa**. Málaga: Aljibe, 1999.

ROSSET, Solange Maria. Família com adolescentes. *In*: OSÓRIO, Carlos, Luis; DO VALLE, Maria Elizabeth Pascual (cols.). **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 263-272.

SAMPAIO, Isabela T. A. Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: atualização. **Rev. bras. crescimento desenvolvimento humano**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 144-152, ago. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822007000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 out. 2016.

SWARTZ, Teresa Toguchi. Intergenerational Family Relations in Adulthood: Patterns, Variations, and Implications in the Contemporary United States. **Annu. Rev. Sociol.** 2009. 35: 191-212.

TEIXEIRA, Alana; LOPES, Larissa; GUIMARÃES, Nina. Adolescência: arena da invisibilidade e marginalidade na relação parental. *In*: GUIMARÃES, Nina Vasconcelos (Org.). **Autoridade e Autonomia em tempos líquidos**: a teoria sistêmica na contemporaneidade. Belo horizonte: Ophicina de Arte e Prosa, 2014, p.107-136.

TEIXEIRA, MÁRCIO Antônio Pereira, OLIVEIRA, Adriano Machado, WOTTRICH, Shana Hastenpflug. **Escalas de Práticas Parentais (EPP)**: Avaliando Dimensões de Práticas Parentais em Relação a Adolescentes. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil. Disponível em: <www.scielo.br/prc>. Acesso em: 19 nov. 2015.

TEPERMAN, Daniela. Família, parentalidade e época: articulações possíveis. *In*: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira. **Família e Parentalidade**: olhares da psicologia e da história. Curitiba: Juruá, 2011, p.157-167.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. Pensamento Sistêmico Novo Paradigmático: Novo-Paradigmático, por quê? **Revista Família e Comunidade**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2004, p. 91-104.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

WAGNER, Adriana; TRONCO, Cristina e ARMANI, Ananda Borgert, 2011. Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. *In*: WAGER, Adriana. *et al.* **Desafios psicossociais da família contemporânea**: pesquisas e reflexões. Porto Alegre: Artmed, 2011, p.19-35.

WAGNER, Adriana *et al.* Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, DF, v. 21, n. 2, ago. 2005.

WAGNER, Adriana. Família e educação: aspectos relativos a diferentes gerações. *In*: FERREZ-CARNEIRO, Teresinha. **Família e casal**: efeitos da contemporaneidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Trad: Cristian Matheus Herrera. 5º ed. Porto Alegre: Booman, 2015.

APÊNDICES**APÊNDICE A – ENTREVISTA PARA PAIS E MÃES****I - IDENTIFICAÇÃO**

Código de identificação do entrevistado: _____

Idade: _____

Sexo: Masculino () Feminino ()

Bairro de moradia _____

Tempo de casamento: _____

Número de pessoas na família: _____

Ordem de nascimento do adolescente: _____

Foi um filho planejado ou não? _____

Escolaridade: _____

Profissão/Ocupação: _____

Religião: _____ Praticante: Sim () Não ()

Renda familiar: 10 a 20 SM ()

20 a 30 SM ()

30 a 40 SM ()

Breve história de vida do participante, de formação do casal e do(s) filho(s) adolescente(s).

II - QUESTÃO DISPARADORA DA ENTREVISTA:

Convido o(a) Sr./Sra. a compartilhar a sua experiência enquanto pai/mãe de filho (a) adolescente, relacionando suas práticas educativas com desenvolvimento da autonomia do(a) seu(ua) filho(a).

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: O desenvolvimento da autonomia na educação de filhos adolescentes: um estudo em famílias de camada média urbana.

Responsável: Katharine Marques Muniz Guimarães.

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: Universidade Católica do Salvador – UCSAL

Endereço e telefones Institucionais: Avenida Cardeal da Silva, 205 - Federação, CEP: 40.231-902 Salvador, BA. Fone/Fax: (71) 3203-8902.

Telefones para contato: (71) 999777181 **E-mail:** katharine.guimaraes@ig.com.br

Código de identificação do entrevistado: _____

O Sr/Sra. está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: O desenvolvimento da autonomia na educação de filhos adolescentes: um estudo em famílias de camada média urbana, de responsabilidade da pesquisadora Katharine Marques Muniz Guimarães e sob orientação da professora Dra. Livia Alessandro Fialho Costa, para dissertação de mestrado em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador – UCSAL. O método adotado nesta pesquisa é o qualitativo, sendo um estudo de casos múltiplos, utilizando como instrumento de coleta de dados a entrevista aberta com os pais. Tal escolha emergiu da necessidade de permitir aos pais e mães se expressarem livremente, facilitando o acesso aos conteúdos mais profundos. Deste modo, pretendemos como objetivo geral: analisar a compreensão de pais e mães acerca de suas práticas educativas relacionadas ao desenvolvimento da autonomia de seus filhos adolescentes. Como objetivos específicos: investigar as concepções de autonomia para pais e mães de filho(s) adolescente(s); compreender as práticas educativas que pais e mães relacionam com o desenvolvimento da autonomia dos seus filhos adolescentes e discutir o papel parental no desenvolvimento da autonomia de filhos adolescentes na contemporaneidade. Justificamos a escolha pela fase da família com filhos na adolescência por ser um período de transição mais fortemente marcado pela obediência às regras impostas pelos pais, as quais passam a ser questionadas criticamente, e outras novas criadas a partir de negociações feitas entre ambas as partes.

O estudo seguirá as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos (Resolução 466/12), do Conselho Nacional de Saúde. Em atendimento à referida Resolução, os informantes serão devidamente esclarecidos quanto aos propósitos do estudo e terão garantidos os seus direitos quanto à participação livre, sigilo da sua identificação e confidencialidade dos dados fornecidos. Serão incluídos no estudo os que aceitarem participar mediante o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Diante dos objetivos e do público alvo desse estudo, consideramos que a aplicação de entrevista aberta, a qual contempla experiências pessoais, poderá gerar riscos decorrentes da participação na pesquisa, ainda que possam ser mínimos. Como procedimentos possíveis para minimizar riscos e desconforto, a pesquisadora garantirá a privacidade e sigilo a cada entrevistado buscando realizar a entrevista individualmente e em um espaço físico e horário mais adequado. Caso se identifique algum risco ou dano ao entrevistado, haverá a suspensão imediata da pesquisa e a pesquisadora irá ainda disponibilizar seus meios de contato direto como e-mail e telefone. Se, por ventura, ocorrer a necessidade de intervenção psicoterapêutica, seja por identificação da pesquisadora ou do entrevistado, os participantes serão encaminhados para acompanhamento psicológico individual e/ou familiar.

Eu, _____, portador do RG nº _____ declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, aceito participar da presente pesquisa. Salvador/BA, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora responsável